

Entrevista semiestruturada com a docente A

A docente A situa-se na faixa etária 35-45 anos. É docente de Geografia e Diretora de 3.º Ciclo numa escola privada do Funchal. Foi Diretora de Turma durante vários anos. Participou numa série de projetos despoletados pela Secretaria da Educação.

[ENTREVISTADOR] Hoje é dia 1 de junho de 2018. São 5h10 e estamos no gabinete da Diretora de 3.º Ciclo do [censurado].

[ENTREVISTADOR] A primeira pergunta é... Qual é a tua experiência profissional? Não é que eu não saiba, 'tás a perceber, mas...

[DOCENTE A] Profissional? Pronto. 18 anos a trabalhar no Colégio [censurado] e um de estágio, que foi na Mouzinho da Silveira, na Baixa da Banheira.

[ENTREVISTADOR] Ui... Isso eu não tenho que escrever, mas...

[DOCENTE A] Mas também já trabalhei... Ai, sem ser nas escolas?

[ENTREVISTADOR] Eu sei que tu também já...

[DOCENTE A] No IPTL.

[ENTREVISTADOR] IPTL?

[DOCENTE A] Sim, que é um Instituto de... que dá aqueles cursos profissionais. Também...

[ENTREVISTADOR] E também já tiveste envolvida naquele projeto da Secretaria da Educação, do...

[DOCENTE A] Sim, o projeto do... [hesita]

[ENTREVISTADOR] “Estou na escola”...

[DOCENTE A] O “Estou na escola com os meus amigos” que era de alunos que estavam hospitalizados e que mantinham contacto com a escola e faziam as atividades escolares em ambiente hospitalar ou em casa, quando ‘tavam internados — quando ‘tavam em casa, não podiam ir para a escola por razões de saúde.

[ENTREVISTADOR] Pois, eu tinha a ideia que tinhas assim um currículo vasto, além de teres muita formação...

[DOCENTE A] Sim, tem... Formação... Queres é só aquilo que eu trabalhei, não é? [ri]

Ah não, não, uh... Pronto, podes dizer o que quiseres, não...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Não há nada aqui de... de especial. E tu... [hesita] já sabes que isto tem a ver com o Desenvolvimento Sustentável, e Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Tu tens uh... que tipo de... Tens algum tipo de relação com isto, ou...?

[DOCENTE A] Sim, a disciplina que eu leciono, Geografia, tem mesmo um dos, dos, das unidades, a última unidade é mesmo para falar sobre o Desenvolvimento Sustentável. Eu por acaso já abordo antes. Nós já no 8.º ano falamos, falamos de, de Desenvolvimento Sustentável, quando falamos das cidades.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE A] Mas no 9.º ano é mais específico, porque falamos também dos Objetivos do Milénio, e como, uh, a sustentabilidade é muito referida pela ONU na parte dos Objetivos do Milénio, nós falamos muito disso.

[ENTREVISTADOR] Já não é... Vocês já não... não dão os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável?

[DOCENTE A] Uh, sim.

[ENTREVISTADOR] O[s] Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável?

[DOCENTE A] Sim. Damos os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável; exatamente.

[ENTREVISTADOR] Não, que entretanto mudou, não é?

[DOCENTE A] Sim, porque era...

[ENTREVISTADOR] Antes era os Objetivos do Milénio...

[DOCENTE A] Sim, antes era os Objetivos do Milénio e agora é Objetivos do Milénio para — mas para o Desenvolvimento Sustentável, sim. Uh, que é até 2030.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[conversa em simultâneo]

[ENTREVISTADOR] Tá aí até...

[DOCENTE A] Também vem.

[ENTREVISTADOR] 'Tá aí a citação até, no, no coisa...

[fim da conversa em simultâneo]

[DOCENTE A] Exatamente. Também está contemplado no 9.º ano, no programa de 9.º ano. E é uma coisa que eles gostam, e porque tem a ver com... É muito fácil — foi muito fácil dar o 9.º ano este ano porque... Tanta coisa que houve; o Trump também ajudou um pouco... [riem] porque desde o protecionismo, desde o não ligar às tecnologias limpas. Desde... Ou seja, certas coisas que se passaram que deu perfeitamente para eles começarem a... a ver não só o que... a teoria com a própria prática. E mesmo da ONU, quando se fala do Conselho de Segurança: o facto de... do Conselho de Segurança ‘tar — ‘tar muito baseado em 5 países e se eles não tiverem de acordo, nunca conseguem a... os Capacetes Azuis nunca conseguem entrar; isso é na parte da ONU.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE A] Mas pronto.

Tem o... Este conceito do Desenvolvimento Sustentável foi muito divulgado foi por — pela ONU.

[DOCENTE A] Pela ONU, exatamente.

[ENTREVISTADOR] Por isso não me surpreende que, que lembre isso logo. [pausa para formular uma afirmação] Aqui, para ti então a expressão de Desenvolvimento Sustentável é uma expressão comum.

[DOCENTE A] É, é uma expressão comum. Eu já ouço falar de Desenvolvimento Sustentável desde que eu ‘tava no 12.º ano. Portanto, eu ‘tava em “Introdução ao Desenvolvimento Económico Social”, a ter... no 12.º ano, e já ouvi falar no Desenvolvimento Sustentável e na sustentabilidade. Era um termo que tinha surgido, há poucos anos, e que ‘tava a entrar no currículo também.

[DOCENTE A] Nos anos 90 deve..., por aí. No 12.º ano penso que, que já é — já lembro-me de termos falado disto. Por isso foi muito fácil p’ra mim também durante a Universidade e mais tarde perceber o que era o conceito e poder... poder falar dele.

[ENTREVISTADOR] Então tu aqui distinguiste Desenvolvimento Sustentável e sustentabilidade...

[DOCENTE A] ... E sustentabilidade, sim.

[ENTREVISTADOR] Pois. Então tu — claro que tu... então tu fazes a distinção entre as duas; não é?

[DOCENTE A] Sim, a sustentabilidade pode ser aplicada a várias... [hesita] não só... o Desenvolvimento Sustentável é um conceito... aliás, a sustentabilidade é um conceito mais amplo do que o próprio Desenvolvimento Sustentável, acho eu [ri].

[ENTREVISTADOR] Sim. Não, é porque hoje em dia... [pausa] a gente ouve falar muito nos meios de comunicação... uh...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... Na palavra sustentabilidade.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Se calhar mais do que... Desenvolvimento Sustentável, não é?

Sim, mas a sustentabilidade pode se — pode ser aplicada às coisas... mais pequenas a outras... [hesita] de âmbito mais global, daí que Desenvolvimento Sustentável eu aplico muito aos países, à forma... ou mesmo às regiões. É mais um conceito político de certa maneira de — medidas políticas, de medidas que se tomam no dia-a-dia, do que propriamente sustentabilidade, que é uma coisa mais geral. O Desenvolvimento Sustentável é... permitir que as pess[oas]... que haja um desenvolvimento, que haja uma evolução, mas respeitando o ambiente, respeitando tudo: o ambiente, o ser humano — tudo.

[ENTREVISTADOR] Pois. E... tu já sabes... Até 'tá aí na folhinha: se calhar...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... tu tinhas a noção que este conceito do Desenvolvimento Sustentável já vem de 1987.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] [hesita] Quer dizer, há pouco 'tavas a falar por exemplo nas questões do Trump, daquele descuidado, daquele descuido completo com as questões ambientais, mas se pensarmos bem, em 30 anos não houve assim grandes mudanças — acho eu — não houve assim grandes mudanças de fundo e impacto assim alargado nas práticas...

[DOCENTE A] Não houve, mas...

[ENTREVISTADOR] ... do, da humanidade.

[DOCENTE A] Mas as mudanças de mentalidade, como demoram muito tempo, nós tamos numa época que agora vai mudar mesmo; eu acredito que agora sim. Ou seja, como — eu não acredito em mudanças rápidas, ainda por cima quando tem a ver com a nossa mudança de

atitude em relação a determinadas coisas. Mas já há tanto tempo que há... Já o Gore lá tinha um documentário que já há bastantes anos que ele tinha feito — já eu mostrava aos meus alunos há muitos anos. Esse...

[ENTREVISTADOR] Sim, ele já fez uma segunda versão.

[DOCENTE A] Pois, mas a primeira de todas, eu lembro-me de a mostrar e de ser... pronto, e já toda a gente pensar “ah, mas isso... temos que agir” — toda a gente fica com aquela sensação “temos que agir, temos que agir”, mas na verdade ninguém o fazia; porquê? Também toda a gente tem aquela coisa de “p’ra que é que eu vou fazer, se os outros também não fazem?” [ri]. E por isso... Só que, já foi tanto — e aí a grande responsabilidade é dos media. Esta divulgação, já tantos atores fizeram tanto documentário; já há tanta, tanto alerta que isto já faz parte da nossa maneira de pensar. Portanto, hoje em dia eu acho que todos os miúdos sabem o que é — como é que devem preservar o ambiente e como é que devem — como é que as coisas devem ser, uh, corretamente feitas. Não sei. Acho que é... Porque acho que já tamos a chegar ao patamar em que já é.. já há essa mudança. 87 foi... era muito...

[ENTREVISTADOR] Sim, foi quando surgiu esse Relatório, o Relatório Brundtland... Foi o...

[DOCENTE A] Aqui ‘távamos perto de uma crise do petróleo... começam a haver aqueles problemas de... É quando eles começam a ver que se calhar é melhor a gente mudar p’ra... para outro tipo de energia, e por isso surge esta parte da sustentabilidade — mas ainda havia muita gente a ganhar dinheiro com o petróleo, por isso não...

[ENTREVISTADOR] Pois, ainda hoje em dia ainda há, não é?

[DOCENTE A] Ainda há, ainda há muita gente, mas eu acho que... O facto de estar a haver uma reconversão, em todas... e serem obrigados a tomar — a fazer essa reconversão mesmo na União Europeia. Eu penso que em pouco tempo conseguimos fazer aqui uma mudança. Todos os — a indústria automóvel ‘tá a fazer uma reconversão — obrigatória — portanto, basta ser obrigatório, e as pessoas também por si já percebem. Aliás, com o preço do petróleo hoje em dia [ri] para entender, o melhor é ter um carro elétrico. Ainda por cima que agora é tudo gratuito: o carregamento...

[ENTREVISTADOR] Ah, acho que já retiraram isso...

[DOCENTE A] Já tiraram?

[ENTREVISTADOR] Aqui no Funchal. Sim.

[DOCENTE A] Mas ‘tava lá em baixo.

[ENTREVISTADOR] Sim, tinha gratuito, mas acho que retiraram aqui no Funchal.

[DOCENTE A] Então não sei, mas eu lembro-me... ainda há pouco tempo vi ali, ao lado [do Museu] da Empresa de Eletricidade — não, do Parque [de estacionamento] Almirante Reis... Tinha um “coiso” [dispositivo] de carregamento. Já tiraram isso?

[ENTREVISTADOR] Não, retiraram a gratuitidade.

[DOCENTE A] Ah, pronto, mas sei que mesmo assim... Por exemplo, o ARMAS [o nome pelo qual é conhecido o ferry que liga território continental português à Ilha da Madeira]... [conversa em simultâneo]

[ENTREVISTADOR] E ali ao lado do Hotel CR7... [fim da conversa em simultâneo]

[DOCENTE A] ... 50% para levar um carro elétrico. 50% de desconto...

[ENTREVISTADOR] Ah é?

[DOCENTE A] ... por ser elétrico.

[ENTREVISTADOR] Isso eu não sabia.

[DOCENTE A] É muito bom! Ou seja: o que eu acho que ainda não há é... Aquela parte como já houve há uns anos que é: se comprares um equipamento... [ao mesmo tempo que escrevia no computador] uh... que não faça mal ao ambiente... Teres um desconto...

[ENTREVISTADOR] Ter benefícios fiscais.

[DOCENTE A] ... Teres um — teres um benefício fiscal. Isso é que não... infelizmente. Eles têm que voltar a ir buscar isso. E mesmo os materiais; e mesmo os edifícios públicos — começar pelos edifícios públicos e torná-los todos autossustentáveis...

[ENTREVISTADOR] E...

[DOCENTE A] ... e isto seria uma forma de... dos outros todos, de todos os cidadãos passarem a fazer a mesma coisa.

[ENTREVISTADOR] Uh, sim, isso até na — nas universidades há um movimento de “greening” de... esverdear...

[DOCENTE A] Sim, p’ra fazer isso.

[ENTREVISTADOR] É um primeiro passo, dizem. [longa pausa, a ler os apontamentos] Então, tu há pouco falaste mais da questão do... do ambiente... Dos miúdos que já ‘tão mais

sensibilizados para a questão do ambiente, mas aqui o... o Desenvolvimento Sustentável tem aquela questão de assentar em 3 pilares — como tu já disseste, também.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... Que é da...

[DOCENTE A] Da economia...

[ENTREVISTADOR] Da economia, da sociedade e da...

[DOCENTE A] ... do ambiente.

[ENTREVISTADOR] ... do ambiente, sim. Há vários autores que identificam que há um grande desequilíbrio nesses 3 pilares. O que é que achas dessa ideia?

[DOCENTE A] Sim. E aliás, as nossas sociedades dão sempre primazia à economia [ri]. E o que o Trump veio mostrar é isso, é que a economia compra tudo e o dinheiro é que gere o mundo. Uh, não é fácil mudar isto, porque como somos democracias [ri, baixo] a economia é que — é gerida sem a intervenção do estado, e portanto não dá para mudar grande coisa. A sociedade, que é o facto de, da igualdade de direitos, da igualdade de género — eu acho que cada vez se toma mais atenção a isso, mas claro que a economia ainda continua a ser dada a primazia porque... Sem a economia ‘tar numa boa forma, também não há dinheiro para investir no ambiente nem na sociedade... nem na cultura... na mudança de mentalidades, que implica as outras 2 vertentes.

[Entrevistador escreve e há um momento de silêncio]

[DOCENTE A] Agora, se é... se tem que haver um equilíbrio, caminha-se para isso, mas também não é fácil num mundo onde as pessoas matam-se umas às outras por nada [ri, baixo, com a ironia].

[ENTREVISTADOR] Pois, é isso.

[DOCENTE A] O problema [es]tá, é educar numa altura que a gente diz “temos que ser assim, temos que ser assertivos, não à violência” e depois os — o que eles veem de exemplos das pessoas que estão nos poderes, nos cargos políticos é tudo ao contrário.

[ENTREVISTADOR] Pois [enquanto escreve].

[DOCENTE A] É uma pessoa que vai reativar as minas de carvão, é o...

[ENTREVISTADOR] Aqui em Portugal?

[DOCENTE A] ... é continuar com as...

[DOCENTE A] Não, é o Trump.

[ENTREVISTADOR] Ah, é o Trump.

[DOCENTE A] É o Trump.

[ENTREVISTADOR] Ele agora tá com aquela história do acordo do...

[DOCENTE A] Sim, ele deu cabo do...

[ENTREVISTADOR] Da proteção, daquela questão de...

[DOCENTE A] É o protecionismo; tá a fazer protecionismo. Ele tá a fazer coisas que tá comprovado que nunca poderão levar ao êxito de um país, só que ele tá a fazer isto porque... É polémico; ele levanta polémica, eu acho que ele não gosta de ser esquecido, mas isso já é outro aparte [entre risos] eu acho que aquele homem é narcisista. É, porque ele vai perceber que aquilo não vai dar em nada.

[ENTREVISTADOR] Aquilo são medidas populistas, por que ele quer também, uh, satisfazer o que a população... Acho eu...

[DOCENTE A] Sim, mas repara: a partir do momento em que os outros também lhe vão fechar as portas à entrada dos produtos dos americanos, o que é que é feito da América? É, é ... basta... Tudo bem, eles podem subsistir — não sei se são [capazes] — acho que nenhum país, neste momento, é totalmente autossustentável.

[ENTREVISTADOR] ... É autossustentável, sim.

[DOCENTE A] Não?

[ENTREVISTADOR] A economia — por isso é que se chama de economia global, não é?

[DOCENTE A] Pois, nós já tamos nisto. Ele quer sair da economia global, mas não sei se vai ter... Ainda tem a mentalidade “America is” ...

[ENTREVISTADOR] ...É a maior.

[DOCENTE A] “Let’s make America great again”. [riem ambos, baixinho]

[ENTREVISTADOR] Aqui, essa definição de... — acho eu que é essa definição do Desenvolvimento Sustentável falta em — fala em necessidades — Ah, pois fala...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Tá aqui de... aquela que, [a olhar para a folha que ofereceu à entrevistada] ‘atende às necessidades do presente sem comprometer... [conversa em

simultâneo]

[DOCENTE A] ... aquele que atende... ah sim.

[ENTREVISTADOR] ... as necessidades das gerações futuras, não é? .

[DOCENTE A] Sim. A sustentabilidade é isso, é... que, acho eu, também no meu ver, vejo sempre “se é sustentável é algo que prove que se mantém para o futuro”, mantém-se para os outros e... pelo menos é isso que tento transmitir. Mas há uma coisa engraçada, que vem agora no manual de 9.º ano, e que fala na resiliência, Desenvolvimento Sustentável com resiliência. Que é com adaptação...

[ENTREVISTADOR] Desenvolvimento Sustentável... parece engraçado.

[DOCENTE A] [conversa em simultâneo] É. Com adaptação às diferentes — às, às coisas novas. É muito giro, por acaso até posso te mostrar [vai buscar o manual à sua pasta] porque é mais um termo que eles, que eles colocam com... [hesita] Desenvolvimento Sustentável. Uai, a ver se ‘tá aqui... Não sei se posso fazer...? [coloca o manual entre nós] Posso?

[ENTREVISTADOR] Ah, podes.

[DOCENTE A] [abre e folheia o manual] Pronto. Tá isto que eu ‘tava a falar.

[ENTREVISTADOR] [conversa em simultâneo] São os 3 pilares... Ambiente, económico...

[DOCENTE A] [conversa em simultâneo] Exatamente, são os 3 pilares. E depois, depois — tenta ir buscar com resiliência. A capacidade então de fazer, uh... de lidar com a mudança... Porque depois é a tal coisa, tu... tu vais por ali, por um caminho que tiras achando que vais para o Desenvolvimento Sustentável, mas se calhar há outras maneiras, e é nesse sentido quando te acontece qualquer problema e tu persistes na mesma coisa; às vezes é isto, que é a capacidade de lidar com a mudança e continuar a desenvolver-se.

[ENTREVISTADOR] Mas não deixa — não deixa de ser Desenvolvimento Sustentável, pois não?

[DOCENTE A] Não, não! Continua a ser, só que com resiliência. Ou seja, não - não desistindo e adaptando-se de certa forma para tentar...

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE A] Por acaso acho, acho que foi engraçado — ‘tá... lutar por sistemas socioecológicos resilientes.

[ENTREVISTADOR] Pois. [escrevendo] É - É porque... [hesita a formular a questão] Eu ‘tava a falar dessa questão da - das necessidades — e vinha há pouco ao encontro daquilo que ‘tavas

a dizer do... mudanças de mentalidade, por exemplo, que tu dizes — acreditas que vai haver mais mudanças mais profundas, não é?

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] No entanto,... acho eu [hesitação] — é porque há vários autores que fazem distinção entre as necessidades — que aparece aí no...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... na definição do, do Desenvolvimento Sustentável — e queres: a história de tu queres, não é... [começa o telemóvel a vibrar] ter uma coisa não por necessidade... Se quiseres eu pauso aqui.

[DOCENTE A] Não, não, que isto é o... Não há problema. Pois. Há aqui uma coisa que... As necessidades e os queres, é isso que 'tás a dizer? Se as pessoas...

[ENTREVISTADOR] Sim. É porque...

[DOCENTE A] É assim, até podem não querer, daí que eu acho que esta coisa de obrigar — não é obrigar, mas pronto, até 2020, 2025 têm que mudar os motores dos carros ou fazer — pronto, estão a estabelecer metas. E de certa forma a obrigar as pessoas...

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE A] Mas quando eu dig[o] — falo de mudança de mentalidade é: as pessoas já não vão perguntar 'porquê?' e fazer uma manifestação; não! Já chegou a uma altura que perceberam que têm mesmo que fazer. Já ninguém se... Daí que eu acho que... [hesita] Este trabalho que foi feito ao longo destes anos, já chegou ao ponto de as pessoas — aceitam. Ou se — ninguém vai se manifestar contra esta mudança.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro, enquanto escreve]

[DOCENTE A] Toda a gente sabe que é necessário! Podem até não querer... não lhes dá jeito, não é? Ninguém dá jeito agora mudar de carro p' um carro elétrico.

[ENTREVISTADOR] Uh, é muito dinheiro.

[DOCENTE A] Exatamente, é muito dinheiro... Ainda continua a ser muito dinheiro. Mas, se veem que os outros ... não vão... ou - o combustível tá mais caro, ou que... todos vão optar por aquilo, é-é uma questão — ninguém vai... perguntar se 'para que é isto?', nem fazer grandes stresses; acho que as pessoas vão entender porque já chegou aquele ponto que já interiorizaram a necessidade.

[ENTREVISTADOR] Não, eu [es]ta[va] - aqui, quando eu falei de... desta decisão, realmente não é assim muito fácil tu perceberes logo. Uh... É porque isto é... são autores específicos.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Não. Há autores que dizem que 'eu preciso, eu necessito disto para viver'; e há autores que dizem que há gente que ultrapassa o conceito da necessidade. E que dizem que aqui, por exemplo, o conceito de Desenvolvimento Sustentável é... é um bocado ambíguo e que permite que, aqui o que se lê como "necessidade" seja por... [hesita] "extras", "luxos", tás a perceber?

[DOCENTE A] Sim. Olha... ni-nisso temos que falar, quando falamos disto temos então de falar das - da pirâmide da - das necessidades que - que as pessoas têm, não é?

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE A] Daquela famosa pirâmide — que já não me lembro que é que a fez, mas ainda há pouco tempo falei disso, de um sociólogo que a fez. E... e a na base 'tá a nossa alimentação, tá a segurança, 'tá... ah, e lá em cima tão os luxos.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE A] É claro que... Se 'tás a falar do Desenvolvimento Sustentável como uma necessidade?...

[ENTREVISTADOR] Não, não. O que eu... O que eu quero dizer aqui é que... [hesita e formula a questão] que há pessoas que... Já não... Isto... Tu, mais do que eu sabes que há uma parte da população humana...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... que nem as necessidades básicas...

[DOCENTE A] Exatamente!

[ENTREVISTADOR] ...tão supridas.

[DOCENTE A] Daí as tais — a tal pirâmide.

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] daí... exato... daí a tal pirâmide, sim, nem a pirâmide têm completa.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] E - no caso das civilizações ocidentais temos uh... precisamente os luxos até, se calhar, ocupam mais do que...

[DOCENTE A] Já tens outra pirâmide em cima da outra [riem].

[ENTREVISTADOR] Pois, é isso!

[DOCENTE A] Que eles já ultrapassaram essa!

[ENTREVISTADOR] Pois, outra - outra pirâmide.

[DOCENTE A] Mas, e - e... queres dizer que... então essas necessidades é que fazem...

[ENTREVISTADOR] Não, não o — era só p'ra saber se tinhas uma opinião formada acerca disso. Não...

[DOCENTE A] De eles estarem a ter outras necessidades que não as de...

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo à entrevistada] Sim, desse desequilíbrio.

[DOCENTE A] Sim, há um desequilíbrio grande, exatamente, sim. Por acaso isso é falado [ri] nós falamos — claro — nisso, quando falamos no desenvolvimento, crescimento económico... uh... a diferença que é - e - e o que é cada um o que é que sente em relação — o que é a felicidade? Por acaso é engraçado, indo buscar isto. Há um documentário que eles fizeram de várias pessoas do mundo, não sei se tu... tens... mas eu posso te passar. E então dizem 'o que é a felicidade?' E então aparece de vários países: então para uns é ter... ir à escola, para outros é ter água em casa, p'ra outro... aparece os conceitos de diferentes — as próprias pessoas a falar — esse documentário 'tá muito giro e mais engraçado ainda é que eles também fazem outras questões além da felicidade. Vou-te passar isso, por acaso é muito giro.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE A] E é bom eles verem que em diferentes partes do mundo o que é a felicidade para as pessoas. Não tem nada a ver, as necessidades são outras, e para eles superar isso já era bastante bom. 'Eu gostava de ter comida para dar ao meu filho'. [sorrisos de ambos] Que era a felicidade era essa. E isto no Brasil, por exemplo, que nem sequer é um país que tenha assim, muito problema com dinheiro [ri].

[ENTREVISTADOR] Ah sim.

[DOCENTE A] Mas que [es]tá mal distribuído.

[ENTREVISTADOR] Ah pois.

[DOCENTE A] [ri].

[ENTREVISTADOR] E vai bater àquela questão do pilar do...

[DOCENTE A] Exatamente.

[ENTREVISTADOR] ...Desenvolvimento Sustentável.

[DOCENTE A] Se bem que às vezes — é o que eu digo — às vezes as desigualdades ‘ai os países mais pobres! Ai os países...’ Mas não é; dentro do nosso país já existe esse desequilíbrio. Portanto, não é uma questão de país para o outro. De um país para o outro. É sempre às vezes é uma coisa até local. [pausa]

[ENTREVISTADOR] Bom. Então tu como és professora de Geografia, tu tens acompanhado a... já passaste por 3 reformas curriculares, não é?

[DOCENTE A] Exatamente.

[ENTREVISTADOR] Aquela de dois — não, de 1989, que depois foi até 2001.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] A de 2001, a de 2012 e agora ‘tás a passar p’ra de 2017 ou 2018.

[DOCENTE A] Sim, que eles dizem que não é bem uma reforma uh... curricular. Que eles dizem que é só uma adaptação de metodologias, não é? Não é bem...

[ENTREVISTADOR] Não acho que isso seja assim, mas pronto... [riem ambos]

[DOCENTE A] Poi [ri] Não, mas eu não sei, eu por acaso não faço ideia. Na última formação que fui é que disseram ‘Não, isto não é uma nova reforma!’ e eu disse ‘bem, então... o que é que a gente ‘tá aqui a fazer, se não é?’

[ENTREVISTADOR] Então porquê a formação, por exemplo?

[DOCENTE A] Pois, não, é uma metodologia. Eles dizem que é a... metodologia que muda.

[ENTREVISTADOR] E tu tens acompanhado... A evolução da Educação para o Desenvolvimento Sustentável? Tu tens noção, mais ou menos, como é que tem sido ao longo destes anos, destas...

[DOCENTE A] Pois, era isso [sobrepõe-se ao entrevistador]...

[ENTREVISTADOR] ... mudanças?

[DOCENTE A] ... que eu ia dizer... agora — antes se calhar não se dava tanta importância. [hesita] Ma[s] - mas em quase todos os manuais que eu tenho desde o início — quase nunca nós conseguíamos chegar ao Desenvolvimento Sustentável; era sempre uma coisa que ficava ‘se desse, deu’, mas não havia uma grande prioridade em falar do Desenvolvimento Sustentável. Mas de há uns anos para cá tem... conseguimos já chegar a essa parte e falar... É como eu digo, também falar na parte das grandes cidades, é importante. Nós falamos das

grandes cidades - grandes metrópoles, megalópoles — e é importante falar disso. Uh... Mas, não tenho assim bem noção se... Acho que nunca foi retirado... Como disse, lembro-me de falar no 12.º [ano] — também não sei se estava no manual, isso também era uma coisa que eu... porquê? Porque eu também ‘tava numa reforma curricular, em que não havia manuais. Ou seja, ‘tava nos agrupamentos que houve cá; nós fomos uma escola-piloto e, portanto, os professores não tinham manual. Eles arranjavam-nos umas folhas sobre os temas e nós debatíamos. E se calhar numas dessas folhas arranjaram o Desenvolvimento Sustentável.

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] ... Desenvolvimento Sustentável. Bom, eu ‘tava aqui a limitar-me mais a o 3.º ciclo, que é o que tens dado, não é?

[DOCENTE A] Sim, é sempre no 3.º ciclo.

[ENTREVISTADOR] Uh... E... Então achas que esse tema é sempre deixado para o final do ano letivo? E é por isso que não...

[DOCENTE A] Nós — a vantagem da Geografia é que nós podemos meter - falar dos temas, como são transversais, é muito fácil falar do Desenvolvimento Sustentável como - como já disse em várias coisas, em vários outros temas. Mas mais no 9.º ano, sim. Até porque eles já têm uma maior capacidade de argumentar e de... e de discutir o Desenvolvimento Sustentável. Uh, eu noto uma maior capacidade de argumentação, com mais conhecimento de causa, porque foram adquirindo vários... uh, eles falam de tudo das tecnologias... limpas já com [Educação] Tecnológica, abordam em muitas outras disciplinas — Ciências [Naturais] e ali eles já chegam com bastante noção do que e conseguem, uh, relacionar vários assuntos.

[ENTREVISTADOR] Então, tendo em conta estes objetivos por exemplo aqui do... dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, ... [a apontar para o documento entregue]

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] O que é que achas da proposta educativa do... da Educação para o Desenvolvimento Sustentável? Tem uma síntese do que é... Educação para o Desenvolvimento Sustentável ...

[DOCENTE A] Uh, [lê] “prepara as pessoas de todas as origens e classes para planear, lidar e encontrar soluções para problemas que ameaçam a sustentabilidade do nosso planeta” — exatamente.

[ENTREVISTADOR] Definição da UNESCO, de 2004.

[DOCENTE A] Pois. E a outra, que é a recente, não é?

[ENTREVISTADOR] Não, isto aqui é a integração da... deste tipo de educação nos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável.

[DOCENTE A] Pronto, é isto: o preparar as pessoas para planear ou lidar... eu - eu acho — ah, nesse sentido, [ri] queres que eu critique? O que é que...

[ENTREVISTADOR] Não! Não! [conversam em simultâneo]

[DOCENTE A] Nós não tamos a preparar...

[ENTREVISTADOR] É dar a tua opinião. Não 'tou...

[DOCENTE A] Sim?

[ENTREVISTADOR] Eu não 'tou aqui...

[DOCENTE A] Não, não...

[ENTREVISTADOR] ... só quero ouvir aquilo que tens a dizer, não é... [fim da conversa em simultâneo]

[DOCENTE A] É assim: eu posso dizer que, a disciplina que eu tenho é privilegiada neste aspeto. É que a gente faz debates sobre estas coisas; o pôr os miúdos a pensar em coisas é o nosso — é a maneira de os cativar p'a disciplina.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE A] Ainda há pouco tempo eles puderam [pausa] mas eles primeiro têm que se aperceber que os da vida... e ainda à pouco tempo tivemos a discutir o caso do café: o preço do café, desde o produtor até ao consumidor, numa perspetiva do Desenvolvimento Sustentável, ou seja, de que [hesita] tudo continue, não hajam explorados e os que exploram, não é? Mas numa — neste sentido, e eles ficaram com a ideia de quanto é que recebia o produtor e ficaram escandalizados. O dinheiro que recebia o produtor.

[ENTREVISTADOR] ...exploração. [em simultâneo à entrevistada]

[DOCENTE A] No meio daqueles intermediários todos, o que é que se passa. É qua... é preciso é dar-lhes... mais... e ir buscar sempre coisas do - do dia-a-dia, do - do, da realidade, do que é que se passa, p'ra eles darem mesmo mais atenção às coisas. Se eles tão preparados para... p'a planear, p'a encontrar soluções — eu penso que sim; mais que todos, esta geração 'tá mais preparada.

[ENTREVISTADOR] Mas em termos de competências ou de informação?

[DOCENTE A] Das duas coisas. Eu... Quer dizer, mais de informação, mas o que não quer dizer — mas também eu só vou até ao 3.º ciclo.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE A] Não sei se no [ensino] secundário desenvolvem mais as competências. Que é preciso sempre lhes dar... [hesita] como é que eu digo — cenários, que eles arranjam soluções. E isso é mais no secundário que se consegue fazer. Eu até posso lhes mostrar isto, dizer ‘bem, agora vamos todos ver quanto é que ganha um produtor. Os produtores. Por que é que vocês têm... Quanto é que vocês querem do preço final deste café?’ E eles dizem ‘ah, eu quero, não-sei-quanto; quero 50 cêntimos!’ eles começam logo, assim por cima. Não, a gente tem que chegar, são 2,3 € este pacote de café. Vocês têm que, entre todos, chegar a um preço que vão receber. E eles depois começam a perceber as coisas. Ou seja, posso confrontá-los com o problema e eu acho que eles conseguem — eles conseguiram resolver bastante bem. Ficaram foi escandalizados com o resultado.

[ENTREVISTADOR] ... Com o resultado, sim.

[DOCENTE A] Mas [hesita]... até tiveram bem. Falta um bocadinho trabalhar em grupo? Sim, falta.

[ENTREVISTADOR] E...

[DOCENTE A] Falta o trabalho colaborativo? Falta. Mas isso também eles não podem ir buscar no dia-a-dia. Mesmo que os pais, não têm isso, infelizmente. Mesmo os pais que trabalham na Câmara ou os pais que trabalham no Governo, se querem passar de uma secção para outra informação, quase que têm... é uma burocracia tremenda, e tão dentro do mesmo edifício. Portanto, se não há colaboração, se não há espírito colaborativo no... no dia-a-dia, eles também não conseguem trazer essa imagem p’ra eles; eles não veem as pessoas a colaborar. Aqui na escola até nos veem, porque a gente... eles sabem que a gente ‘tá sempre em colaboração, a falar uns com os outros. Mas se calhar nas profissões cá fora, não há muito esse espírito.

[ENTREVISTADOR] Mas, há uns anos atrás dizia aquele — o John Dewey — não sei se conheces, John Dewey...

[DOCENTE A] Não sei.

[ENTREVISTADOR] Um teórico norte-americano, bastante já...

[DOCENTE A] [consente com um murmuro]

[ENTREVISTADOR] ... já antigo. Ele dizia que as escolas eram modelos para a sociedade.

[DOCENTE A] Pois! Deviam ser [ri]. Deviam, onde as coisas funcionassem bem — se funcionassem bem.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE A] [sorri]

[ENTREVISTADOR] Não...

[DOCENTE A] [imperceptível]

[ENTREVISTADOR] Eu ‘tava a dizer isto porque ‘tavas a dizer que realmente há aqui uma diferença...

[DOCENTE A] ... brutal.

[ENTREVISTADOR] ... brutal, entre o que fazem nas aulas e a própria — o que veem na realidade. Mas, se formos a pensar que são miúdos que vão ser o futuro da sociedade [sorri]...

[DOCENTE A] Sim, são eles que vão mudar; o problema é que eu também acho que eles chegam lá e integram-se naquilo que já existe.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE A] Eu tenho — ainda há pouco tempo ‘tava a falar: geógrafos, o pessoal que sai com a formação de Geografia — eu sou de ensino de Geografia — mas, quem sai com a formação de Geografia, e que vai com aquelas — aqueles ideais todos, quando chega a uma Câmara, quando chega a uma coisa — tem que formatar! Tem que formatar, porque quem ‘tá acima, quem é decisor, formata logo aquele tipo de pensamento. As coisas enquadram-se outra vez ‘Não mas é assim que funciona aqui!’ É uma batalha grande todos os dias p’ra tentar por as coisas a funcionar. Eu vejo-os assim, os que trabalham fora, é assim um bocadinho... Os que trabalham não sejam em escolas, é assim.

[ENTREVISTADOR] E na tua experiência de professora achas que as próprias escolas — assim, não tem que ser necessariamente aqui esta escola, mas dos contactos que tu tens com...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... com outros colegas e assim — achas que as escolas podem e até têm interesse em fazer propostas — em desenvolver mais essas temáticas do Desenvolvimento Sustentável. ‘Tavas a falar há pouco de...

[DOCENTE A] Sim! O Ecoescolas é uma grande tentativa, também, de inculcar a sustentabilidade, porque no fundo, eles — o que é que eles tentam fazer, no Ecoescolas? É preservar o meio, à volta mesmo da própria escola; há quem recupere levadas, há escolas que fazem limpeza do mar, das praias...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE A] Portanto, o Ecoescolas é um projeto bastante bom nesse sentido! Só que também... Temos aí um problema grande: nós até que gostaríamos de entrar no Ecoescolas [sorri]...

[ENTREVISTADOR] Ah, mas a escola é que tinha que pagar [em simultâneo à entrevistada]

[DOCENTE A] ... mas não somos pagos p'ra isso!

[ENTREVISTADOR] A escola é que tinha que pagar, não é?

[DOCENTE A] Tinha que pagar. A escola, ou o Estado. Porque também fazemos parte de uma região. E, se esta escola também existe, é porque há necessidade que ela exista. [sorri]

[ENTREVISTADOR] Agora perdi aquilo que — perdi aqui a minha linha de pensamento, mas ia te perguntar, tinha qualquer coisa... Ah, dizes que a intervenção da Ecoescolas é bastante boa mas, também temos que — e realmente é, sem dúvida...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Mas também se pensares, é assim um pouco, ... o próprio nome diz: "Eco".

[DOCENTE A] Sim, é só a parte ecológica.

[ENTREVISTADOR] É só focado na parte ecológica.

[DOCENTE A] Mas atenção, mas há outros projetos que trabalham outras coisas.

[ENTREVISTADOR] Então conheces mais projetos sem ser...

[DOCENTE A] Sim, então, ao fora p'ra este, da sociedade — os projetos ligados à sociedade, temos os Paramentos [jovens] e Assembleias, em que os miúdos trabalham como é que se decide em sociedade, e até mesmo falam temas como a igualdade, como é que se — eles sugerem coisas aos deputados, é muito interessante este tipo de projetos. Eu não digo que o Ecoescolas tenha o Desenvolvimento Sustentável — não; fala realmente mais na parte do ambiente, mas também agrega outras coisas...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE A] ... Não é só o ambiente. Na parte da Economia, temos aqueles que... temos

também outros projetos da economia, que é por os miúdos a saber lidar com o dinheiro; há um dos projetos que é — não sei... que é qualquer coisa de gestão financeira e... empreendedorismo. Eles conseguem trabalhar com os miúdos p'ra serem criativos. Mas isto são tudo projetos que a escola p'ra pegar, tem que ter dinheiro p'ra pagar aos professores p'ra fazer isto. Porque se não, são horas... são horas que os professores vão dar... e não...

[ENTREVISTADOR] Sim...

[DOCENTE A] ... não dá... neste momento não dá p'ra fazer isso.

[ENTREVISTADOR] Aqui, tu 'tás a tocar — eu acho engraçado é que 'tás a dizer que... tu arranjaste projetos, um p'ra cada um dos pilares.

[DOCENTE A] Sim!

[ENTREVISTADOR] Uh, tu não conheces nenhum que seja...

[DOCENTE A] Não! Assim todo, global...

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] ... que englobe os 3...

[DOCENTE A] Eu - o... eu tenho a noção que o Ecoescolas não é só a vertente ecológica. Eu penso que eles já conseguem agregar outras coisas.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE A] Depende da maneira como se pega.

[ENTREVISTADOR] Pois, vai depender das pessoas que dinamizam.

[DOCENTE A] [em simultâneo ao entrevistados] vai depender da escola — da pessoa que dinamiza. Porque eu tenho a noção que... é... poderá ser mais abrangente. Um que agregue assim tudo não me 'tou a lembrar de mais nenhum, não.

[ENTREVISTADOR] E nas escolas... Tu já deste também Área de Projeto e isso tudo. Se fores a pensar se calhar também [muda de folha]... não haveria de ser assim também, quando davas Área de Projeto?

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Também, a gente trabalhou...

[DOCENTE A] Trabalhámos várias vezes com a Área de Projeto... Quanto mais conseguires agregar... P'a eles perceberem que as coisas tão todas interligadas — eles só têm a ganhar com isto.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE A] É que a realidade não é tão simples, é complexa. E é nestes projetos que eles se entendem que a realidade é complexa, ... que não é só aquilo que eles veem, que por detrás daquilo há tanta coisa. E... Por exemplo, agora com... com os finalistas [de 9.º ano] — tem piada, porque isto dá-me um trabalhão, mas eu faço [sorri] — as barracas dos finalistas... mas as barracas dos finalistas, eles apesar de ganharem dinheiro, é verdade — ganham — e serve p'ra abater no... no — no jantar final. Eles apercebem-se do ga[star] — do que é fazer compras, do que é gerir as coisas; é isto que eu acho piada, que eles dizem 'professora, fizemos tanto dinheiro!' Eles não dão o valor ao dinheiro, mas a seguir percebem, 'mas também trabalhámos tanto!' [o gravador é arrastado] Eles conseguem a seguir relacionar... e por isso é, de certa maneira, eu não deixo cair, porque eu até percebo que eles tenham — 'tamos num colégio, eles até têm... capacidade financeira perfeitamente p'a chegar ao fim e pagar tudo, mas, pagar o jantar e as atividades — mas eu vejo que eles ganham qualquer coisa com aquilo. Nem que seja o facto de estar ali a fazer alguma coisa pelo - pelos outros também. Porque há muitos que até não vão ao jantar e não sei quê, mas trabalharam na mesma e trouxeram coisas, [a sorrir] p'a ajudar.

[ENTREVISTADOR] E tu... aí eles trabalham, então, por exemplo, a dimensão social, a dimensão económica.

[DOCENTE A] [sobrepõe-se às últimas palavras do entrevistador] Tudo! Porque têm de falar com o... depois os funcionários, para as salsichas, têm que ir às cozinhas — ou seja, eles pensam que aquilo é só chegar ali e... que é aquilo que eles veem. Mas depois tem o dinheiro... o gerir o dinheiro: primeiro tem que haver dinheiro p'a comprar as coisas, primeiro tem que haver esse dinheiro. Depois é planear pro tipo... para as pessoas que supostamente, não é? num universo de 900 alunos, quantos é que vão comer...uh, e depois temos que ver quanto lucro podemos tirar se pusermos a este preço ou aquele. Ou seja, é uma série de - de competências que eles trabalham. Não é uma... E eles entendem a seguir que 'é pá, isto dá tanto trabalho!' Pois, não é só chegar ali e vender coisas; e por o preço que lhes apetece; as coisas têm todas... E depois é preciso pagar aos fornecedores, como eu digo. Às vezes vêm as gomas, que a gente consegue mais baratas, num lugar, e pois vamos fazer contas, e por isto pr'aqui, isto pr'ali. E... E fazerem essa gestão. Entre eles: também conseguem lidar quando tão nas vendas; organizar-se. Dentro da... É engraçado ver isto, que há uns que a gente até

acha que não têm jeito nenhum [a rir-se] e chegam ali e são excelentes vendedores; e isso é verdade [a rir-se]! Fazem bem contas e... É giro.

[ENTREVISTADOR] Deixa-me pensar aqui se tinha mais alguma pergunta, que isto já 'tá a alongar um bocado.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Também já 'tás um pouco cansada, não é?

[DOCENTE A] Mas vá, não te preocupes, faz lá...

[ENTREVISTADOR] [longa pausa] Achas que há assim algum interesse — ou não — em introduzir, ou... Não, se calhar vou perguntar outra coisa. Esta história da Educação para o Desenvolvimento Sustentável ...

[DOCENTE A] [consente com um murmuro]

[ENTREVISTADOR] ... isto, a gente nota mais... em algumas disciplinas; tens noção quais são essas? A tua já sabes...[gravação imperceptível]

[DOCENTE A] Sim, mas... Do 3.º Ciclo, são menos. Desenvolvimento Sustentável, faland[o] - falam também no Inglês — eles falam da poluição.

[ENTREVISTADOR] Ah, falam no Inglês? [registra nos apontamentos]

[DOCENTE A] Falam. Eles têm um tema que é a poluição — eu também descobri isso há pouco tempo [ri]. Mas é que eles falam do - do - do ozono, e de... falam de t - do - do aquecimento global, e portanto o que 'tá por detrás disso... E eu, uh... Lembro-me que isso é uma das coisas. O Inglês, claro que as Ciências [Naturais]. Eu sei que em [Educação] Tecnológica, mas assim — mesmo no conceito de Desenvolvimento Sustentável, eu penso que só as Ciências [Naturais]. O próprio ou... e o Inglês — é preciso ver, mas eu acho que eles davam a falar de sustentabilidade na - no Inglês. Era um dos temas; eu também não sei se eles podem agarrar sempre nos mesmos temas, se têm outros. Não sei como é que funciona.

[ENTREVISTADOR] Pois, é porque... achas que há algum interesse por detrás disto, em ter - abordar o Desenvolvimento Sustentável — não digo só enquanto conceito, mas... práticas...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... para o Desenvolvimento Sustentável. Achas que há algum interesse...

[DOCENTE A] Claro.

[ENTREVISTADOR] ... ao longo destes anos tens... uh que tens dado aulas, achas que tem algum

interesse em ter ou não ter...

[DOCENTE A] A mudança de mentalidade começa pelos mais novos [ri] — sempre. O interesse é esse.

[ENTREVISTADOR] Então achas...

[DOCENTE A] Se eu tiver miúdos a chegar a casa — o meu filho a chegar a casa ‘e como é que eu tenho que fazer a reciclagem?’ como eles fazem todos. Neste momento isso já não é um problema, a reciclagem. Já a maioria das pessoas faz; uh, já há uma grande maioria a fazer.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE A] E isto porquê? Porque chegou a casa, não foram os pais que foram à escola aprender — foram os filhos que chegaram a casa e educaram os pais. O que eu acho é que, isto de ‘ah, mas agora porque é que eu vou comprar esta...’ — eu ‘tou no supermercado e o meu filho diz-me ‘não prof - pai, mas olha — ou mãe — esta lâmpada vai-te durar mais tempo do que as outras’. Porque na verdade não há muita informação se as pessoas são informadas pelos filhos, muitos deles passa por aí, não é só...

[ENTREVISTADOR] E...

[DOCENTE A] O facto das...

[ENTREVISTADOR] Por que é que achas que só se trabalha neste leque bastante restrito de disciplinas, este tema; porque é que não é mais transversal?

[DOCENTE A] Até poderia ser, mas é o tal problema do currículo, que não está sequer... [hesita] não tem... O problema p’ra fazer, neste momento, uma flexibilidade curricular é este. Eles têm obrigatoriamente que mudar o currículo, porque se eu dou umas coisas no 8.º, outros ‘tão a dar no 9.º, isto não há encontro de temas — é quase impossível não mudar o currículo. E ir buscar coisas, se calhar mais adaptadas ao lugar onde as pessoas tã, que é isso que eu acho que também falta. Mas eu ‘tava perdi-me um pouco [pausa].

[ENTREVISTADOR] ‘Tavas a dizer que...

[DOCENTE A] O currículo — porque é que não está...

[ENTREVISTADOR] [conversa em simultâneo]... que é preciso ter mais —

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... é preciso ter mais espaço curricular, não é?

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Não é isso que ‘tavas a dizer? [fim da conversa em simultâneo]

[DOCENTE A] Pode ser: o Português pode pegar — é como eu digo, se no Inglês há um tema que é a poluição, que é os desastres, que eles falam desses problemas ambientais, e falam no Desenvolvimento Sustentável — tenho quase a certeza que sim — e podem falar noutras línguas, podem falar... [longa pausa] Não sei, eu — é como eu digo, eu vejo sempre isto de uma perspetiva muito abrangente.

[ENTREVISTADOR] E acho que tem de ser assim.

[DOCENTE A] E acho... a própria Matemática consegue-se adaptar também a isso. Eles... A Físico-Química muito facilmente consegue explicar as reações químicas quando se fala do ambiente — ‘tou a falar só da parte do ambiente, mas também posso falar da economia ou da... e mesmo da igualdade ou dos problemas que existem na sociedade. Há outros que podem ser falados.

[ENTREVISTADOR] Tu falaste aí na - na questão do currículo.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... Que... Que é bastante importante haver uma mudança no currículo.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ‘Tavas a falar disso.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Até para esta questão do Desenvolvimento Sustentável. Sabes que há autores — isto tu sabes, de certeza — há autores que defendem que o currículo tem que ensinar a mesma coisa a toda a gente.

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Para que todos fiquem com a mesma cultura, com as mesmas coisas. E há outros então que defendem que devem existir várias práticas de currículo, que vão é depender do contexto.

[DOCENTE A] É isso.

[ENTREVISTADOR] Que efeitos é que achas que estas duas posições podem ter no Desenvolvimento Sustentável? Na Educação para o Desenvolvimento Sustentável?

[DOCENTE A] Primeiro é criar “máquinas”. Primeiro que tudo, se é essa que é ter um currículo comum, acho que não tem... O currículo que é comum tem este problema, que é: ‘eu até tinha

curiosidade em saber mais sobre aquilo e como ele não vai dar... [bate as mãos em símbolo de indiferença] quero lá saber desta disciplina' — é mesmo assim que os miúdos pensam, é 'eu até gostava de saber mais da parte de físico-química acerca dos planetas', mas como não vai aprofundar mais, eles desligam daquilo e até era uma área que poderia ser mais falado —

[ENTREVISTADOR] Mais estimulante, não é?

[DOCENTE A] Mais estimulante. Ou seja, eu acho é que se houver realmente a flexibilidade curricular, tem de haver mudança de currículo e as pessoas têm que ser avaliadas pelas competências e não pelos conteúdos. É se eu aprendi... Se eu consigo relacionar, se eu consigo... [hesita] desenvolver qualquer tema, se eu consigo — eu 'tou a conseguir avaliar competências. Agora, se... Mas, claro que tem que 'tar lá a informação correta. Pode é não ser a informação que o currículo... estipula. É isso, não sei se 'tou-me a fazer entender...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE A] É porque é mesmo isso. É que eu noto é que os miúdos até gostariam de falar mais sobre determinado tema e que nós — 'pá, não pode ser'.

[ENTREVISTADOR] Então...

[DOCENTE A] Não conseguimos falar nisso assim.

[ENTREVISTADOR] Basicamente tu defendias então que... deviam existir várias práticas curriculares — ou vários currículos, no final de contas. Que é o que —

[DOCENTE A] Exatamente. Os miúdos podiam... Ou seja, eu tinha que... eu vejo a flexibilidade curricular assim: os miúdos têm que aprender a relacionar, a fazer, imagina, usar a fórmula dos 3 simples, de proporcionalidade direta; fazer... têm que por assim uma certa — saber fazer umas determinadas coisas. E depois aí, eles escolhiam o tema para poder desenvolver. Dentro desse tema cada professor vê o que é que pode dar da sua disciplina. E aprofundar — isto exige bastante...

[ENTREVISTADOR] Sim, claro.

[DOCENTE A] ...isto de um professor exige... Eu não 'tou a dizer isto p'ra facilitar o trabalho de ninguém. Eu só 'tou a dizer isto p'a ter alunos interessados e motivados dentro da sala.

[ENTREVISTADOR] Mas aí - aí tu ias ter outra situação, que era os miúdos que iam querer um tema e outros que iam querer outro.

[DOCENTE A] Mas isso ia ser o normal. Agora... por isso é que existe o tal trabalho co - se tu

queres trabalhar em grupo, tem que haver a tal discussão de chegada de um consenso. Aí pronto.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE A] Também não podemos individualizar a esse ponto, a esse... Há uns que até acham que aquele tema do colega até era melhor, junta-se aquele. E consegue-se... individualizar assim também ia ser mais complicado; não ias trabalhar a competência do trabalho colaborativo do trabalho em grupo; ias fazer uma coisa... projeto para uma pessoa...

[ENTREVISTADOR] Sim, isso não faz assim...

[DOCENTE A] Não faz muito sentido.

[ENTREVISTADOR] Não faz muito sentido, pois. [curta pausa] Bom, eu julgo que era só isto. Se calhar já 'tá assim um bocado alongado, o...

[DOCENTE A] Não sei, vê o que é que te...

[ENTREVISTADOR] ... a entrevista.

[DOCENTE A] Se houver mais qualquer coisa, depois a gente acrescenta, não há problema.

[ENTREVISTADOR] Não, já - já tenho aqui uma série de questões. [pausa longa]

[DOCENTE A] Isto tem muito que se lhe diga, "pelo direitos humanos"...

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE A] Pois. [ri] Quando falas do Desenvolvimento Sustentável "os direitos humanos, a igualdade de género" — pronto, 'tá tudo fragmentado. História fala disto, não é? Há parte dos direitos humanos, da igualdade de género, isso também, ao longo da História eles vão tendo essa... Não vejo outras disciplinas; realmente é um bocadinho...

[ENTREVISTADOR] Não, há quem meta isso tudo mesmo dentro do - do mesmo saco e diga que... 'tá tudo interdependente umas - umas coisas das outras.

[DOCENTE A] [em simultâneo] ... das outras. Interdependente... A tal da economia, ambiente...?

[ENTREVISTADOR] Não, a questão da igualdade de género — claro que isto é muito específico: se tu fores ler ecofeministas, tu vêes um discurso do feminismo aplicado à ecologia. Dizem que o - o homem — homem mesmo, o...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] O género masculino... Uh... Como é que eu explico? Basicamente... faz a mesma coisa à Natureza o que faz à mulher.

[DOCENTE A] Ah é?

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE A] Ah... Poi - Mas...

[ENTREVISTADOR] Dizem que...

[DOCENTE A] Que o homem é que...

[ENTREVISTADOR] ... Que a questão da degradação ambiental -

[DOCENTE A] Tem mais a ver com o homem. Mas se calhar até tem!

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo à entrevistada] Tem mais a ver - Sim, sim! E defende - e
dize[Docente A] depois vão buscar os exemplos das mulheres de - de...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] de...

[DOCENTE A] Tem lógica.

[ENTREVISTADOR] ... de nações especialmente... que dentro dos nossos padrões são subdesenvolvidas.

[DOCENTE A] Porque reagem... uh, é - o - o pensar no futuro, mesmo num casal, quem é que normalmente pensa mais a longo prazo?

[ENTREVISTADOR] [ironicamente] É o homem certamente!

[riem continuamente e vão falando]

[DOCENTE A] Não é! Por acaso...

[ENTREVISTADOR] Eu sei... Eu sei que não é. 'Tou a gozar

[DOCENTE A] A longo prazo quase sempre é a mulher: é o que é que vai faltar em casa, o que é que não sei quê... É muito a mulher. Não sei se isto é um conceito - se eu 'tou a ser feminista, mas a verdade...

[ENTREVISTADOR] Não... Homens... [terminam as risotas]

[DOCENTE A] O que eu acho é que... mas isso pode ser uma - uma aptidão, mas reage, o homem reage.

[ENTREVISTADOR] As mulheres têm uma...

[DOCENTE A] Reage... Uh, uh...

[ENTREVISTADOR] capacidade de resiliência...

[DOCENTE A] tem mais calma e reage menos - uh, menos à situação, mas pensa mais.

[ENTREVISTADOR] O homem é mais tecnicista...

[DOCENTE A] Pois, exatamente.

[ENTREVISTADOR] ... E a mulher é mais emotiva.

[DOCENTE A] Emotiva, exatamente, é mais - é mãe, é a tal coisa.

[ENTREVISTADOR] É engraçado que algumas dizem que chegámos a este ponto de degradação ambiental por causa justamente de ser o homem a dominar.

[DOCENTE A] Ah, isso é tudo muito relativo, que as mulheres também tã dentro disto e... eu ã - não a - eu nunca sou capaz de dizer quem é. Acho que isso é também entrar num campo muito...

[ENTREVISTADOR] Depende. A gente não pode generalizar tudo, não é?

[DOCENTE A] [conversa em simultâneo] Se for assim, o mal...

[ENTREVISTADOR] Afinal quem é que educa os homens?

[DOCENTE A] Não, e depois quem são os grandes líderes mundiais? São sempre homens. Se eu for por aí, a gente vai - então quem é que os elege? [ri]

[ENTREVISTADOR] Sim, mas há toda uma componente de educação, não é? À volta de - destas coisas todas.

[DOCENTE A] Sim, mas a educação é da mulher, exato. Quem é que as educa? Quem é...

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE A] Sim, mas isso é cultural também. Os ho[Docente A] homem é educado, o problema 'tá aí. É que... É educado...

[ENTREVISTADOR] É educado, é uma questão cultural.

[DOCENTE A] ... cultural.

[ENTREVISTADOR] E sobre este - estes assuntos do Desenvolvimento Sustentável dizem que falta aí uma... falta aí um pilar, que é da cultura. Há alguns autores até que acrescentam. Apesar de haver -

[DOCENTE A] [dizem em simultâneo] isso na sociedade.

[ENTREVISTADOR] Sim, apesar de haver aí a sociedade, há quem acrescente ainda o pilar “cultura”.

[DOCENTE A] Porque falta — é o último, eu a - o último não — é importante na mesma. Mas nas - nas nossas necessidades, a cultura aparece como um luxo. Que no fundo é aquilo: tu consegues sobreviver muito bem sem cultura.

[ENTREVISTADOR] Não mas...

[DOCENTE A] Mas, uh, infelizmente — infelizmente quem coloque, uh, quem faça nessas pirâmides das necessidades e a cultura é das últimas coisas. O ir ao teatro, ou ver um ballet, ou não sei quê — é tudo uma coisa muito... hmm

[ENTREVISTADOR] Sim, na nossa cultura, uh... na nossa - sim, na nossa sociedade, nas sociedades ocidentais a cultura é vista como... um elemento separado, mas...

[DOCENTE A] Exatamente.

[ENTREVISTADOR] Noutras sociedades...

[DOCENTE A] Não é!

[ENTREVISTADOR] Não!

[DOCENTE A] É o dia-a-dia.

[ENTREVISTADOR] É o dia-a-dia.

[DOCENTE A] É o folclore, é o... ‘Tás a perceber... É isto que é - que é engraçado. Por isso é que eu acho que ‘tá dentro da sociedade. Acho que isso ‘tá muito relacionado.

[ENTREVISTADOR] Há uma história que se conta aí do... Acho que foi em Moçambique, de umas eleições, depois a tomada de posse do governo, do novo governo houve um, um... — tem vários dialetos, falam vários dialetos...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... em Moçambique. Então havia um dos tradutores que ‘tava a traduzir o discurso do - do Presidente da República para um desses dialetos e chegou - ele apresentou depois o Ministro da Cultura, e o - o, dizem, o relato diz que o... tradutor hesitou um bocado a traduzir “Ministério da Cultura”, porque não há...

[DOCENTE A] Não há uma palavra...

[ENTREVISTADOR] Não há uma palavra p’ra “cultura”.

[DOCENTE A] Engraçado.

[ENTREVISTADOR] Ele traduziu como o “Ministério da Brincadeira”

[DOCENTE A] Ah que engraçado. Eles aí ficam ‘yeah, diversão!’

[ENTREVISTADOR] Tê[Docente A] tê[Docente A] têm a cultura - tem cultura no dia-a-dia...

[DOCENTE A] Pois têm.

[ENTREVISTADOR] Enquadrada na - no dia-a-dia.

[DOCENTE A] Pois têm. E dão muita importância, que é a diferença.

[ENTREVISTADOR] E aqui a gente separa isso tudo: esses momentos de cultura, momentos de sei lá mais o quê.

[DOCENTE A] E no orçamento contempla-se tão pouco.

[ENTREVISTADOR] Ah, sim.

[DOCENTE A] Uh... Sabes, dá-me piada que eu - aqui há dias ‘tavam [ri] a falar do orçamento de Estado p’a Cultura e ele assim ‘as pessoas acham que a gente não come nem [fala a rir] tem de pagar as nossas dívidas e nós divertimo-nos a fazer isto, mas é o nosso trabalho, não tem mais nada’.

[ENTREVISTADOR] Pois, é que - vai bater aquilo que ‘távamos a dizer há pouco: o que manda é a economia.

[DOCENTE A] É verdade, o que manda é a economia. O que gere o dinheiro é a economia, nunca é um... Vai perguntar a algum miúdo se vai para cultura — cá nada, não querem; querem coisas que dê dinheiro, apesar de não terem muito jeito p’ra isso, vão. [lê a folha que entreguei, imperceptivelmente] ‘Tá fixe, isto é o quê? É a introdução da entrevista.

[ENTREVISTADOR] Não, isto era alguns conceitos-...

[DOCENTE A] Mas ‘tá bom.

[ENTREVISTADOR] base, p’ra contextualizar aqui, p’ra gente não andar a falar de coisas que não...

[DOCENTE A] Sim.

[ENTREVISTADOR] Que - eu sei que és de Geografia e tens estes conceitos todos presentes, mas...

[DOCENTE A] Sim, mas eu — sabes às vezes quando perguntaste ‘a sustentabilidade do

Desenvolvimento Sustentável’, eu costumo separar, porque a sustentabilidade aplica-se agora a qualquer coisa. ‘Não sei quê autossustentável, isto é autossustentável’, sustentabilidade -

[ENTREVISTADOR] Nos meios de comunicação usa-se sustentabilidade para descrever tudo.

[DOCENTE A] Tudo!

[ENTREVISTADOR] É a sustentabilidade da economia, é a sustentabilidade do...

[DOCENTE A] É tudo! Tudo! Tudo, é... autossustentabilidade - Aí, olha acho que já entrou no vocabulário das pessoas.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE A] E já que é uma coisa que não se vê há muito tempo - já não se vê...

[ENTREVISTADOR] Sim, mas há uns 5 anos p’ra cá, às tantas.

[DOCENTE A] É engraçado, ‘tás a dizer ’87. Pois!

[ENTREVISTADOR] Não, foi quando saiu o relatório Brundtland.

[DOCENTE A] Sim, sim. Não, mas de oitenta - porque lembro-me — no secundário — só me lembro no secundário de falar nisto, e foi na “Introdução ao Desenvolvimento Económico Social”. Como eu sou de Economia eu também tenho mais esta vertente.

[ENTREVISTADOR] Tu tiraste Economia no secundário?

[DOCENTE A] Sim, no secundário.

[ENTREVISTADOR] Que engraçado.

[DOCENTE A] É por isso que não é muito... “Sociedade e ambiente” [a ler a folha]. Enfim...

[ENTREVISTADOR] ‘Tá bom Docente A!

[DOCENTE A] Mas olha, qualquer coisa...

[ENTREVISTADOR] São 6h26, acabámos isto. Muito obrigado.

[DOCENTE A] Obrigada!

Entrevista semiestruturada com o docente B

O docente B situa-se na faixa etária 45-55 anos. É docente de Geografia, entre outras disciplinas, numa escola pública (de 3.º Ciclo) do Funchal, lecionando algumas disciplinas no Ensino Superior. É docente desde a década de 1980. Foi docente destacado no Serviço do Parque Natural da Madeira (atualmente Instituto das Florestas e da Conservação da Natureza) e Direção Regional de Florestas, ocupando várias funções administrativas como Diretor de Serviços. Tem ligações a um partido político de direita.

[ENTREVISTADOR] São 9h42, estamos nas instalações aqui do Arquivo Regional da Madeira.

Hoje é dia 16 de junho de 2018. O entrevistado enquadra-se na faixa etária 40 a 50 anos.

[ENTREVISTADOR] [interrupção na gravação] experiência profissional e isso tudo.

[DOCENTE B] A nível de experiência profissional: comecei como professor a minha área, eu sou da Geografia. Sou geógrafo, mas aqui na Madeira os geógrafos, numa fase inicial, limitavam-se por dar aulas, ou então de resto não havia cabimento nem lugar p'á geógrafos que achavam que nós éramos pessoas que só dizíamos mal. Por experiências com outras... pessoas aí na Região. De maneira que, fui dar aulas quando vim p'ra cá, quando acabei o curso fui dar aulas aliás, e, passados alguns anos, dois ou três anos, talvez — sim, três anos, fui convidado para trabalhar no Parque Natural da Madeira. Que é curioso que eu, quando fui estudar, quando fui - quando me candidato à faculdade e fui admitido, uh tinha concorrido também p'ó parque - na altura p'ra a comissão Instaladora do Parque Natural, p'ra trabalhar nessa altura como técnico ou vigilante da Natureza. Na altura não havia a ideia das regiões e da Natureza, mas foi quando o Parque começou a funcionar —o Parque Natural da Madeira — e 'tavam a receber pessoas p'ra trabalhar nessas áreas — nas [ilhas] Desertas, na fase ainda de implementação das primeiras reservas, aqui na região — se bem que a Reserva das [ilhas] Selvagens é de - data de '71, mas era mantida até a década de '80 pelos Serviços Agrícolas, não era propriamente um serviço de proteção da Natureza, ou um Parque Natural. E nessa altura sou convidado então p'á trabalhar no Parque Natural da Madeira e exatamente o que estava a dizer é isso é: fui estudar, desisti do concurso para técnico do Parque, achei melhor continuar os meus estudos, fui estudar, acabei o curso, fui dar aulas, sem nunca pensar voltar

aquilo que inicialmente tinha - pretendia e queria como trabalho, sou convidado de um momento para o outro pelo - o então diretor, para trabalhar na área do Parque, passados [impercetível] todos.

[ENTREVISTADOR] E isso - mas isso é a exercer mesmo... coisas de Geografia, da área específica da Geografia,

[DOCENTE B] [conversas sobrepõem-se] Eu quando vou p'ó Parque não vou na parte da...

[ENTREVISTADOR] [conversas sobrepõem-se] ... não era na parte da educação.

[DOCENTE B] ... não vou inicialmente trabalhar como geógrafo, vou trabalhar como elemento de ligação do Parque com a Secretaria Regional de Educação. Na área da Educação Ambiental, exato.

[ENTREVISTADOR] Ah, então na área da Educação Ambiental mesmo.

[DOCENTE B] Uma vez que tinha já experiência na área da Geografia e na área da... na parte da biogeografia, uh... acharam que seria uma mais-valia na altura entrar e ter um elo de ligação dentro do Parque Natural, que ligasse às escolas e que conhecesse os currículos, conhecesse algumas escolas, conhecesse o funcionamento das escolas, de modo a que, nós, Parque na altura — agora falando lá do Parque — pudéssemos chegar mais facilmente às escolas, porque esta preocupação de dar a conhecer o ambiente aos nossos jovens, é uma preocupação que data desde a formação do Parque Natural da Madeira

[ENTREVISTADOR] Quando é que é, se não é indiscrição?

[DOCENTE B] É oitenta e... quatro, se não estou em erro.

[ENTREVISTADOR] 84.

[DOCENTE B] 84, se não estou em erro, que foi criado a figura de Parque Natural da Madeira. E o serviço que é [hesita] que é então, até nessa data, que - tutela dessa área — que é uma área muito grande, são 73% da Ilha da Madeira. É muito.

[ENTREVISTADOR] 73.

[DOCENTE B] Uh... É um serviço que fica com o mesmo nome “Serviço do Parque Natural da Madeira”. Portanto, existe a figura jurídica do ponto de vista de proteção e área protegida, que é o Parque Natural, uh, com reservas naturais, algumas integrais outras parciais, outras paisagem protegida; e depois temos o serviço que tutela essa área, que é o Serviço de Parque Natural da Madeira — um serviço autónomo, com autonomia financeira e administrativa. E

que então geri - tive a gerir toda essa área até sensivelmente há pouco tempo, há 3 anos.

[ENTREVISTADOR] Hmmm.

[DOCENTE B] Foi até à data que se criou o Instituto das Florestas e da Conservação da Natureza. Até então, a gestão das - da parte florestal e da área de Parque Natural era... digamos que — havia ali uma área que era do Parque, que eram as reservas, e a outra área que era da Direção Regional de Florestas, que era a parte florestal, reprodução florestal, a silvo-pastorícia, a pesca, as águas interiores, a caça... era da gestão dos Serviços Florestais do Governo Regional.

[ENTREVISTADOR] Então agora fundiram isso, foi?

[DOCENTE B] Agora fundiu-se — faz algum sentido, quer dizer: ainda por outro lado, também tínhamos a Direção Regional do Ambiente, que também tutelava algumas áreas. Eu acho que o Instituto faz todo sentido, porque é uma forma de - de num espaço tão pequeno como a Madeira, reunirmos todas as entidades no fundo que têm a gestão do património natural, e acaba por 'tar integrado no Instituto — é mais fácil até a comunicação entre as pessoas e - e os próprios serviços. De modo a que as coisas se possam...

[ENTREVISTADOR] Também se... [impercetível]

[DOCENTE B] ... concretizar sem grandes despesas financeiras ou até de esforço humano, que às vezes havia pessoas a fazer a mesma coisa de um lado e do outro.

[ENTREVISTADOR] Assim também devem evitar... [hesita] fazer atividades que...

[DOCENTE B] Havia - havia esse cuidado. O que é facto é que também não havia uma comunicação tão próxima como há neste momento entre as pessoas e as pessoas às vezes, ah, aparecia um projeto 'olha vamos nos candidatar a este projeto' mas de certa forma o Parque já tinha um projeto similar, que também já se tinha candidatado.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim [sobrepondo-se ao entrevistado]

[DOCENTE B] Às vezes havia aqui algumas separações — não de forma voluntária, não é? mas, [hesita] que acabavam por coincidir em termos de resultados finais e isso não... era envidar esforços financeiros sem necessidade alguma.

[ENTREVISTADOR] Sim, pois.

[DOCENTE B] Acho que os serviços [hesita] a fusão num instituto faz todo o sentido. A Madeira é uma área Natural de grande relevo, efetivamente, carece de uma proteção e cuidado

especial mas não justifica ter vários serviços dentro do mesmo espaço a desenvolver... Agora esses serviços a trabalharem todos num só e de forma conjunta para um fim único, faz todo o sentido.

[ENTREVISTADOR] Sim, faz todo o sentido

[DOCENTE B] Na minha opinião acho que é [...]

[continua a falar sobre a criação do Instituto e a sua importância e a salientar que não havia conflito entre organismos; diminuição de custos financeiros e de trabalho]

[DOCENTE B] A Madeira tem um património que no país que é único, que é a Laurissilva, que é Património Mundial da UNESCO. É um galardão que já vem de desde noventa e... nove. Uh, e que tem sido mantido - mantido - ou seja tem sido sempre [hesita] reentregue, tem sido sempre validado ao fim de cada quatro em quatro anos.

[ENTREVISTADOR] Ah é? É feita uma avaliação, é?

[DOCENTE B] É feita uma avaliação periódica p'ra manter - quer isto, quer as reservas biogenéticas, quer as reservas da biosfera, que também temos, no caso de Santana. Uh, e também as áreas protegidas; as reservas naturais também têm — sofrem avaliações externas periodicamente para ver se mantêm a qualidade ou biogenética, ou [hesita] para manter estes galardões — digamos prémios [ri] — em termos de conservação 'tão - significa dizer mantêm-se e o reconhecimento internacional é tido porque efetivamente se desenvolve todo o trabalho nesse — p'a manter e p'a que as coisas tenham continuidade. Portanto, se não fosse estes serviços efetivamente as coisas não 'tavam como estão... Não é estar agora a querer por e uma das preocupações que têm sido — Também eu 'tou a falar e o Valdemar depois se calhar 'tou a fugir ao que aquilo que você queria que eu ouvi -

[ENTREVISTADOR] [sorri] Sim, mas essa parte é muito interessante, que é a parte de saber o que é que... o Docente B fez e isso tudo, não...

[DOCENTE B] Porque... O que é que eu fiz foi fundamentalmente — embora depois tenha trabalhado noutros projetos, tenha ficado responsável por alguns projetos, e até [hesita] — já na área da investigação, e também na área de outros trabalhos inerentes ao serviço do Parque Natural da Madeira e na Direção Regional de Florestas por exemplo já não fui - não estava ligado à educação, fui Diretor de Serviços na parte de uso múltiplo da floresta...

[ENTREVISTADOR] Ah.

[DOCENTE B] E isso já outra perspectiva que é usar a nossa área florestal com vários fins: no âmbito da caça, no âmbito da pesca em águas interiores, da silvo-pastorícia, das atividades de lazer, da utilização por parte dos cidadãos e dos estrangeiros na área desportiva, na área do turismo radical; tudo isso foi - fazia - era parte integrante dessa direção de serviços. Aí já não havia, de facto, a tal ligação que eu tinha no Parque com as escolas. De qualquer das formas, era sempre numa perspectiva de criar de condições, nesta direção, para a utilização... [hesita] “cívica”, entre aspas, do nosso espaço florestal.

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se ao entrevistado] Sim, do espaço, sim. Que faz parte mesmo da parte da Educação Ambiental.

[DOCENTE B] [sobrepõe-se] Da — não era propriamente direcionado p’as escolas, mas era p’a toda a sociedade e também fazia com que esses espaços tivessem condições p’a acolherem a nossa população e os que nos visitam, porque nós vivemos do turismo de natureza: 60% da população que nos visita é...

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se ao entrevistado] Sim, por causa das levadas e...

[DOCENTE B] ... no âmbito do turismo de natureza. É são as levadas, é o turismo radical no âmbito dos canyonings, do rappel, das escaladas, dos trail, é os BTT’s [conversa acerca dos trails de BTT e de canyoning; discussão bem disposta acerca de experiências de canyoning e acerca da beleza da ilha]

[DOCENTE B] De facto a minha ligação à área da educação ambiental foi mais evidente e mais forte nos trabalhos que desenvolvi no Parque.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE B] Isso aí... Nós partilhámos na altura — sempre e ainda hoje é uma base que “conhecer para preservar”, porque efetivamente quando as pessoas não conhecem, muito dificilmente vão proteger uma coisa que não conhecem — isso é lógico, quase; não é quase — é mesmo. E isso foi uma premissa que o Parque sempre teve e [hesita] uma preocupação — o Parque e neste momento — nem era o Parque, mesmo o Governo Regional teve e tem, [hesita]... Quando eu digo teve e tem, ‘tou-me a referir anterior Governo e ao atual Governo — portanto a preocupação ambiental é de facto uma... algo que sempre veio ao de cima, e esteve sempre presente nas duas situações governativas. E nós íamos às escolas, fazíamos apresentações, fazíamos divulgação das Reservas no âmbito das comemorações do Dia da Natureza, do Dia da Árvore, do Dia do Ambiente — aproveitávamos todas essas efemérides

para [hesita]... para promover e dar a conhecer as áreas protegidas; e de facto tínhamos uma “aceitividade” muito grande por parte dos nossos alunos e aquilo que nós concluimos e concluíamos muitas vezes, [hesita]...há uma consciência ambiental que... as pessoas têm, muitas vezes nem sabem que a têm; e sobretudo isso vê-se nos nossos miúdos. E claro que depois vão crescendo, vão passando essa informação para os descendentes e há de facto uma consciência ambiental. Há é, também... um desconhecimento da nossa natureza. Portanto, eu atrevo-me a dizer que mais de 90% da população da Madeira não conhece a Madeira, uh real. Real em termos de Natureza, não é? Não é conhecer a Madeira real do ponto de vista da ilha em termos económicos, sobretudo na parte natural há um desconhecimento muito grande.

[ENTREVISTADOR] Eu acredito que sim. Quando eu tive lá no canyoning eu vi coisas que nunca imaginei...

[DOCENTE B] Claro.

[ENTREVISTADOR] ... que...

[DOCENTE B] Que existissem.

[ENTREVISTADOR] ... que existissem, sim. E paisagens lindíssimas...

[DOCENTE B] [sobrepõe-se nas primeiras palavras] Quando eu digo desconhecimento, são as paisagens e até mesmo a qualidade do ponto de vista genético, botânico que nós temos, sobretudo botânico e até mesmo animal, porque embora nós não tenhamos mamíferos [interrompe pois foi picado por um mosquito “de St.^a Luzia”] uh... não temos mamíferos terrestres, além dos - dos morcegos, temos o lobo marinho e o ninfo marinho, e os cetáceos que passam por aí, a Madeira tem um conjunto de insetos e moluscos únicos, que é vastíssimo, a nível das plantas, das quais então, também, são muitas e isso tudo, quando se fala de endemismos estamos a falar de coisas que só existem aqui mesmo na Madeira.

[ENTREVISTADOR] Insetos, mesmo, endémicos?

[DOCENTE B] Endémicos!

[ENTREVISTADOR] Ah é?

[DOCENTE B] E isso ainda há alguns p’a descobrir. Quer dizer, já se sabe, já os conhece, já os conhecemos, já os associamos a uns e se formos a olhar e ver bem, se calhar até já não são os que a gente conhece de outras áreas. É natural que em ambientes como a Madeira, em

pleno Oceano Atlântico, aqueles que cá chegam, depois comecem a criar e a adaptar-se a criar condições e a adaptar-se fisiologicamente e fisionomicamente ao ambiente e acabam por se... tornar em novas espécies — vão-se especiando...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE B] ... E acabam por se transformar em novas espécies. O caso... são os pombos comuns nas ilhas da Macaronésia são pombos que no seu tronco inicial vêm do continente, da área [do território de Portugal] continental. Só que, é claro, foi aqui, onde tiveram os mesmos [hesita] - não tinham as mesmas condições que tinham, quer para o bem, quer para o mal, no continente e foram-se adaptando a essas situações. E hoje são espécies novas: falar do Pombo-trocaz, por exemplo; o nosso Bis-Bis, o Tentilhão também.

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se] O Bis-Bis e o Tentilhão são mesmo endémicos.

[DOCENTE B] São espécies endémicas. Até durante algum tempo eram — foram subespécies, e depois passaram a espécies, porque enfim, com os estudos que se foram fazendo, foi-se vendo que efetivamente eram diferentes, na totalidade e era uma espécie diferente; embora tenham - sejam muito parecidos com aqueles que existem nas áreas continentais, no entanto são espécies — e com os estudos genéticos, se fôssemos a fazer um trabalho, que requer um trabalho enorme, em termos de estudos genéticos da flora, de toda a fauna existente, isso obrigaria a trabalhos titânicos e ao — mas não quer dizer que não se possa ir fazendo, não é? — agora se fosse a fazer de isso forma rápida, [hesita]... iríamos chegar à conclusão que de facto temos muito mais espécies endémicas do que na realidade se pensa.

[ENTREVISTADOR] Oh, isto também noutras zonas também seria assim...

[DOCENTE B] Sim, exatamente. Em espaços fechados — quando eu digo fechados, circunscritos, nomeadamente por grandes massas de água, como o caso das ilhas — é normal que isso aconteça; numa fase inicial a gente 'ah, isto é o igual ao do continente - na área que se vê no continente - no continente' mas se depois formos a ver em termos de metabolismo ou em termos mesmo genéticos há ali diferenças mínimas: pode ser uma variedade a nível das plantas, pode ser uma - uma subespécie a nível dos animais. E se formos mais aprofundadamente, 'afinal é uma espécie diferente, totalmente diferente; só é parecida na caixa, por dentro é totalmente diferente'.

[ENTREVISTADOR] Pois. Isso...

[DOCENTE B] O ambiente, na Região, que é uma preocupação — como eu disse há pouco —

tem sido uma preocupação a nível dos governos, a nível do governo atual, faz sentido porque nós vivemos sobretudo do turismo, mas a seguir do turismo também temos a nossa produção própria em termos de subsistência local de agricultura e desenvolvimento da agricultura — no fundo são dois pilares da região [hesita] que tornam a Região... de alguma forma sustentável. Quer dizer, a sustentabilidade da Região — além de tudo o resto que nós recebemos do Estado nacional é sustentado sobretudo por estas duas bases: o turismo, a agricultura — produção agrícola e [hesita] porque a produção industrial na região é muito reduzida, em termos de indústria produtiva. E sendo a área de turismo — e sendo o turismo basicamente em termos de 60, mais ou menos 60% — portanto, mais de metade do turismo que nos visita — de turismo de natureza é fundamental que o ambiente tenha um papel significativo e que deva ser tido, porque se não, lá se vai um dos nossos pilares de sustentabilidade, que efetivamente...

[ENTREVISTADOR] Ah pois.

[DOCENTE B] ... a nossa paisagem, a área ambiental...

[ENTREVISTADOR] Neste caso, sustentabilidade económica, não é?

[DOCENTE B] Exatamente. Uh, e também na área social, [hesita] a própria... o facto do ambiente ser atrativo à população, mantém-se — dá alguma qualidade de vida que não se tem noutros sítios...

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] Hoje em dia qualquer um de nós madeirenses, pode ir do mar à serra... no máximo dos máximos numa hora.

[ENTREVISTADOR] Sim. [sobrepõe-se, baixinho] Agora com estas estradas todas, sim.

[DOCENTE B] Em termos de qualidade e bem-estar psicológico e tudo, posso 'tar perfeitamente cansado e 'c'a cabeça em água', como costuma dizer o madeirense, ao fim da tarde pego no carro, vou ao Areeiro ou vou... ali p'a zona do Paúl [do Mar] e espaireço e tenho paisagens magníficas, e tenho pores-do-sol espetaculares, me permitem ter som, luz diferente, tons diferentes — quer dizer, espaireço completamente, nesse...

[ENTREVISTADOR] Mas também, por outro lado... afetou um bocado a paisagem, e...

[DOCENTE B] Tem a ver com a paisagem no...

[ENTREVISTADOR] Não, não, mas afetou essas intervenções todas — claro que são benéficas

p'ra nós — mas, também mexeu aqui um bocado na paisagem da Região...

[DOCENTE B] Não, não 'tou a ver de que...

[ENTREVISTADOR] E na parte dos ecossistemas...

[DOCENTE B] [sobrepõe-se] Há uma realidade que nós temos de conviver: é a área ambiental que nós temos, de qualidade, mas não podemos ser também, [hesita] fundamentalistas ao ponto de querer por os madeirenses -

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se] Sim, de não tocar, não é?

[DOCENTE B] ... por os madeirenses em contentores, a viver em pleno mar alto para que isto se torne — vê, há uma realidade de 500 anos que nós - de 600 anos, que nós temos de conviver que é a colonização em termos populacionais da ilha, e isso tem, claro, implicações diretas no ambiente. E é verdade que...

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se] Aquelas perspetivas...

[DOCENTE B] ...isso, mais ou menos bem, causou sempre impacto, e causa impacto. Ao longo destes anos todos, destes 500 — destes 600 anos foram cometidas autênticas — de facto — atrocidades de forma muitas vezes inconscientes — repara em quando cá chegaram os primeiros colonizadores, as arroteias para poderem sobreviver em termos alimentares, tinham que arrotear terrenos e naves [?] para plantar e isso foi uma machadada bastante grande nos nossos ecossistemas. Uh, numa fase posterior, com a utilização das madeiras, depois mais tarde com a necessidade do carvão, e a procura de carvão por parte da própria — do [território português do] continente. Muito carvão foi da Madeira p'ro continente e p'os barcos que aqui passavam. Portanto, p'ra manter e p'ra que a população tivesse algum rendimento também foi — teve um papel importante na diluição dos nossos ecossistemas. O que é certo é que os ecossistemas perduram, com uma qualidade que permitiu ser-lhe atribuído o maior galardão da...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE B] Em termos de conservação ambiental. E não é um...

[ENTREVISTADOR] Património mundial.

[DOCENTE B] ... E não é um resultado dos atuais pseudoecologistas, como às vezes eu costumo dizer.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim, é porque aquela... aquela perspetiva...

[DOCENTE B] [conversas sobrepõem-se] Resulta do trabalho que já vem da Carta régia de D. Manuel. Não sei se o Valdemar

[ENTREVISTADOR] Essa...

[DOCENTE B] Já nessa altura havia a preocupação da preservação...

[ENTREVISTADOR] ... não a conheço.

[DOCENTE B] ... e a proteção dos alvoredos [arvoredos] da Madeira.

[ENTREVISTADOR] [fim da sobreposição de diálogo] Eu conheço assim, mais à frente...

[hesitação sobre a questão de conhecer tratados de silvicultura e florestação antigos]

[DOCENTE B] Houve sempre uma preocupação [hesita] uma preocupação na conservação deste património, agora também houve sempre o cuidado da subsistência até mesmo de alimentar das populações regionais...

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] É claro que numa fase depois de...

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se ao entrevistado] Sim, a gente não pode pensar que nós somos os únicos — quer dizer, que nós somos os únicos destruidores e isso tudo, mas também...

[DOCENTE B] Não.

[ENTREVISTADOR] ... somos uma parte integrante dos ecossistemas, também...

[DOCENTE B] Mas é isso — exatamente. Nós vivemos da natureza...

[ENTREVISTADOR] Aquelas perspetivas assim mais extremas da...

[DOCENTE B] Nós vivemos de...

[ENTREVISTADOR] ... da ecologia dizem que não somos parte...

[DOCENTE B] Somos alheios. Não...

[ENTREVISTADOR] ... somos alheios...

[DOCENTE B] Vivemos com a natureza.

[ENTREVISTADOR] ... ou que destruímos isto tudo, mas também não podemos...

[DOCENTE B] Mas nós destruímos porque a natureza tem permitido que nós nos possamos multiplicar e têm — termos as condições que temos, quer até mesmo do desenvolvimento mental; portanto o Homem tem evoluído, isso é uma consequência ambiental [hesita] uma

consequência natural, não é uma consequência -

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] propriamente só de [hesita] que é injetada no Homem por nós.

[ENTREVISTADOR] É uma reação também à natureza, às dificuldades que se nos impõem.

[DOCENTE B] ... às dificuldades que são nos impostas — vão-nos sendo impostas e a gente vai resolvendo da forma que na altura é a mais... parece ser a mais correta, não quer dizer que mais tarde não se venha dizer que foi mal feita ou bem feita — ou menos bem feita, mas a verdade é que ninguém age de forma [hesita] impensada na totalidade. É claro que, depois dos anos '80 — e sobretudo com a entrada na Comunidade Europeia — a disponibilidade financeira que a Região teve, e a possibilidade de criar novas infraestruturas veio [hesita]... digamos causar um maior impacto em termos daquele que é a participação e a presença do ser humano em espaços como estes. Porque até então as coisas estavam mais ou menos naturalmente protegidas porque não havia dinheiro para nós melhorarmos a qualidade de vida das populações. A partir do momento que o dinheiro aparece em que se pode dar melhores condições — nomeadamente acessibilidade, infraestruturas básicas a todos os níveis, criando até condições p' a descentralização da colonização, da localização populacional no Funchal, criando — permitindo que as populações rurais —

[ENTREVISTADOR] Sim, não viessem para o Funchal.

[DOCENTE B] ... sobretudo na periferia — se mantivessem no local e não viessem aumentar ainda mais a situação caótica que o Funchal vivia em determinado período [hesita] viveu num determinado período, de crescimento — é uma realidade que nós temos que ter... Houve um crescimento não planeado — ausência de planeamento — foi todo um conjunto de circunstâncias que foi - é difícil mesmo — não querendo defender ninguém — não é esse o meu papel. Mas era difícil nós conseguirmos planear e executar a tempo real para dar resposta às necessidades que nós tínhamos, nomeadamente: regresso das ex-colónias, regresso dos emigrantes, diminuição dos surtos migratórios — ou seja, começou a sair menos gente e começou a entrar mais gente. Inclusivamente até populações imigrantes de outros países que vieram p'ra cá trabalhar e isso criou aí uma situação que em termos de planeamento que foi resolvida da forma [hesita] mais rápida, mais eficaz, no fundo...

[ENTREVISTADOR] É como todas as decisões políticas aqui em Portugal: têm que ser decisões... [hesita] pragmáticas, não é?

[DOCENTE B] Sim, é preciso fazer assim. ‘Tem que ser’.

[ENTREVISTADOR] É preciso: ‘tem que ser’.

[DOCENTE B] É verdade que isso leva-nos a criar situações menos boas para o ambiente, nomeadamente. Mas, eu acho que — isto é a minha opinião — apesar de tudo e sabendo nós que somos uma população em crescimento felizmente ou infelizmente hoje em dia já não estamos a crescer tanto, mas precisamos de espaço — embora, na minha opinião — se calhar a nossa cidade já tivesse de ter crescido em altura... mais do que [hesita]... mais cedo, do que estar a crescer em termos de espaço. Não tarda muito...

[ENTREVISTADOR] ...em espaço horizontal...

[DOCENTE B] ...temos casas no Pico Ruivo. Não é bem assim, mas é força de expressão e exagero — mas o que é certo é que elas já tão chegando à cota dos 600 metros. E isto, em termos de espacialização da população é algo que não é agradável à vista nem é também agradável ao ponto — para as pessoas. Hoje se perguntarmos a qualquer pessoa que viva nas zonas altas do Funchal se preferia viver no Funchal a primeira reação é que sim.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] Preferiam pagar um apartamento relativamente de baixo custo dentro do Funchal do que ter que andar a acartar todos os dias e a subir de autocarro, ou mesmo com os carros deles p’as zonas altas, p’a espaços onde muitas vezes a qualidade de vida do ponto de vista climático, do ponto de vista até [hesita]social não é...

[ENTREVISTADOR] De acessibilidade a serviços

[DOCENTE B] E disponibilidade de serviços, tudo: a todos os níveis. É claro que isto só se consegue diminuir o custo do espaço dentro do Funchal se crescermos em altura. Quero dizer, se eu tenho 4 andares — se dividir 1000 euros por esses 4 andares, dá-me 250 euros, não é? Agora se eu dividir esses mesmos 1000 euros por 8 andares, já dá menos um bocadinho. Quer dizer isso é uma — uma comparação — tem de ser valores reais, não é?

[ENTREVISTADOR] Sim, são questões assim um bocado económicas, sim.

[DOCENTE B] Só que é certo que essas pessoas pagam menos, o espaço é mais aproveitado, ah, cria-se maior disponibilidade p’o espaço natural manter-se, sem ocupar áreas que são o pulmão da cidade, por exemplo. E... Só que as pessoas, pronto... Há um certo preconceito em crescer em altura e achar que se vai tapar o anfiteatro, e não sei. Todas as grandes cidades

cresceram até [hesita] a partir de determinada tiveram arranha-céus; desses arranha-céus foram surgindo outros e hoje, há cidades, claro que com índices de desenvolvimento muito superiores ao nosso, que são só arranha-céus.

[ENTREVISTADOR] Pois. É engraçado que há pouco falou da entrada daqui da Região — de Portugal na CEE, etc...

[DOCENTE B] Na Comunidade Europeia.

[ENTREVISTADOR] Foi mais ou menos por essa altura que surgiu ou que começou a ser badalado aquele — o [conceito de] Desenvolvimento Sustentável ...

[DOCENTE B] Exatamente.

[ENTREVISTADOR] ... em '87 que surgiu esse conceito...

[DOCENTE B] Porque a União Europeia surge exatamente nessa premissa, que é criar condições p'ra que a Europa se desenvolva de forma sustentável dependendo o mínimo possível do resto do mundo e que a coesão entre os países da Europa atenuasse as rivalidades que existiam.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] Aí a sustentabilidade é fundamental que se fale, não é? Porque se...

[ENTREVISTADOR] Mas, mais numa perspetiva económica se pensarmos...

[DOCENTE B] Sim, numa fase inicial foi meramente económica, por isso é que era “Comunidade Económica Europeia”, enfim quando nós entrámos ainda era Comunidade Económica Europeia.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] É claro que se foi aprofundando isto e até a coesão social em que se cria a União Europeia, não que a sustentabilidade — para além da economia — implica também sustentabilidade nos mais variados níveis.

[ENTREVISTADOR] Pois, sim. Uh...

[DOCENTE B] Só quando nós formos autossuficientes de - de trachos [?] sejamos sustentáveis é que a Europa se pode dizer que é um espaço único em termos globais. Porque até então se não houvesse sustentabilidade vai haver sempre grandes disparidades, vai haver sempre setores que vão estar aquém uns dos outros, em termos físicos, em termos, portanto, espaciais.

[ENTREVISTADOR] É que entretanto isso também — essa expressão de sustentabilidade já se tornou assim um bocado banal agora a gente já usa no dia-a-dia...

[DOCENTE B] Sim. Hoje em dia qualquer pessoa fala de sustentabilidade de forma — digamos — eu não ia dizer abusiva, mas é quase...

[ENTREVISTADOR] Mas é — eu... Por acaso acho...

[DOCENTE B] ... porque de facto hoje confunde-se muito sustentabilidade com crescimento...

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] ... e uma coisa é nós termos crescimento, outra coisa é termos crescimento sustentável e esse crescimento sustentável traduz-se na sustentabilidade de uma região.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] E isso é uma realidade que de facto politicamente se calhar não tem sido bem traduzida, por razões, se calhar — intencionais ou não — porque muitas vezes o que temos assistido são situações de crescimento, e isso (não nego), a Região tem tido um crescimento — é porque eu já estou como as velhinhas de supermercado, 'sou do tempo em que ainda isto, antes dos anos 80' que isto ainda era quase nada. [ri]

[ENTREVISTADOR] Sim, sim, é isso.

[DOCENTE B] Eu lembro-me perfeitamente — e aliás, que o D [o irmão do Docente B, conhecido do entrevistador] também deve se lembrar — embora ele embora seja mais novo que eu há coisas que ele — mais novo do que eu um bocadinho, mas não há coisas — muito pouco — mas há coisas que ele não se lembra. Eu lembro-me de chegar água potável à casa dos meus avós, eu lembro-me de chegar a luz elétrica a casa dos meus avós e 'tamos a falar de sítios onde estamos agora — que é que os meus avós viviam aqui ao lado de cima no sítio de Santana.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim em Santo António.

[DOCENTE B] Onde o D vive agora — não, São Roque.

[ENTREVISTADOR] São Roque.

[DOCENTE B] Em que este espaço todo aqui, onde nós estamos concretamente, era espaço rural. Acima dali da cota 200, era tudo já meio rural; e reconheço que nesses anos a Madeira sofreu efetivamente um crescimento...

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se ao entrevistado] Sim, um crescimento vertiginoso.

[DOCENTE B] Vertiginoso. Só não diz isto quem for de certa forma ingrato. Agora se esse crescimento foi sustentado, aí eu já coloco as minhas dúvidas e dizia — atrevo-me a dizer que, na minha opinião pessoal — não foi. Nós temos sustentabilidade em algumas áreas, mas não somos sustentáveis, a Região não vive um ambiente de sustentabilidade global.

[ENTREVISTADOR] Sim, até porque a gente também tem as condições que a gente tem aqui na Região. Não é, não?...

[DOCENTE B] Sim, há que contar com a insularidade...

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se ao entrevistado] Há que contar com a insularidade.

[DOCENTE B] ...há que contar com uma série de fatores que são...

[ENTREVISTADOR] Não temos produção própria...

[DOCENTE B] ...São um bocadinho alheios — eu digo um bocadinho, que há situações que se podem resolver, quer dizer há situações, por exemplo, como os transportes, se calhar devia ser repensado: [pausa] em termos de acessibilidade nós estamos mal [hesita] digamos, acabamos por ter ligações, mas essas ligações se calhar não são em número suficiente, ou pelo menos com competitividade suficiente, não há competição ao nível dos transportes, portanto nós estamos sujeitos a pagar e isto é público, não é? Os transportes mais caros da Europa, e isso poderá ser uma situação a repensar para que nós possamos melhorar a nossa sustentabilidade, diminuindo os custos, por exemplo, em termos de transporte dos bens que ainda dependemos — quer seja dos que recebemos, quer seja daqueles, também, dos poucos que exportamos que ainda fazia com que se pudesse ganhar mais, diminuindo nos custos de transporte.

[ENTREVISTADOR] É que, quer dizer, a gente faz assim uma análise destes 30 anos, daqui da Região [Autónoma da Madeira], e se pensarmos até nem houve assim grandes mudanças assim a nível de como a gente encara o ambiente — quer dizer houve essa fase de crescimento bastante grande, como disse o Docente B, mas...

[DOCENTE B] Sim, embora tivesse mais implicâncias na paisagem rural porque o facto de, em termos de acessibilidade e de desenvolvimento de infraestruturas foi criar condições de acessibilidade, com estradas, com auto-estrada - com vias rápidas...

[ENTREVISTADOR] Não isso, assim houve impacto. Isso em nível económico, se a gente pensar que...

[DOCENTE B] Mas em termos ambientais... O resultado prático disto, digamos na - na - no impacto de paisagem natural, não foi grande, porque de fac - essas infraestruturas estão implantadas em espaços rurais e sobretudo em terrenos em espaços que eram terrenos agrícolas abandonados, muitos deles até.

[ENTREVISTADOR] [assente com um murmuro]

[DOCENTE B] É claro que teve um - um impacto na paisagem — porque a paisagem da Madeira que nós vendemos não é só a floresta, não é só a Laurissilva; nós vendemos também os nossos - os nossos poios, a nossa agricultura...

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] Sim. Os nossos costumes também, a nossa cultura...

[DOCENTE B] Os costumes. A forma de - de ser das pessoas — tudo isso pesa na - na - na oferta turística da Região. Agora havia - há - há coisas que tinham que ser feitas, que na minha opinião tinham... não fazia sentido uma pessoa idosa do Porto Moniz, vir do Porto Moniz ao Hospital do Funchal pa ter uma consulta de médico de família, quer dizer — isto é um exemplo...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim, sim.

[DOCENTE B] Mesmo com a acessibilidade que hoje em dia temos, uh não faz sentido...

[ENTREVISTADOR] Sim, claro.

[DOCENTE B] ... uma pessoa ter que se deslocar quase 60 Km para - para vir ao médico, podendo ter um Centro de Saúde com um ou dois médicos

[ENTREVISTADOR] Com médicos de família, sim.

[DOCENTE B] Que pelo menos as consultas de médico de família acho que se...

[ENTREVISTADOR] Não, essa parte é fundamental, sim

[DOCENTE B] ... isso aí, criou-se condições até — não só de crescimento mas até de sustentabilidade, a nível da saúde, do próprio Sistema Regional de Saúde.

[ENTREVISTADOR] [assente com um murmuro]

[DOCENTE B] Uh, agora a Madeira de facto precisa ainda de mais em vários - vários setores da nossa economia e não só, uh de melhorar a qualidade ou melhorar a... as for - as práticas para poder termos de facto alguma sustentabilidade. Nós não somos uma Região sustentável.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] Isto é - é - é a realidade. Agora somos uma região que efetivamente tem

denotado é - é que a sustentabilidade é que, digamos é garante do desenvolvimento, que é isso que tu no fundo... só vamos dizendo ao ouvido, apresentar índices de desenvolvimento elevado ou, pelo menos compatível com o resto da Europa, quando nós tivermos alguma sustentabilidade. O desenvolvimento só se justifica quando o crescimento é sustentável. Se isso não acontecer, não somos tão desenvolvidos como às vezes parece...

[ENTREVISTADOR] Acha que - que as pessoas [pigarreia] - o teve experiência com - teve alguma experiência com as escolas, não é? na - na altura de coisa... Acha que os miúdos questionavam? Punham em questão essas - essas situações todas de - de ambiente, de economia, de sociedade — será que - acha que eles tinham...

[DOCENTE B] Uh, há uma consciência nos miúdos que de facto a nossa economia terá grandes problemas se, e isso na perspectiva deles, claro, não são perspectivas detalhadas, como é lógico, porque a idade não lhes permite — mas há de facto a consciência que a nossa economia, a Madeira, só poderá gerar riqueza se, [hesita] tiver cuidado com o seu ambiente, e isso não passa só pela preservação dos espaços naturais mas também a própria qualidade ambiental dentro das cidades, nos meios urbanos, até no âmbito da reciclagem dos nossos desperdícios e, digamos dos desperdícios do dia-a-dia — dos lixos, há esse cuidado. Se bem que também há uma parte dos programas escolares — desde do Ensino Básico — que já os vai alertando para isso...

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] E essa consciência vem dessa — desde então, começa-se a formar quando muito jovens.

[ENTREVISTADOR] Então, o Docente B tem acompanhado essa questão de...

[DOCENTE B] Sim, isso — os Programas têm vindo a evoluir

[ENTREVISTADOR] Os programas.

[DOCENTE B] ... no sentido da sustentabilidade ambiental e sobretudo em áreas como a Madeira, não só - se bem que na minha opinião os programas não focam... — não quer dizer que os nossos programas fossem totalmente diferentes dos programas nacionais, como é lógico.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] Mas isto acho que se — aquilo que é a minha opinião é que se poderia aplicar a

nível regional — e quando eu digo regional não é das Regiões Autónomas, não é só da Região da Madeira, dos Açores, mas é onde o aluno está inserido, no seu espaço de vivência mais próximo — ter nos programas, haver a flexibilidade dos programas e por parte dos docentes que lecionam estas áreas (eu até atrevo-me a dizer que devia ser em todas as áreas) mas, que lecionam estas áreas de poder incluir [hesita] informação ou sensibilização sobre a área de residência deles. Não é alterar — não sei se me ‘tou a fazer entender, não é alterar...

[ENTREVISTADOR] Sim, eu acho essa informação riquíssima.

[DOCENTE B] ...de alterar os programas de baixo, porque isso efetivamente tem que haver um tronco que é comum — agora deveria haver essa preocupação, dentro da região de vivência, do espaço de vivência, de carácter regional não digo local ao ponto do concelho ou até do distrito, mas de carácter regional: a região norte, a região centro, a região sul, a região do litoral, a região do interior — que há preocupações inerentes a cada uma destas situações, a cada uma destas áreas que são diferentes do global, das Regiões Autónomas e isso faria com que os alunos pudessem ter — além da consciência global que ficam — terem também a preocupação e o cuidado de pensar na sua área de vivência.

[ENTREVISTADOR] Então, mas o que é que acha que leva com — a que não haja essa liberdade p’ra introduzir essas coisas: o que é que acha que está por detrás disso?

[DOCENTE B] Eu acho que não é uma questão de liberdade, não é propriamente uma questão de liberdade, mas é uma questão das pessoas que às vezes criam os [hesita] — criam, ou melhor, preparam os programas, não serem alertados para estas situações; eu acho que os gabinetes funcionam ainda muito fechados na área da preparação dos currículos e dos programas. Quais as razões? É assim, não me atrevo aqui a por aqui em causa a competência de cada um, nem tão-pouco, as características inerentes à formação de cada um, mas acho que as pessoas fecham-se muitas vezes ou por questões de comodismo ou por questões de desconhecimento e... acho que também tem a ver um bocadinho com o nosso meio académico. Portanto...

[ENTREVISTADOR] Uh... E...

[DOCENTE B] As pessoas hoje em dia ainda não estão preparadas e o— vejo isto porque também dou aulas no ensino superior...

[ENTREVISTADOR] Ah, também dá aulas no ensino superior?

[DOCENTE B] Dou aulas na Universidade da Madeira.

[ENTREVISTADOR] Ah.

[DOCENTE B] Só que os nossos alunos, do ensino superior vivem fechados em eles próprios, quer dizer — o trabalho em equipa, o trabalho multidisciplinar, é algo que ainda não é [hesita] muito desenvolvido e promovido; e isto reflete-se muito no trabalho futuro — em todas as áreas — mas sobretudo nas áreas dos programas curriculares que tenta-se fazer o mais próximo possível p'a acompanhar o resto da Europa — tem que haver liberdade para se criar este espaço — ou seja, os programas têm que ser mais flexíveis, porque às vezes carrega-se em determinados aspetos que são importantes, logicamente, mas que se calhar poderão ser diluídos ao longo do percurso académico ou do percurso escolar dos alunos, até ao percurso académico: até ao final académico. Porque às vezes não faz sentido um aluno do 12.º ano estar a dar matéria que possivelmente noutros países da Europa — não é possivelmente, na realidade noutros países da Europa só dá no 3.º ano de faculdade, se for naquela área. E se calhar, se nós diluíssemos isso ao longo dos currículos, tendo em conta já o percurso académico, o percurso total académico dos alunos...

[ENTREVISTADOR] Sim, dos miúdos.

[DOCENTE B] Poderia dar espaço a que criássemos estes pequenos ...

[ENTREVISTADOR] No 3.º ciclo 'tá assim, mais ou menos; assim no 7.º ao 9.º ano, tem a noção do que é...

[DOCENTE B] Nos programas de Geografia...

[ENTREVISTADOR] ... que têm os programas?

[DOCENTE B] Nos programas de Geografia e de Biologia já se vai incluindo, aspetos relacionados com as ilhas, sobretudo. Claro — quase que por uma obrigação foi preciso incluir a Laurissilva porque é Património Natural Mundial da UNESCO.

[ENTREVISTADOR] Sim, tem esse galardão... Temos que aproveitar, não é?

[DOCENTE B] Mas é porque tem este galardão. Porque se calhar — se não fosse por isto, muitos dos nossos alunos nas escolas -- nas escolas regionais iriam falar da Laurissilva a não ser que fossem a uma apresentação ou fossem a uma visita e que fossem alertados para tal.

[ENTREVISTADOR] No 3.º ciclo, não 'tou a ver assim se têm mesmo isso, mas acho que deve haver algum tipo de liberdade para introduzir...

[DOCENTE B] Vejo na Geografia (daquilo que me lembro, nos programas de Geografia)

quando se dá o ambiente os ecossistemas, eles falam da Laurissilva. Não sei se agora também se já passou para o 10.º ano. Muito sinceramente é porque eu... eu neste momento, depois que voltei p' o ensino... só estou na área profissional.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] E numa área que...

[ENTREVISTADOR] Aquela escola é a partir do 10.º ano, não é?

[DOCENTE B] [refere a escola em que dá aulas e que dá aulas de agricultura biológica e a parte ambiental aos cursos de turismo; refere um mercado de agricultura biológica com potencial — hotelaria como potencial cliente; refere que o desejo de tornar toda a agricultura biológica é utopia]

[ENTREVISTADOR] Por que é que acha que é mais na área da Geografia, das Ciências [Naturais] ou das Biologias é que se trata destas questões de sustentabilidade em si? Quer dizer, há pouco...

[DOCENTE B] Por que é que são essas áreas a ser mais...

[ENTREVISTADOR] Por que é que acha que é mais nessas áreas. Há pouco 'tava a dizer que há ali [hesita] um fechamento no pessoal que faz os programas — o pessoal 'tá assim um bocado fechado.

[DOCENTE B] Falta a tal interdisciplinaridade. Porque muitas das vezes a parte da Biologia, a parte da Geografia 'tá — aliás, nós na Geografia, nesse aspeto, somos “duvidosos”, entre aspas, porque nós trabalhamos com tudo; no fundo nós reunimos aquilo que se faz em todas as áreas p' a depois implantar no espaço, e logicamente...

[ENTREVISTADOR] Sim, porque isso é uma área de articulação, não é?

[DOCENTE B] Exatamente.

[ENTREVISTADOR] De... conhecimento...

[DOCENTE B] Por isso é que a gente tem uma noção mais alargada, de certa forma, de como é que elas podem se interdisciplinar [hesita] as diferentes ciências e depois em termos de aplicabilidade no espaço, resultar; a economia, sem a paisagem, sem a natureza — para tudo (falando da Madeira, por exemplo) a Região em termos económicos se não fosse o turismo que é por sua vez é mantido na sua grande maioria pela qualidade paisagística, não só natural como também rural da nossa ilha — a economia se calhar não tinha razão de... porque não

há outras atividades económicas; não havendo esta oferta também não há procura da Região; não há procura da Região, não há necessidade de trabalhar do ponto de vista económico, não há rentabilidade económica de [hesita]... há com outros setores de produção que também temos, mas não seria tão acentuada como fiz [hesita]. São, na minha opinião, elementos que têm que 'tar intimamente ligados, quer dizer, não podem... Por isso é que por exemplo, a disciplina de Economia na escola — a disciplina de Economia também deveria ter uma componente de economia ambiental — aliás, nós... na nossa formação superior existe uma cadeira que é “Economia Ambiental”.

[ENTREVISTADOR] O próprio nome “economia” uh, “eco”...

[DOCENTE B] “Eco”, exatamente. Embora...

[ENTREVISTADOR] ... e tem a ver com a exploração da natureza.

[DOCENTE B] Apesar de isso não estar a ser usado em termos de produção, da própria natureza, mas a economia é. Poderia ser uma base de partida para...

[ENTREVISTADOR] E como é que acha que também lida com os colegas, com os professores. Como é que acha que eles encaram com esta questão toda da sustentabilidade: é assim — especialmente a área da Geografia, da Biologia, das Ciências a gente já sabe mais ou menos...

[DOCENTE B] Eu atrevo-me a dizer que não é só os da Geografia e da Biologia que têm essa consciência. Eu acho que...

[ENTREVISTADOR] Ah sim?

[DOCENTE B] ... a classe docente, como classe esclarecida que é, essa consciência é presente em todos. É claro que uns, por inerência das suas atividades ou dos seus programas acabam por falar mais ou [hesita] até por ter um papel mais ativo mas tem a ver também com a própria formação ou.... Agora, na classe docente, acho que a consciência ambiental, a consciência da importância do ambiente e da qualidade ambiental em termos de sustentabilidade da região, como classe ... esclarecida que é, 'tá presente.

[ENTREVISTADOR] [assente com um murmuro] Acha que é suficiente, esta... toda esta educação para o Desenvolvimento Sustentável que a [hesita]... que tem havido aí nos programas?

[DOCENTE B] Podíamos ir mais além um bocadinho, a realidade é essa. Agora eu sou também — às vezes defendo uma perspetiva e uma “política”, entre aspas, que ‘água mole em pedra

dura, tanto bate até que fura’.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim-

[DOCENTE B] E isto leva o seu tempo.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] E a sustentabilidade não se consegue de um dia para o outro. Ou seja...

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] ... nós termos crescimento, sustentabilidade, ou seja crescimento também sustentável que promova desenvolvimento é algo que, em termos temporais não se consegue numa... se calhar numa geração. É algo que tem que ser promovido e desenvolvido — aliás nós temos exemplos: os países nórdicos, que são tidos hoje em dia, digamos, como o grande exemplo da sustentabilidade...

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] Grande exemplo, o paradigma...

[DOCENTE B] ... não ganharam, não conseguiram essa sustentabilidade nem o desenvolvimento que têm — que são países desenvolvidos efetivamente, na minha perspetiva [diz a sorrir] porque têm, de facto um crescimento sustentável — não ganharam, não conseguiram isso com uma geração, com o trabalho o trabalho de uma geração. Basta dizer a Finlândia no final da Grande Guerra recebeu dinheiro de Portugal. Nós...

[ENTREVISTADOR] Ah é?

[DOCENTE B] Nós demos dinheiro à Finlândia para que eles pudessem tentar recuperar — eram extremamente pobres nessa altura. Repare, hoje em dia o que é a Finlândia, e o que é Portugal. Portanto, isto p’á dizer o quê? Não se consegue numa geração só, mas também consegue-se havendo alguma perseverança e fundamentalmente havendo um fio condutor que seja... que seja sempre o mesmo. Portugal infelizmente tem vindo a seguir caminhos diferente consoante as mudanças políticas.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] E isso tem afetado efetivamente o nosso percurso de Desenvolvimento Sustentável.

[ENTREVISTADOR] Até...

[DOCENTE B] Na minha opinião.

[ENTREVISTADOR] Até em termos — Eu concordo. Até em termos de educação, se a gente

olhar...

[DOCENTE B] A gente muda de sistema quando muda de ministro [ri].

[ENTREVISTADOR] Pois, é isso. E...

[DOCENTE B] E isso não é sustentável até p'ro próprio [hesita] não é sustentável.

[ENTREVISTADOR] O que é que acha que afeta mais a educação, aqui em Portugal, pegando nessa ideia das mudanças?

[DOCENTE B] A alteração constante de digamos, de objetivo e de...

[ENTREVISTADOR] Sim, mas mais são os objetivos que acha que — quer dizer a gente vê de um governo p'ó outro, a gente vê grandes...

[DOCENTE B] Mudanças.

[ENTREVISTADOR] Que há grandes mudanças, mas de um governo... um governo qual é o?...

[DOCENTE B] A realidade que nós temos assistido...

[ENTREVISTADOR] [interrompe para continuar questão] Por exemplo, os governos de PSD, qual é [hesita] que acha que são os... os principais objetivos? Governos PSD - PSD 'tou a pensar em termos nacionais...

[DOCENTE B] Sim, no nível global.

[ENTREVISTADOR] ... que aqui em termos regionais...

[DOCENTE B] Sim em termos regionais, foi sempre — mas também adaptamo-nos aos governos, aos diferentes governos nacionais.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim claro há sempre mudanças.

[DOCENTE B] Apesar de termos um fio condutor, que possa ser ligeiramente diferente, acabamos por ter de nos cingir aos programas e aos currículos nacionais.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] Em termos políticos, por exemplo a nível do PSD que nós tivemos sempre um apego muito grande à reforma Veiga Simão... Ou tinha — sempre teve, no PSD sempre teve esta base, digamos em termos de fundo.

[ENTREVISTADOR] Veiga Simão.

[DOCENTE B] E deu um ou outro — tem dado sempre alguns resultados, mesmo com coisas... relativamente diferentes, mas digamos há um objetivo final que é sempre mantido. Nos

outros governos a gente tem-se assistido — isto independentemente de ‘tar a querer dizer que é de A, B ou C, se é melhor ou pior que o outro — o que eu sei... isto é aquilo que eu penso em termos pessoais — quando são os governos PSD há um fundo, há um objetivo final que ainda vem da tal reforma Veiga Simão. Quer queiramos, quer não, foi — era um plano a nível nacional que se sido seguido e atualizado...

[ENTREVISTADOR] Inovador, não é?

[DOCENTE B] Extremamente inovador! Estamos a falar dos anos 70.

[ENTREVISTADOR] Anos 70, sim.

[DOCENTE B] Foi 72, não é? E que depois ele vem a ser ministro mais tarde, outra vez já num governo PSD e que deu continuidade e o objetivo da reforma Veiga Simão era que esta reforma - era uma reforma para ir se adaptando e adequando às realidades que fossem vindo. O que é certo é que nós — de certa forma — temos andado a copiar modelos de um e de outro país, quando temos realidades que não se comparam a esses países [hesita] realidades sociais que não se comparam a esses países.

[...] [DOCENTE B] E essa realidade social muitas vezes não é tida e vamos copiar — copiamos modelos que se julgam extremamente inovadores, mas que não tornam minimamente sustentável o sistema e, pelo contrário: vêm fragilizar tudo o que está a ser feito - tudo o que vem de trás, quero dizer, cada a mudança que se faz fragiliza o anterior sistema e consequentemente tem logo consequências ao nível da sustentabilidade do próprio sistema.

[ENTREVISTADOR] Então, por exemplo, PS, acha então que... nos governos PS é mais uma cópia de...

[DOCENTE B] Também no PSD tivemos, não é?

[ENTREVISTADOR] ... de importação?

[DOCENTE B] Mas, assiste-se mais nos governos PS a uma cópia — não é cópia — a uma tentativa de se encostar a alguns modelos, a algumas permutas de modelos de outros países, do que propriamente criar o nosso modelo. E depois tem a ver com os próprios ministros: nós tivemos um ministro anterior, por exemplo falando dos programas de Matemática...

[ENTREVISTADOR] Ah, o [Nuno] Crato.

[DOCENTE B] Que era de [hesita] no âmbito da teorização, do conhecimento teórico em termos matemáticos, e agora temos um ministro que é da prática, da Matemática, exercícios,

exercícios, exercícios, a mecanização.

[ENTREVISTADOR] Que ele é mais da investigação...

[DOCENTE B] Os dois são precisos. Os dois são precisos. [sorri] Não podemos é ser ‘nem tanto ao mar nem tanto à serra’ em determinados períodos. Eu acho que se nós tivéssemos — ‘tou a referir concretamente o programa de Matemática que é também um programa que eu tenho alguma — algum conhecimento — se tivéssemos o meio termo de cada um destes 2 ministros — tínhamos um ensino de Matemática no país dos melhores.

[ENTREVISTADOR] [Tiago] Brandão.

[DOCENTE B] Porque esse é outro dos problemas dos programas , na minha opinião, e do ensino em Portugal, que é a Matemática e o Português: assenta basicamente na Matemática e no Português, como se fossem (os dois são efetivamente pilares do ensino, mas não são os únicos nem os fundamentais) eu como costume dizer, por exemplo, há pessoas que têm — e não por o Valdemar ser de Educação Visual — a Educação Visual, na minha opinião, é das disciplinas que maior importância tem no desenvolvimento pessoal de um aluno, de um aluno — especialmente em determinados escalões etários.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] A forma de ver as coisas, a forma de saber perspetivar as coisas adquire-se com a Educação Visual, não é com a Matemática só, e o Português — embora também seja preciso.

[ENTREVISTADOR] Mas isso também — essa história da Matemática e do Português já é uma tradição aqui em Portugal.

[DOCENTE B] É uma...?

[ENTREVISTADOR] Uma tradição. Já no século XIX...

[DOCENTE B] Sim, já vem desde sempre.

[ENTREVISTADOR] [conversa em simultâneo] Desde que surgiu, uh...

[DOCENTE B] Por isso é que nós temos... Portugal tem...

[ENTREVISTADOR] ...a escola mais ou menos pública...

[DOCENTE B] Exato...

[ENTREVISTADOR] ... que é Português, é Matemática, é, depois, tem umas ali, que andam ali a variar...

[DOCENTE B] [fim da conversa em simultâneo] Mas é por isso que Portugal, num espaço tão

pequeno tem o maior número de matemáticos, ou seja, tem a maior densidade espacial de matemáticos da Europa [ri].

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] Mas isso — vem de certa forma justificar o que eu queria dizer há bocadinho, de forma indireta, é que muitas das vezes fazem-se os programas de acordo com as pessoas que tão lá à frente e com aquilo que é a sua área de formação, esquecendo a tal interdisciplinaridade e a necessidade de ver que todos são importantes. Nós, nos centros de Ensino Superior, assistimos muito a isso. Quer dizer, às vezes os currículos de algumas disciplinas, de alguns cursos, assentam na... como é que eu hei-de dizer — na disponibilidade de matéria-prima que o centro tem em termos de docência.

[ENTREVISTADOR] Sim, manda mais os quadros da casa do que...

[DOCENTE B] Exatamente... [em simultâneo] do que propriamente a necessidade de formar as pessoas com...

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] ... em determinadas áreas. Não 'tou a dizer que isto é generalista, ou que ocorre aqui na Madeira, ou ocorre no — mas há uma tendência, quero dizer, os quadros são — têm peso na decisão dos cursos que vamos lecionar, na decisão dos currículos de algumas disciplinas — isso pesa sempre. [pausa] Quando há lugar p'ra tudo dentro do (na minha opinião) dentro dos centros universitários, há pessoas que não vão só p'a docência mas podem ir p'a parte da investigação e dão menos - têm menos docência mas têm a parte de investigação.

[ENTREVISTADOR] E...

[DOCENTE B] Ficam com menos aulas mas... dão azo a que os outros possam dar também as suas. [ri]

[ENTREVISTADOR] E já agora: tem experiência do [Ensino] Profissional e tem a experiência de... Chegou a dar aulas noutras escolas...

[DOCENTE B] Dei.

[ENTREVISTADOR] ... e...

[DOCENTE B] Dei aulas no Secundário e... 10.º e 11.º...

[ENTREVISTADOR] Sim. E repara...

[DOCENTE B] E quando comecei a trabalhar, comecei no 3.º Ciclo.

[ENTREVISTADOR] No 3.º ciclo. E acha que nessa altura... [hesita] Acha que essa... tendência que há nas universidades dos quadros da casa influenciarem a oferta formativa, acha que encontra isso ainda hoje em dia, tanto no Ensino Profissional como... lembra-se do 3.º ciclo e do Secundário se havia essa tendência...

[DOCENTE B] [sobrepõe-se] Eu acho que nas escolas - nas escolas, embora possa haver pontualmente, é menos do que no Ensino Superior...

[ENTREVISTADOR] É menos.

[DOCENTE B] Menos, e isso daquilo que me lembro. Uh... [pausa] Agora atrevo-me a dizer que nas escolas pensa-se agora mais nos currículos dos alunos e na formação dos alunos do que propriamente na disponibilidade de mão-de-obra dos quadros de escola.

[ENTREVISTADOR] Ah sim?

[DOCENTE B] E... Isto, se calhar, porque também há alguma mobilidade e a possibilidade de mobilidade dos quadros e o... [hesita] permitindo às escolas, de certa forma, terem nos seus quadros ou irem buscar para os seus quadros os docentes que pretendam uh... para desenvolvimento de determinados currículos disciplinares. [...] [fala do caso do Ensino Profissional e dos cursos que são definidos em termos de necessidade de mercado e de sustentabilidade económica da Região Autónoma da Madeira]

[ENTREVISTADOR] E acha que - que as escolas têm interesse ou até têm liberdade p'ra definir - não - não - afastando-se um bocado da ideia das escolas profissionais — já percebi que a sua ideia é mesmo de enquadrar no... [hesita] as escolas profissionais no sistema económico, não é?

[DOCENTE B] Sim, económico e desenvolvimento da Região

[ENTREVISTADOR] Sim, e desenvolvimento da Região. Sim, sim, sim.

[DOCENTE B] Não só e única e exclusivamente ao nível da economia mas ao nível do global.

[ENTREVISTADOR] No caso das outras escolas, acha que há liberdade e interesse q'elas...

[DOCENTE B] É assim...

[ENTREVISTADOR] ... desenvolvam as suas próprias...

[DOCENTE B] Eu a realidade das outras escolas, como eu já disse ao Valdemar, não é uma realidade que eu conheça atual. É uma realidade que eu conheci nos anos '80, '90, princípio

dos anos '90 até sair. Nessas alturas eu acho que o ensino estava muito... standardizado, portanto era 'chapa cinco', não é?

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE B] Hoje pelo que vejo as escolas já têm possibilidades de ter cursos específicos, nomeadamente no âmbito de CEF's [Cursos de Educação e Formação], no âmbito de cursos profissionais, o que já lhes dá possibilidade em termos de escolha de formação que pretendam dar. Agora o Ensino Regular: é mais do mesmo, é igual p'a todos.

[ENTREVISTADOR] Então...

[DOCENTE B] Mas, isto é a perspetiva que eu tenho, um bocado alheia...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim!

[DOCENTE B] ... não é de conhecimento direto, porque não estou neste momento a trabalhar nessas áreas.

[ENTREVISTADOR] Sim, mas contacta com outros professores e...

[DOCENTE B] Sim, falo com as pessoas e, de facto vejo que há um sentimento de... [hesita] as coisas nem sempre estão de acordo com aquilo — daquilo que é a realidade e as necessidades atuais dos nossos alunos.

[ENTREVISTADOR] E acha que, por exemplo, em termos — voltando sempre à ideia de Desenvolvimento Sustentável e isso tudo — acha que as escolas têm liberdade p'ra fazer aquilo que dizia que era... há pouco disse que era necessário, o Docente B, que era a questão das escolas terem mais liberdade p'ra...

[DOCENTE B] ... flexibilizar os seus cursos.

[ENTREVISTADOR] Sim, p'ra flexibilizar, acho...

[DOCENTE B] Eu penso que não têm alguma flexibilidade mas não é suficiente que lhes permita criar um currículo, uh adaptado — digamos — à Região, e com - com especificidades próprias da - da Região. Claro que, os nossos alunos são alunos na Madeira como são alunos no Continente, e tem que haver o tal tronco comum. Uh, e deve ser. Agora, noto que há maior flexibilidade, portanto as escolas, neste momento, têm uma maior liberdade para, uh, através, por exemplo, de - de atividades extracurriculares criarem esses tais - esses tais - uh, essas tais alternativas, não é?

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro] Mas isso mais até no 1.º ciclo, se calhar...

[DOCENTE B] No 1.º ciclo. No 2.º ciclo e 3.º ciclo as atividades extracurriculares tão reduzidas a dois tempos por semana, 90 minutos. Num contexto global de horas que um aluno tem num ano escolar, isto é... é muito pouco.

[ENTREVISTADOR] É... Uma gotinha, não é?

[DOCENTE B] É.

[ENTREVISTADOR] Então há pouco já falou da - da história do currículo q'era 'chapa'... 'chapa três'?

[DOCENTE B] Sim, 'chapa cinco'!

[ENTREVISTADOR] 'Chapa cinco', 'chapa cinco', desculpe, confundo sempre a expressão.

[DOCENTE B] Infelizmente, de certa forma não é; pode-se mudar sempre uma coisinha aqui, uma coisinha acolá, mas é sempre muito parecido.

[ENTREVISTADOR] Pois, é porque isso é uma discussão muito importante nesta área do currículo e isso tudo.

[DOCENTE B] Eu acho que os currículos dos nossos alunos — isto é a minha opinião — isto requer trabalho, requer... [hesita] abertura, um conjunto de fatores e de disponibilidade de, digamos, de mão-de-obra, mas os currículos devem ser adaptados à evolução constante da nossa realidade. Não só a nível local, regional, como no âmbito da globalização: hoje vivemos num mundo global...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE B] ... E ainda continuamos a apostar muitas vezes só em... [pausa e diz a sorrir] Eu na Geografia tenho autores de livros, que são os mesmos que os livros do meu tempo de escola — e já tem trinta e tal anos, quarenta.

[ENTREVISTADOR] Dinossauros, então... quase.

[DOCENTE B] Pois, quer dizer, independentemente daquilo que são as pessoas — do ponto de vista do conhecimento, da sua experiência — uh... se calhar se houvesse uma parceria com outros autores mais - mais ligados à realidade atual, se calhar havia alguns programas q'os mapas ainda não eram os da década de 70.

[ENTREVISTADOR] Tchi...

[DOCENTE B] Isto é...

[ENTREVISTADOR] Uh... Isso é um bocado... Mas isso há mesmo com mapas da década de 70?

[DOCENTE B] Ah, não são mapas da década de 70, mas em termos de formato de apresentação basicamente é.

[ENTREVISTADOR] Que tristeza. Então acha que um currículo teria que ser assim mais... aberto?...

[DOCENTE B] Se bem que nós aqui na Região — não é querer defender a Região, uh... isto às vezes até parece uma situação de bairrismo mas não é — nós temos tido por parte da Direção Regional de Educação - da Secretaria Regional da Educação — e não só, de outras Secretarias, em parceria com ela — uma abertura muito grande à flexibilização e à introdução de novas situações... e de acho que — na minha opinião — a preocupação da adequação dos currículos e — vou bater à mesma tecla — se calhar foi o resultado das escolas profissionais; a existência das escolas profissionais com as características que temos, e houve desenvolvimento de trabalhos de procura no seio da Região, de nichos de mercado, de necessidades prementes das empresas, necessidades dos serviços é uma preocupação — denota uma preocupação em criar os tais percursos, adequados e sustentáveis — coisa que não se fez no [território do] continente [português].

Eu sei que é uma Região mais pequena, mas também se fizesse lá na Ma - no Continente por região, também seria uma solução. Portanto, esta preocupação de andarmos a ver, na Região por parte do Governo Regional, andar a ver quais as necessidades do mercado em termos de trabalho, quais as necessidades — e quais as potencialidades em termos de promoção do Desenvolvimento Sustentável da Região e formar e começar a formar gente para preencher essas áreas — acho que é de facto meritório e algo a pensar para o ensino global — a nível geral dos países. É verdade que preparamos cidadãos p'ó mundo, mas...

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] Sim, mas também temos que preparar cidadãos - cidadãos...

[DOCENTE B] ... Mas também não vamos andar a trabalhar só e unicamente pa fornecer mão-de-obra aos outros países que - que... depois recebem de borla com o investimento que nós fizemos.

[ENTREVISTADOR] Essas — as economias especializadas têm sempre chatices depois a nível local.

[DOCENTE B] Depois não conseguem dar a volta.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] Ficam demasiado especializadas; quando há mudança de realidade, ou de princípios, afundam-se.

[ENTREVISTADOR] Pois... [falam de culturas especializadas em países em África; o Docente B fala que essas monoculturas dizem respeito a influências exteriores; fala de haver um “contágio”, porque os países recebem muito dinheiro para isso — que não é distribuído; o perigo é quando se deixam essas culturas e se perderam as culturas tradicionais e os solos ficam estéreis e poluídos, impossíveis para novo cultivo; fala de corrupção e facilidade de introdução de monoculturas em países menos regulamentados; discutimos a utilização de químicos no solo]

[ENTREVISTADOR] Há aqui... uma das discussões que se faz hoje em dia ao nível do Desenvolvimento Sustentável é a questão das necessidades que até... das necessidades do ser humano, que até nesta definição aqui de 1987 [aponta para a folha que entregou o entrevistador] do que é o Desenvolvimento Sustentável, eles falavam lá que é ‘tratar das necessidades das gerações de hoje e das necessidades futuras’ e há muita gente que faz [hesita] a distinção entre necessidades verdadeiras do ser humano e a questão das coisas que o ser humano quer e que diz que são necessidades.

[DOCENTE B] Sim. Os chamados bens supérfluos que muitas vezes entendemos como os bens de primeira necessidade.

[ENTREVISTADOR] Pois, é isso.

[DOCENTE B] Uh...

[ENTREVISTADOR] O que é que acha que...

[DOCENTE B] Isso é, nós vivemos num mundo — e a Europa também — de produção de excedentes; nós produzimos de forma excedentária, com o objetivo de maximização dos lucros, com índices de desperdício enormes, que se refletem diretamente depois na — quer na produção excedentária, quer nos desperdícios — numa dificuldade de sustentabilidade.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] E que muitas das vezes ‘tá a por em causa com a criação destes excedentes a obrigação e os esforços que nós impomos — sobretudo no mundo da agricultura — os esforços que impomos para criar esses excedentes aos solos e tudo mais, que muito dificilmente garante, podemos garantir de forma... [hesita] fincada a sustentabilidade do

futuro em termos agrícolas, das futuras gerações. Nós temos solos no seio da Europa que estão a ficar desertos, solos agrícolas, por questões de saturação e... [hesita] temos solos que 'tão completamente estéreis porque já não têm um mínimo de capacidade de autossustentação. Terão que ser — são solos que só servem de suporte apenas e exclusivamente às plantações.

[ENTREVISTADOR] É p'ra plantação, sim... E é a plantação específica, não é?

[DOCENTE B] Sim, e depois aquilo é sustentado com — sustentadas em termos de alimentares as plantas com o que é lá posto; o solo é apenas um meio de suporte radicular. Em termos de estudos (?) isto é grave.

[ENTREVISTADOR] Pois. E... Para satisfazer o quê? Que necessidades? Se há tanto excedente?

[DOCENTE B] Sobretudo a necessidade financeira quer dizer, hoje a ostentação financeira é uma realidade. Não tamos a falar de ostentação económica que isso tem é outra coisa; isso implicava já ter alguma coisa a produzir economicamente que gerava alguma sustentabilidade.

[ENTREVISTADOR] Sim, porque a economia não é só finança, não é só dinheiro, é...

[DOCENTE B] Não, a finança é! Implica produção, transação, implica comercialização, não é? Transação, comercialização e geração de rendimento. Agora a ostentação financeira, que na minha opinião, que é o dinheiro em papel que todos ostentam ter — todos não, salvo seja, não é o meu caso nem de muita gente que nós conhecemos, penso eu — mas que para certos indivíduos a ostentação financeira é mais do que tudo e então a concentração de riqueza financeira tá a gerar uma situação de insustentabilidade, na minha opinião irreversível. Daqui a uns dias não há dinheiro, não há quem faça as coisas nem há sítios p'ra fazer.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] Que já é uma realidade em alguns sítios, em algumas situações.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim. Tem a questão das crises, também, económicas.

[DOCENTE B] Como?

[ENTREVISTADOR] As crises económicas, também.

[DOCENTE B] Sim, as crises económicas têm a ver às vezes com a mudança de produção, com a mudança de paradigma de consumo. Agora as crises embora sejam de certa forma confundidas com crises económicas são crises — são bolhas financeiras.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim. Não só... Não tem nada a ver com...

[DOCENTE B] E aquilo que o Valdemar 'tá-me a dizer não é só — digamos uma ideia que nós temos comumente que é misturamos um bocadinho o mundo da economia com as finanças.

[ENTREVISTADOR] Com as finanças, sim. Mas hoje em dia a economia é considerada finanças.

[DOCENTE B] A economia é comandada pelo mundo financeiro.

[ENTREVISTADOR] Pelas finanças, sim.

[DOCENTE B] E é mau.

[ENTREVISTADOR] E?... [não percebeu o que disse o entrevistado] Ah, e é mau!

[DOCENTE B] E é muito mau!

[ENTREVISTADOR] Sim, sim. O sistema...

[DOCENTE B] Devia ser a economia a gerir a parte financeira. Ou seja, a eco[Docente B] as finanças 'tavam diretamente dependentes do desenvolvimento económico e não o mundo económico desenvolvido na dependência do desenvolvimento da especulação financeira.

[ENTREVISTADOR] Há quem chame a isto a Era do - aquela, o Antropoceno. Já ouviu falar do Antropoceno?

[DOCENTE B] Sim.

[ENTREVISTADOR] Ontem 'tava a ler um texto que era do 'Capitaloceno'.

[DOCENTE B] Possivelmente será...

[ENTREVISTADOR] Capitalistas e...

[DOCENTE B] E será... É assim, nós temos noção que o mundo é... [hesita] A base capitalista, digamos, como princípio, 'tá falida.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] O sistema capitalista 'tá falido. Não assumidamente, mas 'tá, e... mais tarde ou mais cedo, qual ou como — não sei — mas terá que surgir um novo paradigma e uma nova forma de, digamos, de se estar no mundo, que possivelmente não será o capitalismo, não é? Que nós conhecemos, ou se for chamado capitalismo terá que ter outro perfil, não é?

[ENTREVISTADOR] Isso... Mas antes disso, ainda virá mais aí uma crise financeira.

[DOCENTE B] Sim, e... Para que nós possamos aceitar outros paradigmas, outros princípios

temos que ver e toda a gente tem que perceber que, de facto, isto não funciona. E isto só se vê com aquilo que 'tá a dizer o Valdemar, com uma crise catastrófica...

[ENTREVISTADOR] Não, mas houve esta crise agora em 2008 e já preveem outra.

[DOCENTE B] Sim, mas são crises que...

[ENTREVISTADOR] Nos próximos anos...

[DOCENTE B] Antes nós mudávamos com as guerras.

[ENTREVISTADOR] E se...

[DOCENTE B] Mudávamos significativamente com as Guerras Mundiais. Mudamos um pouco de paradigma do capitalismo

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE B] ... embora capitalismo mas mudou-se p'a um capitalismo com nomes diferentes e com formas de estar diferentes e de ser e de agir diferente.

[ENTREVISTADOR] Com o neoliberalismo também e essas coisas todas...

[DOCENTE B] Exatamente. Agora o neoliberalismo estamos a ver que não é solução. Porque o neoliberalismo é o responsável pela inversão de princípios, inversão de valores da economia para a finança.

[ENTREVISTADOR] Para finança, pois. Parte de...

[DOCENTE B] Quer dizer, não é solução na minha opinião!

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE B] Muita gente que apoia e continua a apoiar o neoliberalismo. Agora, o que nós vemos é que, depois que se centrou nesta situação de neoliberalista, as crises têm sido mais rápidas, mais - em termos espaciais mais... [hesita] curtas, mais rápidas, mais curtas.

[ENTREVISTADOR] Num espaço de tempo mais curto.

[DOCENTE B] Mais curto. As crises sociais e económicas surgem muito mais frequentemente, no fundo é isso.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] Se isso também é um objetivo do neoliberalismo. Para estamos a mudar

[ENTREVISTADOR] É o que dizem!

[DOCENTE B] Mas... Não sei isso até que ponto isto vai conseguir manter a sanidade social.

[ENTREVISTADOR] Acho que é aquele o... não sei se conhece... o Friedman, que é da economia.

[DOCENTE B] Sim, Friedman.

[ENTREVISTADOR] Sim. Ele diz que a crise é uma parte essencial...

[DOCENTE B] ... Para o avanço.

[ENTREVISTADOR] ... do capitalismo.

[DOCENTE B] Mas isso cria situações de insanidade social. E não sei até que ponto a sociedade 'tá disposta a manter estes níveis de insanidade.

[ENTREVISTADOR] Pois. Eu para acaso também concordo com essa questão — isto a nível pessoal.

[DOCENTE B] Não, é como eu, também — isto é a minha opinião pessoal. De tudo aquilo que eu 'tou a dizer aqui.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim, e era mesmo isso que eu pretendia.

[DOCENTE B] É a minha opinião pessoal, não é, não estou...

[ENTREVISTADOR] Sim, era mesmo isso que eu pretendia.

[DOCENTE B] Isto é a minha opinião, dentro daquilo que me sinto esclarecido; agora, claro que naquilo que eu já não saiba falar é possível que haja justificações que me possam até fazer mudar de ideias, logicamente, e eu sou uma pessoa que 'tou sempre aberta a esse tipo de situação, que é: se me provarem por A + B que a situação que eu penso ou que - que defendo não está correta, sou — aceito perfeitamente — não é dizendo aquilo que eu quero ouvir, logicamente...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim...

[DOCENTE B] ... se conseguirem provar que afinal não, por aí o caminho não é esse, afinal desta forma consegue tudo — acho que sim, também, desde que seja para melhorar. Agora, aquilo que eu 'tou a ver — e às vezes já posso ser chamado como dinossauro — é que eu não sei se a sociedade tem capacidade psicológica, mental p'a se adaptar às novas realidades neoliberalistas.

Quando eu vejo pessoas a se suicidarem com vinte e tal, trinta anos, e pessoas com esgotamentos psicológicos ainda — por pressão de trabalho aos cinco aos trinta anos, e que quando começo a ver que na sociedade os valores de que se adquire ao longo de uma vida,

são postos em causa e são — não são valorizados minimamente, quer dizer, não é p'a dar mais valor a esses que aos outros, mas que devem ser tidos também, porque as experiências de vida contam, os currículos de vida, os ciclos de cada um devem ser aproveitados na medida do possível, não constituem entraves; não é p'a constituir — mas que ser aproveitados como mais-valia, [hesita]... quer dizer, a sociedade hoje só tem capacidade produtiva p'o mundo neoliberal até aos 40 anos — e nós, 40 anos, qualquer pessoa já é mais do que velha, o que é que se faz ao resto da sociedade?

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] E a partir daí o que é que se começa a fazer p'a pensar como se já foi dito em tempos 'esse mundo dos velhos que só nos atrapalha'?

[ENTREVISTADOR] [lembra-se de um livro de Marinetti; Docente B refere um ministro ou secretário de estado das Finanças do governo PS de Sócrates; procuraram esclarecer quem foi; menciona inversão de valores, especialmente na situação dos idosos. Voltou a falar do caso das culturas nórdicas e da sua valorização das pessoas idosas. Liga ostentação financeira e individualismo a esta situação. Voltaram a falar da educação dos filhos.]

[DOCENTE B] Será que o que ele [filho] não teve fez-lhe efetivamente falta? Lá está a tal situação, que é a valorização daquilo que temos — nós nunca tamos satisfeitos com aquilo que temos.

[ENTREVISTADOR] O que é que é mesmo necessário...

[DOCENTE B] Isso é uma realidade porque, nós, por exemplo falo por mim, a nossa geração — é uma geração que não tinha muito... mas eu acho que nós fomos mais felizes do que são estes miúdos agora. É a minha perspetiva, quer dizer, eles vivem num mundo — falo até pelos meus filhos, não são exemplo, por que eles tiveram de facto... conviviam e no circuito de amigos que nós estamos inseridos, que os miúdos convivem muito - convivem, brincam, têm playstation, sim senhores, vão jogar — fazem jogos de computador, mas falam com os outros. Hoje, grande parte dos miúdos não falam, ou muitas vezes tão num café [...] e 'tão — se calhar à frente um do outro, mas 'tão falando por mensagem. Às vezes a dizer mal do que 'tá ao lado [...] [continuam a falar sobre os extremos da dependência dos jogos; abordaram a questão dos trabalhos no futuro]

[ENTREVISTADOR] Isso até entre adultos a gente 'tá a ver... Acho eu...

[DOCENTE B] Depois isto, em termos futuros: indivíduos que tão habituados a estar fechados

em si próprios e no seu mundo, se tiverem que desenvolver trabalhos de equipe, trabalhos de desenvolvimento em termos de participação interdisciplinares...

[ENTREVISTADOR] Lá foi.

[DOCENTE B] Lá foi, não têm capacidade p'a se adaptar em capacidade p'a comunicar pura e simplesmente — que é o fundamental para que uma equipa se entenda.

[ENTREVISTADOR] Isso é assustador, não?

[DOCENTE B] [refere que algumas pessoas o julgam um 'Velho do Restelo' quando o ouvem a falar assim; fala do direito de opinião.]

[ENTREVISTADOR] Por acaso concordo com isso.

[DOCENTE B] No mundo neoliberal ou pensamos como eles ou não somos deles.

[ENTREVISTADOR] Ah sim. Mas isso todas as tendências são assim, não é?...

[DOCENTE B] Sim, exatamente. Eu por acaso passei por uma fase — em termos de desenvolvimento pessoal — que apanhei, de uma coisa e de outra e acho que o período que nós — não é o período de libertinagem — que toda, muita gente entendeu, pós-25 de abril não foi liberdade mas foi libertinagem. [continua a falar de liberdade de pensamento e de expressão; faz uma analogia do funil — extremos entre ter muita liberdade ou nenhuma; neoliberalismo corresponde a pouca liberdade].

[DOCENTE B] Os neoliberais veem as pessoas — na minha opinião, mas isto 'tá escrito — veem as pessoas de alguns pensamentos deles, e de algumas citações deles que as pessoas são números.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] Meros números. E...

[ENTREVISTADOR] Sim, são números e muitas vezes números p'ra [hesita] que são vistos só no sentido de: 'o que é que estes números podem fazer p'ra me influenciar?'

[DOCENTE B] [discussão sobre o neoliberalismo]

[ENTREVISTADOR] Esta discussão do neoliberalismo é muito engraçada, até em termos da educação. Também se fala muito.

[DOCENTE B] Sim.

[ENTREVISTADOR] Da presença da educação. Por exemplo, o currículo — no caso do ensino básico, o currículo de 2001, que era governo PS, há quem diga que... era de fundo neoliberal,

apesar de ser assim...

[DOCENTE B] Não, era mesmo. 2001 foi quando Portugal despertou — digamos — para o grande boom neoliberalista, que...

[ENTREVISTADOR] Ah, mas já na década de 80... no final da década de 80, dizem que já...

[DOCENTE B] '87, '88 começou a aparecer — digamos — em termos políticos a afirmação — e até em termos de desenvolvimento das próprias empresas.

[ENTREVISTADOR] E a reforma de lá, do final da década de 80 já...

[DOCENTE B] Já era nesse sentido.

[ENTREVISTADOR] Já tinha nesse sentido.

[DOCENTE B] Quando eu digo 2001 despertar p'a maioria da sociedade que de facto já estávamos num sistema...

[ENTREVISTADOR] Sim, global...

[DOCENTE B] Quer dizer, em 2001 quando o governo assume — digamos — funções propriamente ditas, é que a gente, toda a gente despertou: 'afinal estamos num paradigma diferente'...

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE B] ... neoliberalista e que se fala na Europa mas que pensavam que a maioria das pessoas não tinham ouvido falar do neoliberalismo em '87. Só em 2001 é que toda a gente desperta que afinal, agora a gente...

[ENTREVISTADOR] Em '87 'tava assim um bocado escondido ainda.

[DOCENTE B] Sim, as questões políticas.

[ENTREVISTADOR] Da Thatcher, do Reagan.

[DOCENTE B] Mas foi, veio no decurso da União Europeia. Da política neoliberalista na União Europeia.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim. Bom, não vou tirar-lhe mais tempo.

[DOCENTE B] Enfim, mas pronto.

[ENTREVISTADOR] Bom, não vou tirar-lhe mais tempo.

[DOCENTE B] Pois, o que nós, no fundo, tivemos aqui foi uma conversa de [ri]

[ENTREVISTADOR] 11h06, já.

[continuam a falar informalmente; Docente B reforça a ideia que apenas veiculou a sua opinião. Pausou a gravação e o entrevistado continuou a falar]

[DOCENTE B] Cada vez mais a gente anda a formar pessoas para...

[ENTREVISTADOR] Bom mas isso, até em termos de currículos, se calhar não...

[DOCENTE B] Tão muito formatados.

[ENTREVISTADOR] Sim... A gente já teve a disciplina de Formação Cívica — disciplina, nem sequer era considerado...

[DOCENTE B] Eu acho que a disciplina de Formação Cívica é importante, porque é um passo no sentido de, mas todas as disciplinas devem ter a sua componente de Formação Cívica, porque todas elas têm intervenção na sociedade, todas elas têm o seu papel de civismo, no desenvolvimento cívico do indivíduo.

[ENTREVISTADOR] Então, mas qual é o interesse que há em não ter em cada — nas disciplinas não terem essas base?

[DOCENTE B] Quer dizer, nós já tivemos um sistema governativo que dizia — o representante dizia ‘mais vale um país de ignorantes’ - ‘é mais fácil governar um país de ignorantes que um país de esclarecidos’ — ‘tamos a falar de uma ditadura. Mas isso foi dito publicamente; agora no sistema atual é difícil perceber-se porquê que isso acontece.

[ENTREVISTADOR] Na altura do...

[DOCENTE B] Do Salazar.

[ENTREVISTADOR] Na altura do Salazar, chegou mesmo a ser dito isso? Fogo, essa eu não sabia. [pausa] Mas é que eu acho que falta mesmo — eu acho que faz falta isso, essa parte também... Eu concordo que faz falta, mas porquê que não há...?

[DOCENTE B] Faz falta... mas isto é mesma coisa que... Quer dizer, por uma disciplina só p’ra aquilo é — eu às vezes, não tenho qualquer, que é existir o Dia da Mulher, p’ra quê?

[ENTREVISTADOR] Ah!

[DOCENTE B] Não faz sentido, o Dia da Mulher é todos os dias, não é?

[ENTREVISTADOR] Que é p’ra honrar a mulher. Sim, sim.

[DOCENTE B] E acho que, p’ra mim, eu se fosse mulher achava que até era uma ofensa ter necessidade de ter um dia que me afirmasse.

[ENTREVISTADOR] Eu concordo com isso.

[DOCENTE B] Acho que a mulher é importante todos os dias, não é só naquele dia.

[ENTREVISTADOR] É 'tar a querer...

[DOCENTE B] Criar um dia comemorativo p'ra lhe dar importância não — ela tem sempre importância, ela é sempre importante, a mulher é um elemento da sociedade — é um elemento, quer dizer, é um elemento da sociedade como são os homens, é um ser humano como é um homem. Portanto é um ser da sociedade igual, não precisa de um dia específico, não é?

[ENTREVISTADOR] Foi p'ra marcar aquele...

[DOCENTE B] Sim, é uma questão de afirmação, por que também nós sabemos que não é assim...

[ENTREVISTADOR] Sim, mas realmente acho que é discriminação.

[DOCENTE B] E há uma realidade que nós convivemos, não tanto no nosso mundo, mas que a mulher é muito discriminada em termos globais — há países em que a mulher não vale nada, quer dizer. Isso é impensável.

[ENTREVISTADOR] A cultura islâmica...

[DOCENTE B] E se calhar até consigo entender e aceitar que esse dia seja criado p'ra chamar a atenção desses países e dessas ideologias. Agora, na sociedade em que nós vivemos...

[ENTREVISTADOR] Aí também temos a tentar impor a forma como pensamos...

[DOCENTE B] ... Aos outros, que é isso que é uma realidade que as pessoas... Agora, a mim choca-me um bocadinho ver seres humanos a ser tratados de forma diferente, independentemente de serem mulheres, crianças ou idosos — acho que todos devemos ser tratados de forma igual. Mas é a minha opinião [ri].

[ENTREVISTADOR] Sim, sim, sim.

[DOCENTE B] E como 'tá a dizer o Valdemar, há sociedades que pensam de forma diferente da nossa e têm legitimidade para tal. E são educados daquela forma, ninguém lhes também pode 'tar a criticar...

[ENTREVISTADOR] Não, a gente pode criticar, da nossa perspetiva...

[DOCENTE B] Sim, mas não podemos impingir a nossa forma de pensar.

[ENTREVISTADOR] Não, mas eu acredito que, com tempo chegassem lá. Em culturas...

[DOCENTE B] Sim, porque também nós já fomos assim.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE B] Temos é mais uns séculos de desenvolvimento: desenvolvimento cívico, que eles... a esse nível que eles.

[ENTREVISTADOR] A cultura islâmica, até nem é assim em certos aspetos não é assim tão diferente da nossa.

[DOCENTE B] Séculos, salvo seja, porque no Antigo Testamento — no período ditatorial, a mulher até nem podia votar.

[Interrupção na gravação, retomada posteriormente]

[ENTREVISTADOR] ... De Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, algum projeto assim de...

[DOCENTE B] Assim, em termos de planeamento, do desenvolvimento da Região [Autónoma da Madeira], tudo o que se faz é baseado num projeto que aponta no sentido da sustentabilidade; agora, muitas vezes não sai do papel.

[ENTREVISTADOR] Não, mas eu 'tava a falar assim a nível de escolas: apanhou algum projeto...

[DOCENTE B] Projetos de sustentabilidade?

[ENTREVISTADOR] Sim, que lhe tivesse ficado assim na orelha?

[DOCENTE B] Este projeto, do Escolas, é um projeto que aponta no sentido da sustentabilidade; não digo sustentabilidade, digamos global — global em termos da Região [Autónoma], mas pelo menos da sustentabilidade ambiental.

[ENTREVISTADOR] ... ambiental.

[DOCENTE B] Acho que é um projeto que vai ser... que [es]tá a ter bastante impacto. E as Bandeiras Azuis, também; a atribuição da bandeira azul obriga a uma série de trabalhos e encargos que... levam, de certa forma à sustentabilidade ambiental da costa, não é?

[ENTREVISTADOR] Sim, isso já não é em termos educativos.

[DOCENTE B] [esclarece]

[ENTREVISTADOR] O Ecoescolas é, sim, sim.

[DOCENTE B] Mas como 'tavam a falar em termos de projetos... O Valdemar só 'tava a pedir a nível das escolas.

[ENTREVISTADOR] Sim, mas isso envolve as escolas — o Ecoescolas...

[DOCENTE B] Sim, o Ecoescolas é mesmo vocacionada p'as escolas, p'los diferentes ciclos.

[ENTREVISTADOR] [nova despedida] São 11h15 e terminamos aqui a gravação.

Entrevista semiestruturada com a docente C

A docente C situa-se na faixa etária 35-45 anos. É docente de História de 3.º ciclo e Diretora de Turma numa escola privada do Funchal. Foi docente e continua a ser investigadora no Ensino Superior. É Deputada Municipal por um partido de direita política, no Funchal.

[ENTREVISTADOR] Então são... 12h34, do dia 16 de junho de 2018 e tamos no [censurado], na Sala de Apoio 9, com a Professora C — Doutora C.

[DOCENTE C] Não, Professora C, só.

[ENTREVISTADOR] E... Bom, esta 1.ª parte é aquela parte da caracterização, neste caso da tua.

[hesita] Qual é a tua experiência profissional?

[DOCENTE C] [Suspira] Bem... Eu vou abreviar.

[ENTREVISTADOR] Mais ou menos, eu sei que tens um currículo vastíssimo.

[DOCENTE C] Eu vou abreviar [a sorrir], e só vou referir aquilo que eu acho que é importante pr'ó caso. Neste âmbito, então, preciso dizer a licenciatura em História...?

[ENTREVISTADOR] Sim, se quiseres...

[DOCENTE C] Que eu sou mesmo...

[ENTREVISTADOR] És licenciada em História...

[DOCENTE C] Sou licenciada em História, também sou mestre em História e sou doutorada em História.

[ENTREVISTADOR] Vês, 'doutora', tinha razão.

[DOCENTE C] [Sorri] Não, professora. Dedico grande parte — ou dediquei grande parte da minha vida académica à investigação; tinha a componente letiva em horário reduzido porque eu essencialmente sempre fui investigadora. E tinha a componente letiva em horário reduzido porque pertencia a um centro de investigação — ainda pertenço mas já não trabalho diariamente, que é o [censurado], o [censurado], atualmente estou, a trabalhar como investigadora integrada num outro centro de investigação em Ciências Históricas da [censurado]. [hesita] Pelo meio dou aulas de História, aqui, [censurado]...

[ENTREVISTADOR] Ao 3.º Ciclo.

[DOCENTE C] Ao 3.º Ciclo, sim, e... e é só. Já desenvolvi atividades na área do jornalismo... Também é importante para esta...

[ENTREVISTADOR] E também tem a parte de — neste caso és deputada na...

[DOCENTE C] Sou deputada municipal do [PARTIDO DE DIREITA] - pelo [PARTIDO DE DIREITA]...

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] ... e dentro do partido, tenho o pelouro social que contempla as áreas da educação, também, mas não só; é um pelouro com vários... 'tá subdividido em várias — em vários subtemas mas o que interessa para aqui é o da, da Educação. Também sou conselheira nacional do partido, portanto todos os assuntos de âmbito regional, todos os meses tenho que prestar contas, dar *feedback* a nível nacional, também sou conselheira regional e também sou da Comissão Política Regional, que é o órgão que superintende e é o mais importante dentro do Partido; e sou Vice-Presidente da Concelhia do Funchal. Portanto, a nível político, é só.

[ENTREVISTADOR] Só cargos, só cargos.

[DOCENTE C] É só, é só trabalho, só trabalho e só trabalho.

[ENTREVISTADOR] Pois. Claro!

[DOCENTE C] Depois ao nível da... na minha esfera mais privada continuo a fazer voluntariado, desde o ano 2000, com a fundação da [instituição de voluntariado na Região Autónoma da Madeira] em 2001, constituída mesmo, mas o nosso trabalho já vinha de finais de 1999. Continuo ligada à [instituição de voluntariado na Região Autónoma da Madeira], também fui Vice-Presidente, também sou vogal, e continuo, portanto, ligada, às instituições, às IPSS da Região, sempre que é necessário, ou ajudando em colabor[ação] — ou colaborando diretamente em algum projeto, nas várias áreas, desde o ambiente à educação. Também quando digo ambiente, não só o ambiente natural e tudo aquilo que contempla, também damos apoio a associações com animais, mas isso já faço mais numa esfera particular, numa esfera privada, porque deixei os cargos de direção que tinha nessa área, porque...

[ENTREVISTADOR] Sim, não consegues...

[DOCENTE C] ... Temos que dar lugar também às pessoas novas e a ideias novas. [sorri]

[ENTREVISTADOR] É complicado... conciliar tudo, acho eu.

[DOCENTE C] É assim, de maneira que eu acabo por fazer voluntariado de forma mais pontual,

mas o que é facto é que ao nível dos apoios europeus e de autarquias eu ‘tou sempre, atenta, para... [hesita] poder privilegiar as nossas instituições, as instituições de cá da Madeira, que são imensas; temos um banco de instituições vastíssimo, para a Região. É muito, muito importante e pronto, faz parte do tecido social, não é? É isso. Acho que caracterizada já estou.

[ENTREVISTADOR] Bem mais do que... do que eu esperava, quer dizer

[DOCENTE C] Nisto tudo tenho 3 filhos, também é importante, faz parte da caracterização. [ri]

[ENTREVISTADOR] Sim, faz, faz, faz. Neste teu... Nestas atividades todas que tu... [hesita] que tu desenvolves, tu já te cruzaste com a expressão ‘Desenvolvimento Sustentável’.

[DOCENTE C] Sim, e é algo que me preocupa e que eu tento sempre, incluir a ideia, o conceito, porque p’ra mim sempre foi muito importante — aliás, ainda antes de... e era uma das questões também, já quando nós, — e vou voltar à [instituição de voluntariado na Região Autónoma da Madeira] — já quando nós nos juntámos, nos reunimos, era um pequeno grupo, e no nosso grupo havia essa preocupação, do Desenvolvimento Sustentável; havia uma falta de foco; trabalhávamos todos muito, mas deixávamos de lado questões nas quais o próprio conceito de Desenvolvimento Sustentável assenta, e esse sempre foi uma preocupação, uh, pensarmos sempre, no longo prazo das ações, enquanto voluntários, também, nas ações que vínhamos a desenvolver. E, uma vez que também o nosso conceito de voluntariado saía da esfera meramente social — do apoio direto a idosos, a crianças, a... tínhamos essa preocupação, daí que depois, quando passamos para os projetos na área do voluntariado na área do ambiente, era algo que acompanhou sempre este primeiro — pelo menos os — o objetivo principal da formação da [instituição de voluntariado na Região Autónoma da Madeira]; era para que as nossas ações — eu acho que é um pouco também o conceito de Desenvolvimento Sustentável — tivessem um impacto no futuro, positivo, não é? E que contribuíssem p’ra deixar alguma semente, de maneira a que fossem sempre em crescendo e em desenvolvimento, quase que funcionando por si próprias, sem dependermos uns dos outros no aspeto de continuarmos ou darmos continuidade, ou não, dos nossos projetos. Acho que por aí, sim.

[ENTREVISTADOR] Ok, E... Claro que tu ‘tás atenta às notícias e ouves que... Não só se fala de Desenvolvimento Sustentável, mas também de ‘sustentabilidade’.

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] E... aqui, agora, é um termo que entretanto ‘tá a se banalizar. [pausa para

formular a questão] Qual é a distinção que tu fazes entre ambos?

[DOCENTE C] Pois, eu percebo a questão de se estar a banalizar. [hesita] Porque, nós temos, o Desenvolvimento Sustentável enquanto... P'ra mim até é uma forma de estar na vida. Como é que eu explico isto melhor?

[ENTREVISTADOR] O quê, o Desenvolvimento Sustentável ou a sustentabilidade?

[DOCENTE C] Sim. O Desenvolvimento Sustentável p'ra mim é uma forma de estar na vida.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] A sustentabilidade é aquilo que tu acabaste de dizer: está na moda. Eu acho que é completamente diferente porquê? É algo que p'ra mim é momentâneo, não é pensado no todo, enquanto fazendo parte da vida duma comunidade. Acho que é mais individualista. Não sei se me consigo fazer entender.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE C] Daí que se tenha tornado um conceito vulgar entre aspas. Uh, ao fim ao cabo, não há projetos hoje em dia, que se ponha de pé, que não ... se tenha o cuidado — até porque politicamente é correto — de dizer que o projeto é sustentável. Portanto vai, ao fim ao cabo tornar-se capaz ... vai ser desenvolvido, vai — mas eu acho que é sempre, no meu ponto de vista, é sempre temporário. Enquanto que o Desenvolvimento Sustentável p'ra mim, enquanto forma de estar na vida, é algo que nos acompanha e acho que é algo que acompanha toda a comunidade. E, por exemplo no campo político, e na área da educação, em concreto...

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] ... Que eu acho que é também a que te importa aqui...

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE C] ... fazer mais referência — nós temos tido uma preocupação, de construirmos uma cidade como um espaço educador, e nortear estes princípios do Desenvolvimento Sustentável dando, p'ra tal, um acesso cada vez mais universal e universalista, à educação, a questões como por exemplo a igualdade de género; para o Desenvolvimento Sustentável pode parecer estranho, mas não é...

[ENTREVISTADOR] Não é, não é.

[DOCENTE C] P'ra mim não é. Mesmo ao nível das oportunidades — da igualdade de

oportunidades p'ra todos, da coesão social, da solidariedade, onde eu há pouco falei do aspeto mais ao nível do trabalho dos voluntários, até mesmo do empreendedorismo — isto numa lógica de economia social — e da participação de todos, do tecido social, e sempre numa lógica de inclusão, também. Pr'a mim, Desenvolvimento Sustentável também é inclusão. Uh, e como é que nós ao nível da autarquia, do município do Funchal conseguimos desenvolver estes princípios? Ora, implementamos várias medidas, fizemos vários projetos, levamos a cabo uma série de ações, uh, sempre em articulação com vários parceiros, públicos e, privados, sempre assente numa gestão, numa dinamização, numa sustentabilidade [diz a sorrir], quer das estruturas quer dos equipamentos que utilizamos nestas várias dinâmicas. A nossa ideia foi sempre a de promover o sucesso da educação. A educação para a cidadania numa vertente sustentável, porque é uma educação que se faz ao longo da vida, ... uma aprendizagem ao longo da vida, com, [hesita] um pla[no] —um plano de vida, um suporte que ajuda o planeamento integrado, também, e sistemático do desenvolvimento social e de todos aqueles que fazem parte deste dinamismo que é a nossa sociedade — no caso da sociedade funchalense, não é? Também, ao nível das medidas de apoio — e foram muitas que tivemos que tomar — e também na lógica do Desenvolvimento Sustentável achamos que era... crucial nesta fase, também protegermos aqueles grupos, aquela franja da sociedade mais vulnerável ou que estivesse em situação de risco, porque infelizmente já são alguns... casos que nós temos que queremos incluir nesta lógica da sustentabilidade, também; ao fim ao cabo é a própria vida, da sociedade funchalense que estamos aqui também um pouco a falar. Ora e o que é que fizemos?

[ENTREVISTADOR] Sim, sim...

[DOCENTE C] Tornamos...

[ENTREVISTADOR] Que tipo de projetos?

[DOCENTE C] Projetos p'a capacitar...

[ENTREVISTADOR] Projetos específicos.

[DOCENTE C] Sobretudo para capacitar, para formar e para informar os munícipes e todos eles, em todos estes casos tivemos em [hesita]... em atenção as diferentes faixas etárias, não é?

[ENTREVISTADOR] E...

[DOCENTE C] Nós temos uma juventude...

[ENTREVISTADOR] E esses projetos — desculpa lá interromper...

[DOCENTE C] Queres que te diga os projetos?

[ENTREVISTADOR] Não, não, eu só ia perguntar e esses projetos foram realizados no contexto das escolas?...

[DOCENTE C] Também, muitas.

[ENTREVISTADOR] ... Em contexto informal?

[DOCENTE C] Nós temos vários — temos em várias modalidades diferentes, porque foi assim: nós para conseguirmos esta mobilidade juvenil, esta interculturalidade — porque também promovemos intercâmbios e patrocinamos intercâmbios uh, entre escolas, por exemplo: escolas do Funchal com escolas de cidades que estão geminadas com escolas do Funchal, é um caso, não é? Também trouxemos os jovens para... [hesita] uma participação mais ativa nos projetos, nos quais tínhamos como principais atores os idosos. P'ra nós era importante também... Existir este intercâmbio de saberes, uh...

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] ... de conhecimentos, aquela famosa escola da vida, que ensina também a pensar ao longo prazo e não só no imediato, porque os jovens também veem ali uma projeção de vida também quando entram em contacto com estas populações, mais idosas — e por outro lado conseguimos com isto que os idosos também tenham um envelhecimento mais ativo, que façam parte uh, da vida da cidade. Ora...

[ENTREVISTADOR] E isso foi em Centros de Dia, por exemplo, ou... Ou foi — esses encontros...

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... que se deram entre jovens e pessoas mais idosas...

[DOCENTE C] Sim. Acontecem muito em Centros Comunitários, sim.

[ENTREVISTADOR] Em Centros Comunitários.

[DOCENTE C] Nos nossos Centros Comunitários, que são Centros de Dia, mas vão além do Centro de Dia, até porque depois fazem muitas saídas (mesmo até ao estrangeiro, aquilo é uma roda viva).

[ENTREVISTADOR] Sim, sim, são bastante dinâmicos.

[DOCENTE C] São. Não só mas também em Centros de Dia, sobretudo em Centros de Dia. Em centros, quando eu digo comunitários...

[ENTREVISTADOR] Tipo aquela “Garouta do Calhau”?

[DOCENTE C] Tipo a “Garouta do Calhau”, Centro Comun - a “Sociohabita Funchal”, o “Centro Comunitário das Murteiras”; uh, ao fim ao cabo, estes Centros Comunitários são sempre associados a Bairros Sociais...

[ENTREVISTADOR] [acompanha com um murmuro]

[DOCENTE C] ... de cariz habitacional — quando eu digo bairros sociais não tem a ver com a separação entre, ricos e pobres, não.

[ENTREVISTADOR] Ah, sim.

[DOCENTE C] Não. Bairros sociais porque é onde as pessoas vivem diariamente e algumas como já não têm muita capacidade de mobilização, o que nós fazemos é fazemos as atividades nos próprios bairros, Centros Comunitários porque é muito mais fácil, podemos ter um maior número também de participantes.

[ENTREVISTADOR] Claro.

[DOCENTE C] Porque as pessoas sentem-se ali inseridas — vão com os vizinhos, alguns — uh, e como acabam por fazer a sua vida no dia-a-dia, ali naquela área de - que é - que é deles, que conhecem bem, acabamos por ser nós a levar as atividades, e depois sim, as saídas são sempre em grupo, mas isso já requer outra logística, e outra organização, mas sim.

[ENTREVISTADOR] E a nível de escolas?

[DOCENTE C] Pronto, sociedade, ambiente e economia, são os três pilares que... Ao nível das escolas, a Educação Ambiental - dentro da área da educação, a EA foi um dos focos que mais trabalhamos; em todas as escolas do Município do Funchal — pelo menos aquelas que quiseram participar no nosso plano de atividades, fizemos ações de divulgação — quer nas escolas, quer em instituições de jovens... Uh, por exemplo...

[ENTREVISTADOR] O Patronato de S. Filipe, o...

[DOCENTE C] Sim, aqui o Polivalente...Aquilo tem outro nome, uh, nós chamamos Polivalente, mas aquilo tem um nome específico que é - aquele centro de acolhimento de crianças e jovens que há aqui no Lazareto.

[ENTREVISTADOR] Sim, não sei o nome.

[DOCENTE C] Uh, não é Lar da Boavista, que é a parte dos idosos.

[ENTREVISTADOR] Que isso é dos idosos, sim.

[DOCENTE C] Mas depois ao lado tens o... Tens o...

[ENTREVISTADOR] Tens o dos miúdos, sim.

[DOCENTE C] Chamava-se Polivalente, mas depois já me vou lembrar do nome, e já te digo. Uh, tivemos uma campanha de sensibilização ao nível das escolas - de sensibilização ambiental, na área dos resíduos sólidos...

[ENTREVISTADOR] Mas isso - isso mais para o 1.º ciclo, ou...?

[DOCENTE C] Uh, não. Olha, tivemos escol - tenho aqui até as - as instituições. Uh, tivemos as escolas do 1.º Ciclo, mas também estivemos - tivemos Escolas Secundárias Dr. Ângelo Augusto da Silva participou — até foi uma daquelas que teve mais participantes — também ao nível dos infantários a escola da APEL, a Escola de Hotelaria e Turismo também participou. Uh, fizemos visitas de estudo... Uh, com estes projetos do “Funchal: Melhor Ambiente, Como Agir Realmente” uh, desenvolvemos outros subprojetos sobre a importância da água, “a água como passaporte para a vida”,...

[ENTREVISTADOR] [acompanha com um murmuro]

[DOCENTE C] ... a eficiência energética, a biodiversidade, a compostagem, jogos sobre rodas, com - sobre os recursos hídricos e os recursos sólidos...

[ENTREVISTADOR] Isso é da - da Divisão da - de...

[DOCENTE C] Mesmo nosso. Sim.

[ENTREVISTADOR] ... da Educação?

[DOCENTE C] Mesmo da Câmara.

[ENTREVISTADOR] Departamento de Educação.

[DOCENTE C] Sim, sim.

[ENTREVISTADOR] Eu conheci...

[DOCENTE C] Tu tiveste acesso a estes dados?

[ENTREVISTADOR] Tenho, tenho, tenho, eu já conheço...

[DOCENTE C] Sim, tivemos a Semana da Água, ao nível da educação patrimonial, que também [es]tá dentro da lógica do Desenvolvimento Sustentável...

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] ... temos aquele projeto “Vem conhecer o Património da tua Cidade”, tem

nú[Docente C] tem circuitos que são feitos pela cidade. Também, não só as escolas básicas têm, aqui uma importância extrema como também, mesmo ao nível da... Universidade da Madeira...

[ENTREVISTADOR] Vais-me perm - vais-me permitir aqui um comentário: é que eu 'tou a olhar p'ras tuas folhas — não leves a mal...

[DOCENTE C] Não!

[ENTREVISTADOR] ... e eu vejo aí muitas escolas de 1.º ciclo.

[DOCENTE C] Sim, muitas mesmo.

[ENTREVISTADOR] Por acaso - por acaso o meu trabalho incide mais sobre o 3.º ciclo

[DOCENTE C] Sobre o... 3.º.

[ENTREVISTADOR] E... uma das...

[DOCENTE C] 3.º ciclo e Secundárias — temos algumas, sim.

[ENTREVISTADOR] Não, eu 'tou a...

[DOCENTE C] Não são a maioria, nem de perto nem de longe.

[ENTREVISTADOR] Eu 'tou a dizer isto. A minha intervenção tem a ver com... com uma questão que se vê muito na literatura — muito...

[DOCENTE C] [acompanha com um murmuro]

[ENTREVISTADOR] ... que se vê um bocado na literatura — que é...

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... - que diz que, uh, 1.º ciclo, ok, trabalha-se.

[DOCENTE C] Sim, trabalha-se, muito.

[ENTREVISTADOR] Naqueles primeiros anos iniciais trabalha-se muito

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] esses conceitos.

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] Depois Secundário, também.

[DOCENTE C] Também.

[ENTREVISTADOR] E ali aquele limbo

[DOCENTE C] Aquele intermédio.

[ENTREVISTADOR] O limbo, 2.º e 3.º ciclo que não se trabalha assim tanto.

[DOCENTE C] Não.

[ENTREVISTADOR] E...

[DOCENTE C] É uma realidade também cá...

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE C] ... no Município do Funchal.

[ENTREVISTADOR] E tu - tu achas que isso se deve a quê?

[DOCENTE C] Eu acho que tem a ver mais com o facto dos programas, - uh... das disciplinas serem bem mais pesados e extensos... que — e que não estão atualizados — sobretudo nestas matérias de sustentabilidade ou de Desenvolvimento Sustentável, e deixam a desejar nesse campo, daí que os próprios docentes não se sentem tão atraídos a uh, nem participam tanto nestes projetos — mas são chamados a participar!

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE C] Depois veem-se numa situação complicada: ou cumprem um programa que vem do Ministério da Educação e que tem que ser cumprido, sobretudo quando são anos com provas —

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE C] de Aferição e outras — ou então, e p'ra mim seria bem mais interessante e mais importante — aliás, para a formação, uh...

[ENTREVISTADOR] Grau do...

[DOCENTE C] deste futuro — que este é o nosso futuro — seria bem mais interessante, para já, atualizar-se - os temas a tratar nas disciplinas, porque há disciplinas que pararam no tempo, mesmo nos - na forma como os conteúdos são abordados — e eu aqui já falo contra a minha própria disciplina...

[ENTREVISTADOR] [acompanha com um murmuro]

[DOCENTE C] que é História. Uh, são le - há que fazer leituras atuais de acontecimentos históricos - e essas leituras são feitas, no mundo académico, são conhecidas, são divulgadas, mas depois nas escolas o que os meninos têm, sobretudo neste ciclo que estamos agora a falar são conteúdos uh... que até às crianças custa a assimilar hoje em dia, de tão desfasados

que estão, quer a forma de abordá-los, quer - hmm e depois não são possíveis de explicar com casos concretos, porque depois falta a parte prática — que infelizmente deixámos de ter, lá está, no meu ponto de vista é outra vez pela extensão, dos conteúdos a darem ness - nestes anos de 3.º ciclo e ainda algum Secundário também, mas é mais ao nível do 3.º ciclo...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE C] E... parece-me que é um problema não é só da minha disciplina — aliás, nós agora tivemos uma conferência, que foi o “Desafiar a Escola 2018” ...

[ENTREVISTADOR] Ah sim, isso foi da Câmara?

[DOCENTE C] Foi a Câmara que promoveu. Trouxe ao Funchal uh, muitos oradores convidados. Uh, não conseguimos encher o Teatro Municipal Baltasar Dias, não porque o tema não fosse de interesse...

[ENTREVISTADOR] O tema era muito interessante.

[DOCENTE C] ... para todos aqueles que estão ligados à área da educação, dos vários níveis, mas apenas tivemos... 136 participantes — foram contabilizados.

[ENTREVISTADOR] Eu teria muito gosto em ter ido, mas...

[DOCENTE C] Lá está: por que é que - por que é que as pessoas que teriam tido muito gosto não foram?

[ENTREVISTADOR] Estamos a trabalhar.

[DOCENTE C] Estamos a trabalhar. E é uma pena, porque é uma janela de oportunidades. Nós até às vezes a ouvirmos esses oradores convidados, ficamos, hmm - se já - se já desconfiávamos que andávamos aqui meio enganados, passámos a ter a certeza que alguma coisa tem que mudar a nível da educação,

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE C] sobretudo se quisermos educar para o futuro, a pensar no futuro: num futuro responsável, num futuro tolerante, num futuro multicultural, num futuro cheio de desafios, com paradigmas completamente diferentes — e não, estávamos todos presos às nossas salas de aulas.

[ENTREVISTADOR] Isso é muito interessante, isso que [es]tás a dizer, porque... Tu tiveste, — eu não sei como é que tu iniciaste a tua carreira: sempre foi como investigadora?

[DOCENTE C] Primeiro como - sim,

[ENTREVISTADOR] Ah, ok.

[DOCENTE C] sempre foi como investigadora.

[ENTREVISTADOR] É porque...

[DOCENTE C] E primeiro no Ensino Superior e depois é que passei pro Ensino... Básico e Secundário.

[ENTREVISTADOR] [acompanha com um murmuro]

[DOCENTE C] Portanto eu tenho... uma leitura um pouco particular.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim, que é muito interessante e que a mim interessa-me,

[DOCENTE C] É visto ao contrário...

[ENTREVISTADOR] a mim interessa-me bastante.

[DOCENTE C] Visto ao contrário.

[ENTREVISTADOR] Eu acho essa leitura bastante rica, também daí que eu - que eu tenha... Daí que tenha falado contigo p'ra...

[DOCENTE C] É um pouco ao contrário porque sabes, Valdemar, porque eu cheguei a ter alunos mais velhos do que eu — a nível de idade, não é?

[ENTREVISTADOR] [acompanha com um murmuro]

[DOCENTE C] Uh, curiosamente eram os alunos que mais empenhados estavam — talvez também por terem outra...

[ENTREVISTADOR] leitura da vida...

[DOCENTE C] Disponibilidade — e como já tinham feito — alguns deles já tinham feito a sua vida profissional, já não estavam naquela lógica da obtenção do canudo, para - naquela lógica mais 'isto é p'a fazer em 1 ano ou 2 anos ou 3 anos', 'entra-me a 100 e sai-me a 200' — e não, percebes? Então eu tenho uma leitura já muito crítica dessa altura. Os jovens que ingressam hoje em dia na Universidade vão com uma preparação já um pouco fruto disto que acabamos de dizer, da pressa e dos conteúdos extensos, não que eu seja muito velha, no sentido... ainda considero-me uma privilegiada, porque quando entrei na faculdade — e vejo pelos meus colegas — a nossa preparação era diferente. Era outra;

[ENTREVISTADOR] Sem dúvida.

[DOCENTE C] era mais consciente. Não era obrigatório todos sermos doutores, entre aspas.

Daí que não era porque o ensino estava massificado que eu que eu queria ser doutora ou... Ou melhor não fazia parte como é que eu digo, eu nunca quis ser doutora — não sei, há pessoas que dizem ‘eu quero ser doutora’

[ENTREVISTADOR] [procura interromper] Mas aí se calhar...

[DOCENTE C] ou ‘o meu filho tem que ser doutor’

[ENTREVISTADOR] Mas aí há se calhar lógicas economicistas e financeiras no meio dessa ideia que ‘tás a dizer que há hoje, não é? Que os miúdos vão p’ra universidade com a ideia de

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] muitos deles até vão p’ra medicina e não... e acabam por não terminar o curso porque apercebem-se a meio do curso ou no princípio do curso apercebem-se que não...

[DOCENTE C] ... não era aquilo.

[ENTREVISTADOR] que não era aquilo que queriam, mas vão para medicina porque é aquilo que a sociedade acha que é o melhor e é o mais compensador

[DOCENTE C] Sim

[ENTREVISTADOR] em termos financeiros e...

[DOCENTE C] Certo.

[ENTREVISTADOR] Se calhar há muito — passa muito essa ideia.

[DOCENTE C] Também. E eu acho que nós enquanto sociedade facilitamos essa... Porque ao fim ao cabo isso é uma desorientação.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE C] Nós estamos a querer orientar os nossos jovens mas ao fim ao cabo a informação é tanta que acabamos por desorientá-los ou não orientá-los tão bem. Perde-se aqui a orientação humana, da parte prática da vida numa lógica economicista. Eu já - já tive alunos no Ensino Superior que não me sabiam responder porque é que tinham escolhido aquele curso.

[ENTREVISTADOR] E se calhar hoje em dia - ah, bem...

[DOCENTE C] Mui - grave. há coisa de 4 anos atrás. Uns porque era o curso fácil e dava o título de doutor, que ainda tem um peso muito grande na nossa sociedade. Uh, outros porque os pais ou iam mesmo e estudavam, ou iam trabalhar e o mercado de trabalho é algo que [a sorrir] assusta os nossos jovens, sobretudo se não tiverem o tal canudo. Porque vão

orientados na perspetiva...

[ENTREVISTADOR] ... de ter um canudo.

[DOCENTE C] ... de ter um canudo.

[ENTREVISTADOR] É que, nós temos tido assim muitas - sucessivas reformas educativas.

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] Eu, uh, ou se calhar reformas curriculares, depende da...

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... da ideia.

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] Depende da ideia, não é? Então eu não sei se... Há pouco eu fiz-te aquela pergunta 'como é que tinha sido mais ou menos o teu percurso profissional' para saber se tinhas acompanhado mais ou menos essas reformas curriculares.

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] Uh.

[DOCENTE C] Sim. Acompanhei do ponto de vista...

[ENTREVISTADOR] Externo, não é?

[DOCENTE C] ... enquanto encarregada de educação, não é? Porque já passei pela idade dos meus filhos, já passei por um... Por sucessivas...

[ENTREVISTADOR] Por várias reformas, sim.

[DOCENTE C] Sim. Se vires que a minha filha mais velha tem 26 anos uh, e se eu te disser que ela com 26 anos estava muito melhor preparada p'ra entrar na universidade e saiu da universidade muito melhor preparada para o mundo laboral do que a que tem agora 16; eu já até tenho até tenho medo de pensar no que tem 11 como é que irá ser. Portanto, já...

[ENTREVISTADOR] Quais são então - que interesses é que achas que existem por detrás dessas reformas... educativas ou curriculares

[DOCENTE C] [em simultâneo] P'ra já, acho que quem faz as reformas curriculares ou esqueceu-se muito - ou trabalhou numa escola, foi - foi docente e nunca quis ser docente mas, por força das circunstâncias, foi docente porque não lhe calhou outra sorte e quando consegui deixar a profissão — que p'ra mim não é uma profissão, p'ra mim é quase um

estado de alma; ou se é professor ou não se é — quis tanto deixar que esqueceu-se tão depressa do que é que se passava nas escolas, então reformou mal, muito mal, no meu ponto de vista.

Eu acho que há estendermos a... os conteúdos das disciplinas não estamos preocupados em aprofundá-las e uma das principais dificuldades que eu vejo em dia, nos nossos alunos é — p'ra já a capacidade de pensar por si próprio e de pegar num tema e abordá-lo de formas diferentes ou então aceitar que o colega - que os colegas tenham abordado o mesmo assunto numa lógica completamente distinta, e isto p'ra falar na questão da tolerância também. Nós não educamos para o que é diferente.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] Eu sei que o que é diferente está na moda, não é nesse aspeto do género. É no aspeto de que...

[ENTREVISTADOR] Do multiculturalismo, se calhar, o que 'tavas a falar há pouco.

[DOCENTE C] Multiculturalismo, que é o nosso mundo atual.

[ENTREVISTADOR] Sociedade global.

[DOCENTE C] O mundo mudou muito, em muito pouco tempo — as mudanças foram muitas em muito pouco tempo. E nós ainda estamos a absorver algumas: aceitamos umas, não toleramos outras — e todos nós temos os nossos tempos, não é? Mas, - e daí que também ache que o Ensino Privado, o Ensino Católico é algo — independentemente da religião de que — também, não só o Católico Ortodoxo Cristão, porque acho que nós até somos abertos quando abordamos as outras religiões, as outras crenças...

[ENTREVISTADOR] Sim. O próprio Papa fala do ecumenismo e...

[DOCENTE C] O próprio Papa Francisco é o melhor mensageiro da parte ecuménica que deve de ter — e deve ser a base também, de todas as religiões, não é?

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] Mas acho que falta essa parte, e do ensino quando eu falo do ensino religioso é na parte mais humana que é preciso voltar a dar às nossas crianças, aos nossos jovens. Hoje em dia, os Encarregados de Educação, os pais, ou as pessoas com quem vivem os nossos jovens, não têm o tempo disponível que tinham os nossos pais, os nossos avós, os nossos tios. Nós tínhamos uma rede familiar que nos permitia experimentar, entre aspas, a paciência a

várias pessoas do núcleo familiar quase ao mesmo tempo [a sorrir];

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] e umas tinham mais ou menos paciência p'ra explorarem connosco...

[ENTREVISTADOR] ... esses temas, os temas...

[DOCENTE C] os temas que nos passavam pela cabeça. Hoje em dia o que eles têm é um computador, têm acesso à internet ficam desorientados porque recolhem informações sobre aquilo que podia ser um tema de conversa até interessante — de fontes que nós não sabemos, se até são fidedignas, se ou se eles deveriam ler aqueles conteúdos. Nós infelizmente pensamos que os meninos tão sossegadinhos no quarto, estão em segurança.

[ENTREVISTADOR] Hoje em dia não [sorri].

[DOCENTE C] E eu acho que quando eles tão no quarto sossegadinhos com um computador ou um tablet — qualquer acesos que tenham à internet estão tudo menos em segurança, não é?

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE C] Nós não fazemos ideia do que é que os nossos filhos, os nossos jovens 'estão a falar com quem, estão a tratar de que tema?' E isto era tudo para - de que 'távamos a falar — que estava a achar que faltava a parte prática da vida das pessoas e a falta de tempo que nós temos hoje em dia, para tratar de temas simples, e de uma forma mais entendível, no aspeto de não complicarmos tanto e de ajudarmos na orientação

[ENTREVISTADOR] E...

[DOCENTE C] dos nossos jovens p'ra uma vida futura.

[ENTREVISTADOR] E achas que as escolas então deviam também contribuir para isso?

[DOCENTE C] Deviam, porque têm que ajudar as famílias. Neste momento, eu sinto que a escola devia de ganhar uma importância que já teve; os professores, a carreira docente, a vida de - de um professor devia ser mais valorizada, devia de ser mais acarinhada até pelo próprio estado português. Somos nós que estamos, enquanto docentes, em contexto de sala de aula — e muitas vezes fora até da sala de aula — somos nós que estamos mais tempo do nosso dia com os jovens que serão o futuro — são o nosso futuro, ao fim ao cabo; nós vamos depender destes meninos todos que passam por nós. E às vezes passam de uma forma tão ligeira que nós quase que só os vimos enquanto números e não os vimos pr'além desse número que nos

calhou naquele ano letivo,

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] naquele período da nossa vida. E acho que essa vertente está a faltar; as turmas devia de ser mais reduzidas, a carga horária dos docentes no Ensino Básico e Secundário é enorme. Eu como - eu como - eu a formar uh... pessoas na universidade, com auditório cheio, nunca tive tantos alunos como no... Ensino...

[ENTREVISTADOR] Básico!

[DOCENTE C] Sim, e Secundário, não?

[ENTREVISTADOR] Escola massificada, não é?

[DOCENTE C] É. Ficamos a perder nos dois lados.

[ENTREVISTADOR] E... Como é que vêes a questão do Desenvolvimento Sustentável então, nas escolas?

[DOCENTE C] Olha...

[ENTREVISTADOR] A tua disciplina

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] A tua disciplina falas em Desenvolvimento Sustentável?

[DOCENTE C] Falo. Por acaso falo. E tento sempre exemplificar com assuntos atuais. Porque isto de ensinar História que já vem rotulada como sendo uma matéria sobre pessoas mortas, a parte sustentável do desenvolvimento [a rir] fica um pouco - é muito difícil de se incluir. Mas sim, desde, por exemplo — e isto aqui entra num campo que há uma certa confusão com a sustentabilidade — mas sim, quando falo das Guerras Mundiais.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] Isso, p'ra mim é falar também de Desenvolvimento Sustentável. Quando falo da colonização portuguesa, da escravatura, que foi à escala global e que felizmente foi abolida... pelos países da Europa, primeiro, nos próprias metrópoles e depois mais tarde nas suas colónias, falo de Desenvolvimento Sustentável aí. Quando

[ENTREVISTADOR] Mas não falas...

[DOCENTE C] falo da Revolução Industrial, falo de Desenvolvimento Sustentável.

[ENTREVISTADOR] E falas diretamente nesse conceito ou?... 'Tás a falar de temas que podem

ser... perspectivados do...

[DOCENTE C] Dentro do Desenvolvimento Sustentável.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE C] Sim, mas depois eles quase - os meus alunos fazem sempre trabalho de grupo, onde entra - acaba por entrar esse conceito de Desenvolvimento Sustentável,

[ENTREVISTADOR] [acompanha com um murmuro]

[DOCENTE C] porque eles têm sempre — p'ra já — de projetar e quando concluem, fazem uma conclusão, nunca! Eu peço sempre mais do que uma conclusão do trabalho. É mesmo nessa lógica de...

[ENTREVISTADOR] Que é para eles criarem um paralelo

[DOCENTE C] Sim, sim,

[ENTREVISTADOR] com o...

[DOCENTE C] sim, sim.

[ENTREVISTADOR] Muito giro...

[DOCENTE C] E acho que é importante porque há certos - há notícias que entram pela casa adentro, através da televisão, por exemplo — que é o que os miúdos realmente veem mais em família, é televisão — que eles não conseguem ver à luz não conseguem fazer essa... o porquê desse acontecimento, ou melhor, até pode ter alguém - pode estar alguém a ser entrevistado e dar a razão daquele acontecimento, mas uma razão muito... simples, muito — e acho que dentro da lógica do Desenvolvimento Sustentável é preciso ir a jusante da questão e ver as várias etapas para que antecederam a esse acontecimento que estamos a analisar. Isso é, p'ra mim, é Desenvolvimento Sustentável.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] E... a importância que tem para a minha disciplina e eu acho que p'ra tudo na vida, a questão do Desenvolvimento Sustentável, é esse raciocínio que é feito e essa possibilidade de ver as coisas num todo, a longo prazo e não naquele instante. No imediato, que é uma das — p'ra mim — das características da sociedade atual. Tudo é dispensável, tudo é muito espontâneo, e tudo é descartável também — dispensável, descartável, espontâneo — e para o imediato; não é visto numa lógica de implicação p'ra vida individual, nem p'ra vida coletiva — e quando eu digo coletiva não é só de uma cidade ou de um país. Global.

[ENTREVISTADOR] Sim, neste caso da humanidade.

[DOCENTE C] Sim. Global. Falta muito a preocupação com as consequências dos nossos atos — aqueles atos que são praticados no dia-a-dia. Quando - coisas simples.

[ENTREVISTADOR] Por exemplo, a gente uh... em algumas disciplinas — agora não sei assim tanto — mas, por exemplo, pensar na Educação Visual, a gente trabalhava o consumo.

[DOCENTE C] O consumo?

[ENTREVISTADOR] Sim, não sei se sabias disso.

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] 'Tás a falar - isto porque 'tás a falar agora do consumo.

[DOCENTE C] Sim, sim, sim, sim e é importante.

[ENTREVISTADOR] E entretanto, na última reforma, não quer dizer que tenham eliminado.

[DOCENTE C] Mas deixou-se de...

[ENTREVISTADOR] Mas... deixou-se muito para 2.º plano.

[DOCENTE C] E tu percebeste porquê? [diz a sorrir]

[ENTREVISTADOR] Pois, era isso que eu ia-te perguntar! Então porque é que achas que só em certas disciplinas é que se trabalha certas temáticas a ver com Desenvolvimento Sustentável?

[DOCENTE C] É p - então! Sempre que o país entra numa recessão económica há que alavancar o consumo das famílias [a sorrir]. Ora, e como é que nós vamos fazer isso se nós debatemos nas nossas disciplinas o consumo? O excesso de consumo? Eu, por exemplo, tenho imensa dificuldade quando... dou os loucos anos '20,

[ENTREVISTADOR] [acompanha com um murmuro]

[DOCENTE C] em que dou o fordismo, o taylorismo, eu tenho imensas dificuldades em abordar o tema porque aquilo fala-se de consumo desenfreado [diz a sorrir] — e se eu tenho preocupações, se eu acabei de dar uma matéria em que frisei que era importante nós termos cuidados com as nossas ações diárias — porque têm consequências, no ambiente e não só — no sob[r]endividamento das famílias, eu tenho que falar tudo isso na minha disciplina;

[ENTREVISTADOR] Claro, claro.

[DOCENTE C] e depois como é que explico as políticas adotadas, por exemplo, nos EUA e que rapidamente contaminaram toda a Europa para o consumo? Como é que eu explico que, as

famílias recorriam aos empréstimos bancários, não para comprar uma casa como a nossa geração e a geração dos pais dos meninos que estão sentados à minha frente [diz a rir]; é um - são bens essenciais, não é? E às vezes fico surpreendida, porque... o recurso ao crédito é tão fácil hoje em dia, as instituições bancárias vendem crédito a todas as pessoas, àquelas que podem, e àquelas que não podem pagar.

[ENTREVISTADOR] Agora dizem que tamos - que tão mais cuidadosas, não sei se tão mesmo, mas...

[DOCENTE C] Estão mais cuidadosas: há diretivas comunitárias que obrigam a que sejam mais cuidadosas, mas há formas de - há engenharia financeira, que também é praticada nos bancos, que... consegue mascarar, entre aspas, alguns números; há uma coisa fácil: se tu - qualquer pessoa pode declarar na sua situação de IRS — uma coisa simples — pode declarar muito mais rendimento do que aquilo que aufera, por exemplo. Vai a uma instituição bancária, apresenta esse - esse documento que é pedido p'ra tudo,

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE C] e depois de estar com o seu empréstimo, passado uma semana ou duas semanas, o empréstimo que foi lá pedir com base nessa declaração foi aprovado; que é que faz? Volta à repartição de finanças e diz que se enganou na sua declaração de receitas; e o que é que faz? Corrige, paga para a correção que é uma ninharia — não sei quanto é que é atualmente, mas é uma ninharia — paga a correção da sua declaração de IRS e volta à situação normal, e já se endividou e o banco achou que aquela pessoa até podia endividar-se porque declarou que tinha muito mais rendimentos do aqueles que a sua entidade patronal oficial tinha declarado, porque depois há um encontro de contas.

[ENTREVISTADOR] Sim, eles pegam...

[DOCENTE C] Mas eu posso ter uma herança, posso ter recebido uma herança.

[ENTREVISTADOR] Sim, sim podes ter outros rendimentos que não declares, ou que são declarados de outra maneira.

[DOCENTE C] Isso depois há tantas formas. Mas isto para - quando eu abordo - quando 'tavas a falar da questão do consumo – quando por exemplo a questão do - do - do consumismo desenfreado, que foi facilmente...

[ENTREVISTADOR] Sim, da década de '20.

[DOCENTE C] facilmente assimilado pela Europa — que era muito tradicional, muito cumpridora — qual é o meu espanto quando como um bem primário - um bem de primeira necessidade p'ra mim seria a habitação, a alimentação, a habitação — pronto aquelas coisas básicas — mas não, há créditos p'ra tudo. Por isso é que retirou-se de certos conteúdos a questão do consumo moderado, pensado a longo prazo, nos efeitos que podem ter o consumo, por exemplo - por exemplo 'távamos a falar de artigos contrafeitos, no outro dia na sa - na sala de aula, isto porque um entrou e nem sei quê 'tens um pólo do Santo da Serra' que é a feira que tem — pelo aquilo que eles me disseram, produtos contrafeitos ou não sei quê; 'ah, tu é que és tonto de não ires lá porque é igual e é mais barato' e eu disse 'alto aí, vamos parar já por aqui a conversa que isto não é bem assim; estes produtos pra serem vendidos mais baratos a camisola é azul, p'a tingi-la de azul, certamente não se respeitou questões pro ambiente, por exemplo p'às águas – p'rá água que consumimos; não se respeitou a faixa etária das pessoas que tinham a idade p'a estar no mercado de trabalho, a trabalhar; não se respeitou horários de trabalho que estão estipulados por lei; até podem ter sido confeccionados em Portugal, sim — é um país da UE?' 'É'. 'Tem regras?' 'Tem.' 'O mercado de trabalho está legislado?' 'Está.' 'Mas há um mercado de trabalho paralelo'.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE C] Muitas - muitas dessas pessoas perderam os seus empregos em algumas fábricas e que vão trabalhar p'a garagens, vão trabalhar p'a subcaves; não têm hora de trabalho certa, nem de entrada nem de saída.

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] É a nova escravatura, não é?

[DOCENTE C] Não têm feriados, nem ... E então pergunto 'já tínhamos dado a abolição da escravatura, certo?' 'Certo'. 'E isto - que nome é que vamos dar a isto?'

[ENTREVISTADOR] Então, eu - eu acho muito interessante e muito rica essa tua ideia de abordar os conteúdos assim, e - e tu achas que todos os professores de História fazem esse percurso?

[DOCENTE C] Não! Até porque eu já tive essa conversa cá no colégio, com a Diretora Pedagógica.

[ENTREVISTADOR] E não...

[DOCENTE C] E quando me perguntam - pedem pra ficar mais um ano - eu digo - eu respondo, sempre - é preciso ter alguma cautela, porquê? [sorri] Porque eu - eu consigo - eu dou o

programa todo. Eu ‘tava a dizer que o programa é vasto — é vasto

[ENTREVISTADOR] Sim, sim.

[DOCENTE C] Faço, dou o programa tal como o Ministério da Educação manda que seja dado; respeito. Mas introduzo sempre novas abordagens, novas leituras e variadíssimas conclusões sobre os temas que são propostos. Portanto,

[ENTREVISTADOR] Ok.

[DOCENTE C] transgribo um pouco, porque pra mim é importante haver debate na sala de aula. As minhas aulas são dadas de porta aberta também, por uma questão de salvaguarda minha e das minha — dos meus alunos, porquê? Não quero ser acusada de ‘como é que eu consigo dar o programa todo, de abordar coisa diferentes, de formas diferentes?’ Então uma das formas que eu tenho é as minhas aulas são sempre dadas de porta aberta, também porque quem não se sentir bem eu deixo sempre sair. Às vezes tratamos de questões em História, que são de uma sensibilidade. Estou a dar por exemplo, os direitos laborais; o 1.º de maio de 1968 — por exemplo, ou o 25 de abril; pronto. Eu não vou dar o 25 de abril — os cravos, e a senhora vendeu os cravos e espetou os cravos lá no coisa, e aquilo não houve mortos nem feridos. É mentira.

[ENTREVISTADOR] Então tu tens uma abordagem mais...

[DOCENTE C] Sim. E trago documentos. É mentira, mas não é porque eu ‘tou a dizer que é mentira. Eu trago documentos, e às vezes p’ra miúdos de 8.º ano, de 7.º ano — eu faço - eu faço isto - já fiz no 5.º e no 6.º — é preciso que as pessoas - que os miúdos tenham consciência do mundo em que vivem. E se eu dou um documento com - escrito na primeira - escrito por uma pessoa que - por uma menina que na altura tinha 11 anos e conta — agora que é professora catedrática — publicou um livro — por exemplo, isto é só um exemplo — transcreve das suas memórias aquilo que via da janela do seu quarto, às 3 e às 4 da manhã: ouvia crianças a chorar, a soluçar, em pleno inverno, por exemplo. E depois o texto vem com pormenores: as crianças choravam, soluçavam, ‘tavam descalças, não tinham abrigos, não tinham casacos; tentavam entrar nas fábricas pelas vedações que tinham pedaços cortados, tentavam entrar p’ra quê? Para que, quando a fábrica abrisse às 7 ou às 8 da manhã, tivessem assegurado a sua jornada, o seu dia de trabalho — tamos a falar de crianças com 5, 6, 7, 8, 9 anos, que não podiam voltar a casa, ao final do dia, das 12 ou das 14 horas de trabalho, sem aquela jornada, sem o pagamento daquele dia.

[ENTREVISTADOR] [acompanha com um murmuro]

[DOCENTE C] Claro, as crianças - tem crianças sensíveis que choram, quando leem este documento.

[ENTREVISTADOR] Claro.

[DOCENTE C] Mas eu não vou dizer que o maio de '68 foi porque andava toda a gente muito eufórica, muito histérica e que resolveram — não! São direitos humanos, de pessoas, de trabalho, de vida. As mulheres, quando eu digo que as mulheres não tinham acesso à escola, as raparigas eram orientadas, eram formadas de forma diferente, dava-se formação diferente às raparigas do que se dava aos rapazes.

[ENTREVISTADOR] Sim, as...

[DOCENTE C] Pessoas que têm a idade dos seus avós: 'Ah então é por isso que o meu avô queria que o meu pai estudasse!' Ah, pois. 'Então foi por isso que o meu a - o meu tio não foi estudar na universidade, mas a minha mãe foi! Porque o meu avô queria muito...'

[ENTREVISTADOR] 'Tás a falar de — [es]tás a falar do ensino liceal...

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] e industrial...

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... por exemplo.

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro]

[DOCENTE C] E - e é preciso que estes - estes jovens percebem — mais uma vez aqui é p'ra te dizer — que percebam o ponto essencial de todo este desenvolvimento.

[ENTREVISTADOR] Sim, que isto é...

[DOCENTE C] Ai, dia de eleições.

[ENTREVISTADOR] [sobrepõe-se à entrevistada] Não é uma coisa de - dos últimos 30 anos, como foi quando surgiu esse Desenvolvimento Sustentável [estala os dedos várias vezes], [impercetível] nem...

[DOCENTE C] Sim! Eleições: os meninos - os pais foram votar? Não quero saber em que partido, que eu não falo de partidos políticos no colégio; não falo — recuso. Os pais foram

votar? 'Ah, professora... Ah fomos p'a Serra' ou 'tava bom tempo, fomos p'a praia e não sei' e 'não foram votar, não? E vocês não explicaram a importância que era?' - 'ah, eu disse à minha mãe, ou eu disse ao meu pai' ou então dizem 'ah professora, os meus pais não iam, mas eu falei e - é importante'; p'ra eles é um dado tão adquirido; estes direitos tão adquiridos que — p'ra quê? Uma maçada! P'ra quê que eu vou votar?

[ENTREVISTADOR] Porque ninguém - porque não fazem parte da geração, nem os pais fizeram parte da geração que lutou p'ra ter poder de voto. Pronto é...

[DOCENTE C] Disse: 'O que é que vocês querem? Querem que a gente regresse àqueles tempos que nós no outro tivemos a falar ou...?' 'Não' 'Então?'

[ENTREVISTADOR] Tu achas que as escolas têm liberdade e até interesse em desenvolver temáticas assim, como tu fazes? E, pensando no meu caso, que eu ando à procura de Desenvolvimento Sustentável no currículo — achas que as escolas têm interesse e...

[DOCENTE C] Eu acho que deviam...

[ENTREVISTADOR] ... podem, tem liberdade e têm interesse nisso?

[DOCENTE C] Eu acho que sim. Eu acho que depende. Olha, p'ra já eu acho que as escolas deviam de... de ter como ponto de partida toda a lógica que está assente no - naquilo que é Desenvolvimento Sustentável, p'ra já. E têm liberdade p'ra isso, só que dá trabalho e maçada. E também, p'ra mim, eu ia muito menos cansada p'ra casa diariamente, se... limitasse apenas ao que vem escrito nos manuais de História. Acho que nós somos os atores principais, por isso, quando eu digo que o Estado Português não reconhece ou não cria condições para que a soci - a sociedade reconheça a importância dos professo — de um professor na sala de aula é - é dentro dessa - dessa lógica.

[ENTREVISTADOR] Mas isso também já é uma coisa que já vem de há 150 anos atrás, pelo menos, acho eu.

[DOCENTE C] Infelizmente, se eu te disser que às vezes... às vezes fico indignada até, porque há bons e maus profissionais em todas...

[ENTREVISTADOR] Sim, em todas as áreas.

[DOCENTE C] ... Em todas as áreas! Nem eu sou melhor que nenhum dos nossos colegas — mas também não sou pior (nem quero ser). Acho que todos nós devemos de motivar os nossos alunos, não vê-los numa lógica de hmm — são os nossos compradores, porque eu, ao

fim ao cabo quando venho dar uma aula [a sorrir], eu venho vender uma ideia.

[ENTREVISTADOR] Sim.

[DOCENTE C] Eles são os meus consumidores. [a sorrir]

[ENTREVISTADOR] São clientes.

[DOCENTE C] São os meus clientes. Mas quando eu digo que são os meus clientes, não são clientes na versão economicista do termo; são clientes —podes vender tanta coisa, e eu gosto de vender conhecimento, gosto de vender experiências, gosto de vender sonhos, ao fim ao cabo, e motivação. Motivação. E eu gosto - e os meus alunos têm que tar sempre motivados; e eu digo sempre quem não quiser tar na minha aula, eu jamais marcaria falta a um aluno que me dissesse 'professora eu não quero ouvi-la nem mais um minuto' e eu ia compreender. E não ia marcar falta. E ia dizer pra ele ir pra rua, quando quisesse voltar, voltaria - claro que no nosso colégio...

[ENTREVISTADOR] Sim, isso não é assim muito possível.

[DOCENTE C] ... não é assim. Mas, pronto, é uma das grandes diferenças que eu noto. Eu até acho que às vezes alguns deles até, se calhar, até gostariam de ir — eles arejar - arejar podem ir, mas por acaso não tem acontecido, que eles querem sempre ficar p'a ouvir mais. Mas sim, quando tu tens - tens turmas diferentes cá dentro. Eu tenho conteúdos que não abordo de igual forma uh, em todas as turmas. Também isso é importante.

[ENTREVISTADOR] Isso faz - isso faz-me lembrar aqui - remete-me pra uma das perguntas que eu tinha - eu tinha pra te fazer. Tem a ver precisamente com isso; é que há autores que defendem que a gente deve — autores e...

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] ... académicos — que defendem que a gente deve ter um currículo igual p'ra todos.

[DOCENTE C] P'ra todos.

[ENTREVISTADOR] E há aqueles que dizem que... devemos permitir a existência de várias práticas curriculares,

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] conforme o contexto.

[DOCENTE C] Sim. Eu sou completamente de acordo com a 2.^a opção.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE C] E até te vou dizer que tive um caso este ano e deixei ficar registado em ata — não sei se registaram, porque há colegas que não aceitam esta abordagem que eu fiz. Eu tenho uma aluna de 8.º ano — se calhar até já foi tua, a Marta Pereira...?

[ENTREVISTADOR] Hmm, do 8.ºC?

[DOCENTE C] 8.ºA.

[ENTREVISTADOR] Ah sim, foi. Chegou a ser.

[DOCENTE C] Portanto ela... 'tava a ser retratada como desmotivada, não queria saber nada com a escola, era preciso 'Marta abre o caderno', era preciso 'Marta... é o caderno da disciplina', 'Marta é o livro', ir ao lugar endireitar o manual, que o manual 'tava [impercetível]; e eu não 'tava a rever aquela aluna e ela já é minha aluna já há 3 anos. Eu disse 'Isso não pode ser a minha Marta!' É a Marta, em quase todas as disciplinas. Na minha, felizmente, ela não é assim. E a pessoa que até estava a colocar a questão era uma pessoa da tua área, e eu era assim "eu sei que a Marta, por exemplo - sei que a Marta — porque eu gosto de conversar com eles fora da sala de aula, porque na sala eu digo 'trabalho é trabalho, conhaque é conhaque' mas no pátio, às vezes converso — às vezes, nem sempre que também há dias que eu não consigo; e eles respeitam, eles percebem — às vezes é a subir [a caminho das salas de aula] — não interessa. Isto p'ra dizer que a Marta é excelente e que a Marta passava todas as aulas a desenhar. Eu disse: 'bem, isso é verdade. Ela — 'tou a dar um acontecimento e ela 'tá a desenhar.' E eu pensei: 'há uns que tiram apontamentos, e os apontamentos dela é o desenho.' Eu vou penalizá-la por aquela ser a forma de se expressar? Ela faz-me os testes todos escritos, não desenha, faz os testes escritos. Uma excelente aluna, pelo menos em História, porque gosta de História Mundial — nem sempre eu posso, mas quando eu posso faço um paralelo, dou um saltinho: se for ao Oriente, ela adora. Pronto, eu sei. Aqueles alunos que seriam mais desmotivados, eu tento ir ao encontro daquilo que os motiva, daí que eu defenda que se crie — e tenho turmas que é a turma toda assim; 'tou a falar por exemplo do 8.ºF — mas só p'ra retomar esta aluna: eu sei que ela ganhou de presente uma mesa gráfica. Como é que nós não conseguimos avaliar em desenho, em EV? 'Ah, ela só quer desenhar banda desenhada — ela só quer desenhar banda desenhada' é manga, Japão, que ela agora anda na loucura do Japão.

[ENTREVISTADOR] Ah, já o ano passado.

[DOCENTE C] E isso é um problema, para a disciplina de EV, quando se está a dar desenho?

A banda desenhada?

[ENTREVISTADOR] Eu não sou exemplo com essa miúda. Mas ela foi a unidade de banda desenhada que ela deu e diz que é só...

[DOCENTE C] Não, ela não deu banda desenhada, ela deu desenho.

[ENTREVISTADOR] Isso não 'tá no programa de 8.º.

[DOCENTE C] Não está no programa. E ela ficou com uma nota sei lá de quê. E isto é um exemplo. E por exemplo, nos meus trabalhos, eu até disse 'Marta, se você quiser fazer uma banda desenhada do acontecimento histórico, eu até agradeço'. Claro que isso foi música pr'os ouvidos dela, mas a informação 'tava lá toda, Valdemar — toda. Ok, é uma aluna numa turma. É - consigo gerir bem. Tenho uma turma que é toda assim; é complicado.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE C] Mas, não deixa de ser um desafio. Faço adaptações, faço — p'ra essa turma. Uh, dei o programa todo. Há assuntos que eu não posso abordar de forma tão intensa.

[ENTREVISTADOR] Mais profundamente, sim.

[DOCENTE C] Como por exemplo: as crianças terem que - que ir trabalhar — porque tenho ali crianças que foram maltratadas pelos pais, que são - que foram obrigadas a isto ou aquilo — portanto, depois tu tens que ter o panorama geral da turma para poderes desenhar uh, a forma de abordagem ou mesmo o trabalho na sala de aula dos conteúdos. Tens de ter cuidados — tens. É cansativo? É. Dá imenso trabalho? Dá. P'ra mim que tem mais resultados — sem dúvida nenhuma. Não dei nenhuma negativa nessa turma.

[ENTREVISTADOR] E... o que é que achas, por exemplo, voltando à temática de Desenvolvimento Sustentável e -

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] de educar para isso...

[DOCENTE C] Para isso.

[ENTREVISTADOR] de Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

[DOCENTE C] Queria dizer duas coisas que ainda não disse.

[ENTREVISTADOR] Ah ok, 'tá à vontade.

[DOCENTE C] Uma é que o Município do Funchal — se tu quiseres aproveitar p'ra outra parte — está inserida na Rede Portuguesa de Cidades Educadoras -

[ENTREVISTADOR] Cidades Educadoras, sei, sei.

[DOCENTE C] e isto é importante pra nós, porque foi neste âmbito que nós promovemos a tal conferência — que já é a 3.^a — 'Desafiar a Escola' que devia de ser realizado numa altura do ano em que mais docentes pudessem estar presentes; é muito importante.

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] Isso foi em abril, não foi?

[DOCENTE C] Foi. 12 de abril.

[ENTREVISTADOR] Eu achei muito interessante, só que...

[DOCENTE C] Muito. Colegas da Universidade da Madeira que eu não conh - não conhecia. Chegaram há 2 anos, à Universidade (pra mim era uma novidade completa) que falaram sobre, por exemplo, a 'Economia da Felicidade' — melhor pro Desenvolvimento Sustentável...

[ENTREVISTADOR] Sim, sim. Ok, falaram daquele — daquele país, o Butão?

[DOCENTE C] Ele não — ele não falou; ele quis dar exemplos concretos daquilo que se fazia em Portugal, ao nível dos curr[ículos] — das escolas, dos trab[alhos] — das empresas, para que ... fosse uma componente a ter em conta, a felicidade nestes contextos.

[ENTREVISTADOR] [em simultâneo] Mas, no nosso país...

[DOCENTE C] Tu podes ir pra...

[ENTREVISTADOR] ... a nível de empresas há sempre aí a parte financeira por detrás; há sempre -

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] aí o incremento financeiro, não é?

[DOCENTE C] Mas sabes, curiosamente ele deu o caso da Microsoft — se não me engano — em Portugal, e a Google...

[ENTREVISTADOR] A Google em Portugal, não sei se tem...

[DOCENTE C] Tem, acho que tem uma...

[ENTREVISTADOR] ... Deve ter alguma representação.

[DOCENTE C] uma representação. Acho que era a Google. Eu acho que era a Google. Até fez-me - fiquei assim — uh, por exemplo, isto já tem alguns temp - algum tempo, mas acho que

era a Google, tenho quase a certeza que era a Google, mas eu depois posso confirmar — que por exemplo uh, porque as pessoas depois perguntam - mas isso depois disso tem uma implica - implica um investimento financeiro grande da parte — teres trabalhadores por turnos, por exemplo; tens que ter o dobro ou o triplo dos - do número de funcionários e não sei quê. Ele disse, mas no âmbito geral, nos resultados globais, finais, das empresas, ele conseguiu demonstrar que é sempre mais positivo [a sorrir].

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE C] Ah, portanto, esse investimento tem sempre um retorno e o retorno é sempre maior do que aqueles que não investiram nesse campo.

[ENTREVISTADOR] Do que o investimento, sim, sim.

[DOCENTE C] Por exemplo, uh... o teu filho dormiu mal durante a noite, ou dormiste mal durante a noite por causa do teu filho, que teve doente ou não sei quê; em vez de entrares às 8, só vais conseguir chegar à empresa às 10 da manhã. Chegaste às 10, em vez de saíres às 4 como - diariamente até podias sair, se entraste às 8, vais sair às 6 mas não vais sair a protestar 'ah, eu trabalhei mais 2 horas!' — não! 'Eu entrei mais tarde porque precisei' ou 'então vou ter que sair às 2 à mesma, porque o meu filho não está melhor' — na maior! No dia seguinte ficas lá 10 horas, mas ficas bem, ficas contente; 'o meu filho já 'tá bem; eu tenho quem fique com ele, e vou ficar e fico feliz e trabalho bem'.

[ENTREVISTADOR] Sim, a política da - da Google, em relação a isso, já é mais ou menos assim há anos. Eu sei que no...

[DOCENTE C] Ele falou também naquela Vodafone...

[ENTREVISTADOR] ... Na sede deles... na sede da - da Google eu sei que eles...

[DOCENTE C] Tem outro nome...

[ENTREVISTADOR] ... Têm ainda — são um pouco ainda mais liberais: estabelecem objetivos e...

[DOCENTE C] Sim, trabalho dos objetivos — ele também falou; trabalho a partir de casa...

[ENTREVISTADOR] Exato. Trabalho — permitem essas modalidades todas.

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] E têm lá... lá outras comodidades...

[DOCENTE C] Eu por acaso sobre isso tenho outra — e aliás, na altura até expressei a minha...

a minha... leitura. Essa coisa de 'ah, as mulheres podem trabalhar a partir de casa': eu vejo isso como duplicação de tarefas ou triplicação. 'Ok, vou fazer o almoço, vou cuidar do menino, entretanto vou cumprir um objetivo'. Quando eu chego às cinco da tarde, o que é que me acontece? Eu sento-me no — ou então encosto-me a uma parede, já me aconteceu — e adormeço.

[ENTREVISTADOR] Sim; sim aí...

[DOCENTE C] Nós ainda estamos -

[ENTREVISTADOR] Isso aí é...

[DOCENTE C] Valdemar nós ainda estamos muito cá p'a trás nesse aspeto.

[ENTREVISTADOR] O mercado de trabalho é masculino, sem dúvida.

[DOCENTE C] Muito. É um patriarcado.

[ENTREVISTADOR] É, é um patriarcado, sim. O capitalismo é associado ao patriarcado.

[DOCENTE C] Sim. Eu apesar de estar num partido que defende — e ter uma presidente que defende, as cotas [hesita] é assim, eu não sou radical em nada na vida. E também ... não acho... não aceito bem — e por exemplo este ano tive que fazer um discurso sobre a comemoração do Dia Internacional da Mulher...

[ENTREVISTADOR] [sorri] Que é um absurdo.

[DOCENTE C] ... E custa-me horrores. Custa-me horrores.

[ENTREVISTADOR] Que é um absurdo.

[DOCENTE C] Eu comecei por dizer a uma plateia cheia de mulheres... algumas com vidas complicadas... algumas só têm aquele dia no ano p'ra sair.

[ENTREVISTADOR] Pois, pois. Por aí... é — mas é...

[DOCENTE C] E eu era assim 'bonito! E agora? Tudo o que eu escrevi há meia hora atrás, num papel — em casa, no carro, não sei onde, que às vezes é no carro! Não [es]tá - não vai fazer sentido!' Eu disse 'bem, vou esquecer o papel e vou olhar p'ra cada uma delas', pelo menos aquelas que 'tavam mais à frente e falar-lhes daquilo — comecei por dizer que era completamente contra -

[ENTREVISTADOR] ...o Dia da Mulher.

[DOCENTE C] a comemoração deste dia e tinha o meu presidente e o meu vice-presidente ao meu lado. Claro que eles não 'tavam — eles deram-me abertura p'a eu abordar o tema

conforme eu quisesse; não ‘tavam à espera d’outra coisa porque já sabem mais ou menos como é que eu penso. Mas, também lhes disse que percebia — e recuei — mais uma vez tive que recuar à História — Estados Unidos, pá-tá-ti-pá-tá-tá, das mulheres, o direito, tudo aquilo que a gente alcançou — e também lhes disse que elas - aquelas que tinham filhas e filhos — gostaria de tê-las ao meu lado no dia em que as cotas fossem necessárias para os homens [ênfase nesta última palavra]

[ENTREVISTADOR] [sussurrou] Pois.

[DOCENTE C] porque nesse dia eu vou estar na linha da frente também. Percebes? Eu acho que isto tem a ver mais — e o Desenvolvimento Sustentável vai nesta linha. O mérito daquilo que fazemos hoje p’á colhermos [ênfase nestas últimas palavras] daqui a 20 anos a 30 anos tem que ter sido — tem que ser tido em conta.

[ENTREVISTADOR] Pois.

[DOCENTE C] E é muito fácil — sobretudo se tu entrares no campo da política — de mascarar tudo aquilo que foi feito. Por isso é que o Desenvolvimento Sustentável — p’ra mim — [es]tá sempre em risco. Todos os dias ‘tá em risco. Todos os dias ‘tá em risco, Valdemar. Todos os dias. E uh, invariavelmente por questões... tecnocratas, por questões financeiras... e custa-me porque nós não trabalhamos todos pelo mesmo, e o mais importante que nós temos é o nosso — é o mundo em que vivemos; é a sociedade em que vivemos, é a sociedade que nós estamos a formar, e aquelas pessoas que têm filhos — e como eu tenho — têm às vezes dificuldade em perceber ‘aonde é que eu estou a inserir os meus filhos?’ Porquê? Porque foi mais fácil tomarmos medidas políticas, medidas da educação — cenário da educação - medidas na área da saúde foi mais fácil, tomá-las para... médio, pequeno e médio prazo -

[ENTREVISTADOR] Do que p’ra longo prazo, sim.

[DOCENTE C] portanto não se está a construir um futuro quando nós estamos a esquecer o Desenvolvimento... Sustentável. E é muito bonito, ‘tá muito na moda, a sustentabilidade, mas na prática, é quase impraticável — ou melhor, é praticada... uh, 50 vezes ao ano, quando o ano tem... muitos mais dias, percebes? E isso p’ra mim é preocupante.

[ENTREVISTADOR] Aqui, o... [hesita] Aquela definição que eu tenho aí de Desenvolvimento Sustentável ...

[DOCENTE C] Sim. Que ‘tá muito bem feita, que eu gostei.

[ENTREVISTADOR] Acho que... Não fui eu que fiz,

[DOCENTE C] Sim, sim, sim. Mas vi, vi.

[ENTREVISTADOR] isso é a definição da ONU mesmo.

[DOCENTE C] Sim, eu vi.

[ENTREVISTADOR] Falam aí dos 3 pilares da...

[DOCENTE C] Sim; que eu até pus aqui.

[ENTREVISTADOR] ... do Desenvolvimento Sustentável.

[DOCENTE C] Sociedade, Ambiente e Economia.

[ENTREVISTADOR] Isso — e há muitos autores que criticam o Desenvolvimento Sustentável porque só se fala

[DOCENTE C] Sim.

[ENTREVISTADOR] de — ou só se trabalha mais um desses pilares do que outros.

[DOCENTE C] Verdade. E é o ambiente. Quando se fala de Desenvolvimento Sustentável, eu vejo que é —na minha perspectiva — é mais trabalhado na parte do ambiente — não é trabalhado, é mais divulgado (assim é que é). O Desenvolvimento Sustentável aparece mais vezes associado a notícias, a trabalhos, a projetos na área do ambiente, mas na prática é aquilo que tu vêes.

[ENTREVISTADOR] Não tem impacto, não é?

[DOCENTE C] Não tem impacto. E sempre que seja - que seja necessário tomar medidas cujos resultados só veremos p'ra lá dos 4 anos, dos mandatos de cada partido político [a sorrir] — esquece, é só mesmo porque fica muito bem no texto — no meu ponto de vista.

[ENTREVISTADOR] [consente com um murmuro] Pois, acho muito gira essa ideia, de ultrapassar os 4 anos...

[DOCENTE C] Portanto,

[ENTREVISTADOR] ... de prazo político.

[DOCENTE C] o longo prazo — o longo prazo na política são quatro anos.

[ENTREVISTADOR] São 4 anos.

[DOCENTE C] O impacto de 4 anos, na nossa vida, tu sabes como é que é. Na vida de uma sociedade, na vida do nosso mundo — é zero!

[ENTREVISTADOR] Pois. [pausa] Prontinho. Eu acho que eu não tenho assim mais nada p'ra te perguntar. Isto já se 'tá a alongar, não é?

[DOCENTE C] Não, vê.

[ENTREVISTADOR] Deves ter coisas p'ra fazer.

[DOCENTE C] Não sei se te fui de ajuda.

[ENTREVISTADOR] Ui, foi.

[DOCENTE C] Se fui de utilidade. Se era isso...

[ENTREVISTADOR] A ideia era

[DOCENTE C] ... Se era isso que tu querias.

[ENTREVISTADOR] Era... A ideia era mesmo pedir a tua opinião acerca destas temáticas, não era...

[DOCENTE C] Se era isso que tu querias. Desculpa que eu sou um pouco crítica.

[ENTREVISTADOR] E acho muito bem que assim sejas.

[DOCENTE C] E não sou só da boca p'ra fora. [bufa ar] De volta e meia... pronto, a coisa não corre assim tão bem, porque tudo aquilo que é diferente causa impacto e as pessoas não aceitam. Lá está, as tuas ideias quando não são p'a efeito imediato, não são bem acolhidas.

[ENTREVISTADOR] Ficam esquecidas, não é?

[DOCENTE C] Esquecidas.

[falam da relação da entrevistada com o feminismo; falou do mestrado acerca da perceção europeia sobre as mulheres indígenas do Brasil, dos Descobrimentos Portugueses — a área de especialização da entrevistada — a sua revolta em relação à imagem de grandeza dos Descobrimentos; falaram da Língua Portuguesa e dos “ataques” através dos acordos ortográficos; falam da língua enquanto património valioso. Falou da sua experiência com os regionalismos da Madeira, quando trabalhou no DN da Madeira. Falou do falecimento do Professor de História, João Adriano e da relação profissional proveitosa que teve com ele; falou do acervo rico de História da Madeira, de fontes diretas]

[ENTREVISTADOR] Deixa-me só terminar aqui: são duas horas e eu vou terminar a gravação.